



REVISTA

Palmares

CULTURA AFRO-BRASILEIRA

ANO II - NÚMERO 3 - DEZEMBRO 2006

ISSN 1808-7280



PERÓLAS NEGRAS

Prêmio Nobel da
Paz Wangari Maathai



ENSAIOS

A Crisálida do Teatro
Negro no Brasil
Petrônio Domingues



ENSAIO VISUAL

Exposição Mulheres
de Ébano
Lucy Barbosa



ENTREVISTA

Angélique Kidjo



e Editorial

2006 foi o ano internacional da Fundação Cultural Palmares. Participamos da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, organizada pelo Governo Brasileiro, por meio do Ministério das Relações Exteriores, em Salvador, no mês de julho deste ano. Participamos também da 1ª Conferência Regional das Américas contra o Racismo, organizada pela SEPPIR, em Brasília e estivemos presentes no 7º Seminário Internacional de Literaturas Afro-Luso-Brasileiras, organizado pela Universidade Estadual de Santa Cruz, na Bahia. Nestes eventos, emergiu como tema central o Renascimento Africano, expressão contemporânea do Pan-Africanismo. Por tudo isto, o nº 3 da Revista Palmares é especialmente dedicado a este tema e veicula entrevistas, idéias e intervenções que neles estiveram presentes.

Para que este número fosse possível, contamos com a colaboração da jornalista Céres Santos e do grupo de jovens jornalistas que compõem o Laboratório de Mídia Étnica de Salvador, na Assessoria de Comunicação do Fórum de Diálogos entre Intelectuais e Comunidades negras ocorrido no bojo da 2ª CIAD e na cobertura da 1ª Conferência Regional das Américas. Fundamental na realização da 2ª CIAD e do Fórum de Diálogos África-Diáspora foi a parceria com a Universidade Federal da Bahia - UFBA e a universidade do Estado da Bahia/UNEB. Agradecemos à artista plástica Lucy Barbosa, autora da exposição Mulheres de Ébano, realizada em Salvador, como parte da CIAD-Cultural, integrada à 2ª CIAD, que nos cedeu belíssimo Ensaio Visual. Agradecemos igualmente à Dra. Elisalva Madruga, da Universidade Federal da Paraíba, que nos cedeu para publicação a preciosa Antologia de poemas africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros.

Esperamos que este número especial contribua para a reafirmação do compromisso de intelectuais negros de todo o mundo com o desenvolvimento cultural, econômico e social de todas as comunidades negras, no continente africano e nas diásporas.

Ubiratan Castro de Araújo

Editor-Chefe



Editorial

EDITORIAL

IDÉIAS

Resolução final do Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, Paris, setembro de 1956

04

Primeiro Festival Mundial das Artes Negras, Dakar, abril de 1966.

Léopold Sedar Senghor

05

Discurso do Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, na inauguração do Instituto de Renascimento Africano (Pretória, 11 de outubro de 1999)

Thabo Mbeki

08

LITERATURAS E ARTES

Apresentação

Oliveira Silveira

13

Antologia de Literatura africano e afro-brasileiros

14

ENSAIO VISUAL

Exposição Mulheres de Ébano

Lucy Barbosa

46

ENSAIOS

O Cinema Negro na África e na Diáspora

Celso Prudente

48

A Crisálida do Teatro Negro no Brasil

Petrônio Domingues

52

Marcas da Matriz Africana na Atualidade

Jurema José de Oliveira

54

Reflexões sobre a Literatura Angolana

Manuel dos Santos Lima

57

RESENHAS

Cada Tridente em Seu Lugar

Rosane Borges

62

A Influência da religião Afro-Brasileira na obra de Mestre Didi

Jônatas Conceição

64



ENTREVISTA

Angelique Kidjo

66

FALA NEGRA

Os prós e os contras

Sueli Carneiro

74

**Repensando as estratégias de
desenvolvimento econômico e social**

Silvio Humberto Passos

76

**O cyber espaço: uma ferramenta para construção
do protagonismo da população afro-brasileira**

Fernanda Felisberto

77

A Imprensa e as cotas, visto por nós, leitores

Humberto Adami

79

MOSAICO

Literatura da África e da Diáspora

81

**Deputada da Costa Rica defende aprovação
do Estatuto da Igualdade Racial brasileiro**

83

Conferência Regional das Américas Contra o Racismo

84

**Juventude lança o Laço Laranja, símbolo
do Combate ao Extermínio de Indígenas e Negros**

86

Cineasta propõe debate permanente sobre mídia e racismo

87

Rede Palmares de Comunicação 2006

88

Leci Brandão mescla música e ação política

90

PERÓLAS NEGRAS

Prêmio Nobel da Paz Wangari Maathai

92



IDÉIAS apresenta nesta terceira edição da Revista Palmares - Cultura Afro-Brasileira um dossiê com os principais documentos que embasaram o surgimento do Movimento Pan-Africanista. O primeiro documento trata da Resolução Final do Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, realizado em Paris, em setembro de 1956. Na sequência, destacamos o texto sobre o Primeiro Festival Mundial das Artes Negras, realizado em Dakar, Senegal, em abril de 1966, onde o presidente senegalês Léopold Sedar Senghor ressaltou a importância de se fortalecer ainda mais a unidade africana. O último texto apresentado é o Discurso do Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, durante inauguração do Instituto de Renascimento Africano, ocorrido em Pretória, em 11 de outubro de 1999. Essa pequena coletânea de textos sobre o Pan-Africanismo reflete o propósito da Fundação Cultural Palmares de reforçar cada vez mais a relação brasileira e africana com a diáspora. Uma boa leitura!

Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros na Sorbonne

RESOLUÇÃO FINAL

O congresso dos escritores e artistas negros reunidos em Paris nos dias 19, 20, 21 e 22 de setembro de 1956,

CONSIDERANDO,

1. Que os trabalhos do Congresso revelaram um imenso interesse do inventário, realizado durante estes dias, relativo às diversas culturas negras que foram sistematicamente reconhecidas, subestimadas, às vezes destruídas;

2. Que se constatou a necessidade imperiosa de redescobrir a verdade histórica e revalorizar as culturas negras – a ignorância e a apresentação equivocada ou tendenciosa desta verdade tendo contribuído para provocar a crise que atinge a cultura negra em si na suas relações com a cultura humana em geral;

CONVIDA artistas escritores, teólogos, pensadores, cientistas e técnicos a participar desta tarefa histórica de fazer reviver, reabilitar e desenvolver estas culturas para favorecer sua integração no conjunto de cultura humana.

NÓS, escritores, artistas e intelectuais negros, diversos pelas nossas ideologias políticas e nossas crenças religiosas, constatamos a necessidade de nos reunir nesta etapa crucial da evolução da

humanidade para confrontar de forma objetiva com os nossos pontos de vista sobre a cultura e estudá-los enquanto homens conscientes de nossas responsabilidades perante nossos povos, perante os povos coloniais e semi-coloniais e perante todos os homens livres e de boa vontade.

NOS PARECE indigno de um verdadeiro intelectual hesitar em se posicionar sobre questões essenciais em servir a injustiça e o erro.

EXAMINARMOS nossas culturas em si mesmas e em função das condições sociais e gerais que as afetam: o racismo e o colonialismo.

ESTIMAMOS que o desabrochar da cultura esteja condicionado pelo fim destas vergonhas do século XX: o colonialismo, a exploração dos povos fracos e o racismo.

CONSIDERAMOS que todo povo deve poder tomar conhecimento efetivo dos valores de sua cultura nacional (histórica, língua, literatura, arte, etc) e beneficiar de instrução e de educação no quadro de sua própria cultura.

NOSSO congresso lamenta a ausência involuntária de uma

delegação da África do Sul.

NOSSO Congresso registra com satisfação os progressos cumpridos nestes últimos anos no mundo, progresso que deixa prever uma abolição geral do sistema colonialista, assim como a liquidação definitiva e universal do racismo.

NOSSO Congresso convida todos os intelectuais negros a unirem seus esforços para que se tome efetivo o respeito dos direitos do homem, qualquer que seja sua cor, seu povo e sua nação.

NOSSO Congresso engaja os intelectuais negros e todos os homens movidos pelo senso de justiça para a criação de condições concretas para o renascimento e o desabrochar das culturas negras.

NOSSO, que presta homenagem às culturas de todos os países e aprecia suas contribuições ao progresso da civilização, conclama todos os intelectuais negros a defender, ilustrar e difundir no mundo os valores nacionais de seus povos.

NÓS, escritores e artistas negros, proclamamos nossa fraternidade a todos os homens e esperamos deles que manifestem a nossos povos a mesma fraternidade.

Primeiro Festival Mundial das Artes Negras:

Dakar 1° - 24 de Abril de 1966

Discurso de abertura do Presidente Léopold Sedar Senghor

Sentimos muito profundamente a honra que nos é dada de acolher, na ocasião do I Festival Mundial de Artes Negras, tantos talentos vindos dos quatro continentes, dos quatro horizontes do pensamento. Mas o que nos honra, acima de tudo, e o que constitui o seu maior mérito é que terão participado de uma ação ainda mais revolucionária do que a exploração do cosmos: a elaboração de um novo humanismo, que incluirá, desta feita, todos os homens que em nosso planeta Terra.

Assim, o Senegal, e Dakar em primeiro lugar, respondendo desta forma à sua vocação, os acolhe como eminentes convidados. Pois, tal como uma charrua negra, lançada no oceano fértil, Dakar sempre respondeu ao chamado dos Alísios, à saudação dos visitantes do mar e do ar, para estabelecer os diálogos que dão origem as civilizações, à Cultura pelo menos.

Ei-nos, portanto, aqui reunidos, etnólogos e sociólogos, historiadores e lingüísticas, escritores e artistas. Vocês terão de procurar, de dizer a função da Arte Negra na vida dos povos negros. A função, ou seja, os sinais, mas essencialmente além dos sinais: seu significado. Modestamente, hoje quero falar na qualidade de antigo militante da Negritude e falar menos sobre a função e o significado da Arte Negra – o que, aliás, já tentei fazer -, e mais da função e do significado damos, nós, os senegaleses, a esse I Festival Mundial das Artes Negras. Em poucas palavras: se assumirmos a terrível responsabilidade de organizar esse Festival, foi em defesa e para a ilustração da Negritude.

Pois, se continua, aqui e ali, pelo mundo afora, a negar a Arte negra com a Negritude,

quero dizer, os valores negros da civilização. E, quando não se pode mais negá-la, essa Arte negra, de tanto que é manifesta, tenta-se retirar-lhe a originalidade: sua verdade humana.

Negou-se a Arte negra sob o pretexto de que ela se apresentava sob formas diversas. E, na realidade, se ela é arte, ela o é na diversidade de suas áreas, de seus gêneros e ate mesmo de seus estilos. Como a arte européia, que, em seu semblante italiano, francês, alemão, russo ou sueco, participa da civilização greco-latina: da razão discursiva, animada pelo sopro cristão. Como a arte européia, que, submetida a freqüentes revoluções, permanece, apesar disso, idêntica a si mesma em seus traços fundamentais. Para voltar a arte negra, tanto ela é verdadeiramente arte que, ainda que tenha a função constante de atualizar seu objeto, ou seja, sua matéria, sua natureza, em contrapartida, expressa sempre esse objeto com os mesmos sinais, no mesmo estilo profundo que é precisamente de estilizá-lo.

O resultado é que não podemos negar ainda por muito tempo a Arte negra. Ainda mais porque foram os próprios europeus que primeiro a descobriram e a definiram. Os negros africanos preferiam vivê-la.

Foram os mais eminentes artistas e escritores europeus que a defenderam, de Pablo Picasso a André Malraux, a quem saúdo a presença aqui, como um testemunho probante.

E não estou falando aqui de escritores e artistas africanos e americanos que, entre as duas guerras e desde 1945, se impuseram, chamando a atenção de um mundo dilacerado e, por isso mesmo, à procura de sua unidade, de sua autenticidade.

Ideias

Não tendo podido negar a Arte negra, quiseram minimizar sua originalidade, sob o pretexto de que ela não tinha o monopólio nem da emoção, nem da imagem analógica, nem mesmo do ritmo. E é verdade que qualquer verdadeiro artista possui esses dons, qualquer que seja seu continente, sua raça, sua nação. Apesar disso, foi preciso que Rimbaud invocasse a Negritude, que Picasso fosse abalado por uma máscara baoulé, que Apollinaire cantasse os fetiches de madeira, para que a arte do Ocidente Europeu desse seu aval, após dois mil anos, ao abandono da physeos mimesis: da imitação da natureza. É, em grande parte, culpa da Arte negra – uma culpa das mais felizes, de qualquer forma das mais fecundas – se os artistas desse mesmo Ocidente se inspiram atualmente, como Bazaine, no << mais obscuro trabalho do instinto e da sensibilidade >>, se, como Masson, eles definem a obra de arte como um simples jogo de formas e de valores legivelmente ordenados. Em suma, um simples ritmo. “Um jogo de forças”, como teria dito meu amigo Soulages, pois ritmo é movimento harmonioso, uma vez que é significante das formas. Mas não se trata somente de defender a arte negra do passado, tal como está exposta hoje no Museu Dinâmico. Trata-se, mais ainda, de ilustrá-la, mostrando que ela é, na metade do século XX, uma fonte que jorra e nunca seca: um elemento essencial, pois significante da Civilização do Universal, que se elabora, debaixo de nossos olhos, por nós por todos e para todos.

E, antes de tudo, para os escritores e artistas negros, como

mostra a Exposição de Arte Contemporânea, cujo título é significativo: Tendências e Confrontação. Então, após a primeira e em seguida segunda guerra mundial, eis que, de toda parte – da África, da América, do coração mesmo da Europa –, moças e rapazes negros se levantaram, como jovens árvores podadas pelo acontecimento. Do fundo de suas experiências ancestrais, do fundo de suas experiências mais recentes como escravos e colonizados ou, simplesmente, como homens desse século, abertos a todas as contribuições, eles apreenderam, como uma visão nova do mundo, as palavras novas que ofereciam do Negro novo. Não era necessário que suas obras estivessem nas antologias nem nos museus para que pudessem preencher sua função, que é, ao exprimir a vida, dando-lhe significado, ajudar os homens, todos os homens, a viver melhor. E ajudar, antes de quaisquer outros, seus irmãos negros.

Pensem nos antigos escravos negros da América, deportados da Mãe-África. Se não se abandonaram ao taedium vita, se não se submeteram, como outras raças destinadas a morrer em uma mole e morna languidez, é porque, junto com a garra de viver, trouxeram da terra natal, dentro de si, essa força de criação que é a marca originária da arte. Pois, a arte não é nada mais do que esse gesto primordial do Homo Sapiens que, significando a vida através da imagem-símbolo, intensifica-a pelo ritmo, para, magnificando-a desta forma, conceder-lhe valor de eternidade.

Tal é, pelo menos, a Arte negra e, voltando aos negros americanos, a arte do spiritual e do blues.

O mais banal trabalho do camponês, a mais penosa escravidão torna-se vivificada, pois está engrandecida pela palavra, pelo canto, pelo ritmo – energia que é a própria fibra da vida.

Mas a escravidão pertence ao passado. Hoje, no Senegal, para tomar um exemplo atual e presente, é a voz arte nacional que, enraizada no basalto negro do Cabo Verde, se elabora, ainda uma vez, nessa encruzilhada de Dakar, onde sopram, com as imagens e as idéias, todos os pólenes do mundo. É mais uma vez a Arte negra que, salvando-nos do desespero, sustenta-nos em nosso esforço de desenvolvimento econômico e sócia, em nossa teimosia de viver. São escultores nossos poetas, contadores e romancistas, nossos cantores e dançarinos, nossos pintores e escultores, nossos músicos. Quer pintando violentas abstrações místicas ou a nobre elegância das cortes do amor, quer esculpindo o Leão nacional ou monstros nunca vistos, quer dançando o plano de desenvolvimento ou cantando a diversificação das culturas, os artistas negro-africanos, os artistas senegaleses de hoje nos ajudam a viver agora, mais e melhor. Viver mais, ou seja, mais intensamente, reforçando a alta tensão que caracterizava a fâcies negro-sudanesa da civilização negro-africana, viver melhor para resolver os problemas concretos que condicionam nosso futuro.

Quem me ouve poderia crer que

a arte negra é somente uma técnica: um conjunto de meios a serviço de uma civilização do conforto, de qualquer forma, da produção material. Entendam-me bem: falei do desenvolvimento, não do crescimento econômico apenas, ou seja, da totalidade correlativa e complementar da matéria e do espírito, da economia e do social, do corpo e da alma; falei da produção que é, ao mesmo tempo, bens materiais e espirituais. Falando da Negritude, falo de uma civilização em que arte exprime, como afirmava Ogotemméli, << a identidade dos gestos materiais e das forças espirituais>>. É o mesmo velho negro que certa feita dizia: “o tecelão canta passando sua lançadeira e sua voz entra na corrente, ajudando e levando consigo a dos Ancestrais”. O que se pode dizer se não quer qualquer arte – tecelagem, escultura, pintura, música, dança – é a palavra na África negra, ou melhor, Verbo, quero dizer, Poesia? Com efeito, as formas e as cores, os timbres e os tons, os movimentos ou mesmo as matérias que usam os artistas que têm a eficácia do Verbo, desde que sejam ritmados. Pois a palavra tornou-se Verbo, já que é cadência, de acordo com o movimento primordial, a forma das coisas nomeadas, aquelas que foram recriadas, mais presentes, mais verdadeiras. Desta forma, ela cumpre a ação do Criador, pois, renovando-a, ele a prolonga pela arte que, mais uma vez, torna eterna a vida das coisas, dos seres, vivificando-a, ele prolonga pela arte que, mais uma vez, torna eterna a vida das coisas, dos seres, vivificando-a e magnificando-a. Para além de sua função vital, esse é o significado da Arte negra: fazer-nos

participar do ser de Deus, fazer-nos participar de sua criação. Vou concluir. Ajudando a defender e ilustrar a Arte negra, o Senegal tem consciência de ajudar a construir a Civilização Universal.

Com efeito, antes mesmo de nossa independência nacional, jamais cessamos, em quase vinte anos, de construir nossa política baseada no diálogo em todos os setores, mas fundamentalmente, no setor da cultura, pois essa é a condição primeira e o objetivo último de qualquer desenvolvimento. Mas, para dialogar com os outros, para participar da obra comum dos homens conscientes e voluntariosos que se levantam por toda parte no mundo para trazer valores novos à simbiose de valores complementares que define a Civilização do Universal, precisamos, nós os Negros, ser finalmente nós mesmos em nossa dignidade: nossa identidade reencontrada.

Ser nós mesmo, cultivando nossos valores próprios, tais como os encontros nas fontes da Artenegra: essa que, além da unidade profunda do gênero humano, pois nasceram de dados biológicos, geográficos e históricos, são a marca de nossa originalidade de pensamento, de sentimento, na ação. Ser nós mesmos, não sem empréstimos, mas tampouco por procuração, digo: pelo esforço pessoal – ao mesmo tempo coletivo – e para nós mesmos. Sem isso, seríamos somente cópias mal feitas das outras no Museu Vivo, como foram os negros da América sob a escravidão, até o fim do século XIX, como fomos nós, Negros da África, sob a colonização, até as vésperas da

segunda guerra mundial. O que queriam, entre as duas guerras, os rapazes e moças de minha geração era, abandonando o espírito de imitação do antigo regime, recuperar, junto com o sentimento de nossa dignidade, o espírito de criação que tinha sido durante milênios o selo da Negritude, como podemos testemunhar a arte parietal do continente africano. Tínhamos a intenção de volta a ser, como nosso ancestrais, produtores de civilização. Pois tínhamos consciência de que o humanismo do século XX, que somente pode ser civilização. Pois, tínhamos consciência de que o Humanismo do século XX, que somente pode ser civilização do universal, se empobreceria se faltasse a ele um só valor de um só povo, de uma só raça, de um só continente.

Ainda uma vez, o problema se coloca em termos de complementaridade, de diálogo e de trocas, não de oposição nem de ódio racial. Como, finalmente, poderíamos, nós negros, rejeitar as descobertas científicas e técnicas dos povos europeus e norte-americanos, graças aos quais o Homem se descobre, transformando o próprio homem junto com a natureza?

Senhoras e Senhores,

Vocês são pesquisadores e professores, artistas e escritores, os verdadeiros humanistas dos tempos contemporâneos. Porque o Senegal escolheu ser sua segunda pátria. Desejo, de qualquer forma, que o grande diálogo que se instaura aqui e agora seja útil para a construção da Terra, para a plena realização do Homem.



Discurso do Presidente da África do Sul, **Thabo Mbeki,** na inauguração do Instituto de Renascimento Africano (Pretória, 11 de outubro de 1999)

Presidente, Ilustres Dignatários da África, Secretário Geral da Organização da Unidade Africana, Suas Excelências Ministros, Embaixadores e Altos Delegados, Ilustres Participantes, Companheiros, Senhoras e Senhores:

Tenho o enorme prazer de recebê-los para a Cerimônia de Inauguração do Instituto de Renascimento Africano. Meus sinceros agradecimentos pela oportunidade que nos é dada, a nós, sul-africanos, de organizar esta Cerimônia, e a mim de falar durante esta Sessão de Abertura.

Gostaria também de dar as boas-vindas aos irmãos e irmãs de outras nações.

Mais uma vez, gostaria de expressar nossos profundos agradecimentos a todos por sua contribuição à nossa própria luta pela libertação.

A África do Sul livre é, pois, a sua casa, não apenas por se tratar de um país africano, mas porque, sem a sua luta determinada, talvez não fôssemos hoje um povo livre.

Os sacrifícios dos povos do nosso Continente valeram o fim do crime do apartheid contra a humanidade, que negava a própria condição humana a todos os cidadãos africanos, que eram tantos e tão vários.

Entre outras coisas, os países da África do Sul também pagaram um alto preço com a perda de vidas humanas, com a destruição

de propriedades e de instalações, ao resistir à campanha de agressões e desestabilização conduzida pelo regime do apartheid.

Indubitavelmente, Angola e Moçambique pagaram um preço mais alto nesse sentido.

Gostaria de aproveitar a oportunidade, mais uma vez, para reiterar nossa profunda gratidão aos governos e às pessoas por sua extraordinária solidariedade, que nosso povo jamais esquecerá.

Tenho também o prazer de fazer uma especial menção e homenagear os nossos dignatários aqui presentes, dos quais merecidamente nos orgulhamos, e cuja sabedoria e patriotismo africano serão de grande valia para a nossa luta comum pelo Renascimento da África.

***A África do Sul
livre é, pois, a sua
casa, não apenas
por se tratar de um
país africano, mas
porque, sem a sua
luta determinada,
talvez não fôssemos
hoje um povo livre.***

Causa-nos grande pesar que o ilustre filho da África Mwalimu Julius Nyerere não possa estar aqui presente, devido a problemas de saúde. Estou certo de que todos estamos de acordo em que devemos enviar-lhe uma calorosa mensagem de apoio e nossos votos de pronto restabelecimento.

Outro filho ilustre do nosso Continente, Ahmed Bem Bella, também apresentou-nos suas desculpas por não poder juntar-se a nós devido a compromissos assumidos anteriormente.

Senhor Presidente,

Como é de seu conhecimento, o movimento da nossa própria luta de libertação nacional

é o ANC – Congresso Nacional Africano (African National Congress).

Nós que fomos instruídos por esse movimento e por ele liderados, durante toda a nossa vida política, estivemos expostos à inspiradora perspectiva de unidade e solidariedade africanas, e de renovação do nosso Continente.

Além disso, a luta pela nossa própria libertação conduziu à criação do que talvez seja o maior e mais determinado movimento pan-africano de solidariedade que nosso continente jamais experimentou, envolvendo tanto os governos como todos os setores da população, em todos os países.

Desta forma, foi com satisfação e emoção que vimos alguns de nossos irmãos africanos tomarem a iniciativa de criar o Instituto que hoje estamos inaugurando.

Estou convencido de que todos nós aqui presentes compartilhamos a mesma visão em prol de uma África unida e solidária, com desenvolvimento e renovação, e pelo fim da marginalização do nosso Continente nos processos de relações internacionais em desenvolvimento.

Parece-nos vital que, embora a realização desses objetivos tenha sido legada aos nossos governos, devamos dirigir essa visão para o povo.

Estamos seguros, portanto, de que existe uma necessidade sumamente importante e urgente de criarmos um Movimento Popular de Renascimento Africano.

Assim sendo, acreditamos que

as organizações políticas e os governos de todos os países africanos devem mobilizar-se no sentido de agir em busca da promoção dos objetivos do Renascimento Africano.

Da mesma forma, a sociedade e suas organizações em todos os países africanos deverão mobilizar-se e passar à ação.

Devemos, ainda, conclamar a intelligentsia, os profissionais, os sindicatos, os empresários, as mulheres e os jovens, os líderes tradicionais, os representantes da cultura, a mídia, e muitos outros, para que se incorporem à luta popular pelo renascimento da África.

Já se indagou muitas vezes o que queremos dizer com Renascimento Africano. Como todos sabemos, a palavra “renascimento” significa nascer de novo, renovação, ressurgir. Portanto, quando falamos do Renascimento Africano, falamos da renascença, da renovação do nosso continente.

Não se trata de um novo conceito nas lutas dos povos de nosso continente por uma verdadeira emancipação. Ela foi difundida anteriormente por outros ativistas da libertação, provenientes de inúmeros países.

Entretanto, já foi dito que, na ocasião em que esta perspectiva foi promovida em épocas anteriores, as condições não eram propícias para a sua execução.

Desta forma, a diferença é que hoje temos condições propícias para que o processo seja aperfeiçoado em todo o continente, fazendo com que essa idéia passe de um sonho acalentado por visionários a um programa

prático de ações destinadas aos revolucionários.

Quais seriam, então, essas condições?

Vejamos:

- A conclusão do processo continental de eliminação do sistema colonial na África, o que foi alcançado graças à libertação da África do Sul;
- O reconhecimento da derrocada do neocolonialismo pela massa de todos os povos do continente, inclusive pela maioria da classe média;
- O enfraquecimento da luta entre as principais potências pelas zonas de influência no nosso continente, em decorrência do fim da Guerra Fria;
- A aceleração do processo de globalização.

Na medida em que tiramos proveito dessa mudança de situação, devemos agir a partir da proposta fundamental de que os povos da África compartilham um destino comum.

Cada um dos nossos países vê limitada a sua capacidade de conquistar a paz, a estabilidade, o desenvolvimento sustentado e melhores condições de vida para suas populações, objetivos que só podem se realizar plenamente se o forem também e ao mesmo tempo nos outros países africanos irmãos.

Desta forma, os africanos têm um interesse material em incentivar a realização desses objetivos em todo o Continente, ao mesmo tempo em que buscamos a sua concretização em cada um dos nossos países.

Falamos aqui de um continente





que, embora tenha promovido a evolução da vida humana e tenha sido um centro de

- O fortalecimento da genuína independência dos países e do continente africanos em suas relações com as grandes potências, valorizando a sua participação na determinação do sistema global de governança em todos os setores, como política, economia, segurança, informação e propriedade intelectual, meio ambiente, ciência e tecnologia.

Tais objetivos somente poderão ser alcançados através da luta verdadeiramente popular e prolongada, envolvendo não apenas os governos e os partidos políticos, mas também a própria população em todas as suas camadas.

Esse movimento popular em prol de uma renovação fundamental da África deveria ainda considerar a múltipla realidade de que:

- Se encontra engajada em uma luta extremamente complexa, que seria combatida por forças reacionárias dentro e fora do continente;
- Poderia avançar e ao mesmo tempo sofrer reveses ocasionais;
- A ofensiva continental só pode ser sustentada se as populações ativas de todos os países estiverem seguras de que nenhum dos países do continente, seja qual for a sua cooperação com o Renascimento, procura impor-se aos demais como uma nova potência imperialista;
- As forças de mudança precisam ser formadas e consolidadas em cada país, sem desprezar ou subestimar o impera-

tivo e o potencial de uma ofensiva transnacional coordenada, para benefício mútuo na renovação do continente.

Com tudo isto, fica evidente que a realização do historicamente essencial Renascimento Africano exige que os povos do nosso continente adotem um programa de ação realista que efetivamente conduza a África a uma autêntica renovação.

Assim sendo, é preciso encontrar meios para garantir que:

- A OUA (Organização da Unidade Africana) seja ainda mais vigorosa, para que focalize, em seu trabalho, o objetivo estratégico da realização do Renascimento Africano;
- Sejam estabelecidas ligações através das fronteiras africanas entre todos os setores sociais, para aumentar os níveis de cooperação e integração;
- Sejam adotadas medidas para garantir que tanto a África como o resto do mundo definam o novo século (XXI) como o “Século da África”, para fomentar a meta de mobilização dos povos do mundo em apoio à ofensiva rumo ao Renascimento Africano;
- Seja realizado um trabalho de convencimento do resto do mundo, incluindo instituições importantes como ONU, FMI, Banco Mundial, Organização Mundial de Comércio, NAFTA, MERCOSUL, Associação dos Países do Sudeste Asiático e outras, de que compartilhamos com todos a visão estratégica de que é essencial o apoio de todos para esse processo, conduzido por algo que os próprios povos africanos almejam.

As dificuldades que enfrentaremos com relação ao cumprimento da última dessas tarefas estão ilustradas pelo problema que enfrentamos, já aqui onde nos encontramos, de atingir o ponto em que seja possível concluir o acordo bilateral entre nosso país e a União Européia.

Despidos de qualquer pretensão, o que deu origem à questão da assinatura ou não do acordo no dia de hoje foi a certeza de que muitos países desenvolvidos do Norte perderam todo o sentido do nobre conceito de solidariedade humana.

A principal questão parece ser, no seu sentido mais estreito e visível: o que eu ganho com isso? O que eu ganho com isso? Sem o menor constrangimento ou acanhamento.

Nenhum de nós estava presente quando os escravos foram atirados aos calabouços da Ilha de Gorée, no Senegal, e na ilha de Zanzibar.

Mas não estaríamos errados ao concluir que aqueles que sobreviveram aos calabouços e também ao seu transporte através dos mares o fizeram graças a uma enorme vontade de sobreviver.

Nenhum de nós esteve presente quando o povo do Congo foi dizimado aos milhões para satisfazer a cobiça insaciável e predatória de um monarca belga.

Mas não estaríamos errados ao concluir que o povo congolês não recorreu ao suicídio em massa para escapar ao horror, devido à firme convicção de que, no final, como povo, eles eram indestrutíveis.

Nós estávamos presentes quando as forças coloniais e racistas opuseram fortíssima resistência aos povos da Argélia, Quênia, das colônias portuguesas, Zimbábue, Namíbia e África do Sul, negando a sua liberdade.

Sabemos que os povos desses países e o nosso Continente como um todo não se deixaram abater por aquilo que parecia

ser um terrível destino a se debruçar sobre eles, porque estavam determinados a não permitir jamais que a causa popular da emancipação nacional fosse vencida.

Nós testemunhamos o inominável genocídio perpetrado contra o povo de Ruanda em 1994.

Nós sabemos que, no final, esses extraordinários africanos acabaram eles mesmos pondo fim a essa matança, porque tomaram para si a tarefa de determinar que a África não tombaria pelas mãos de seus próprios filhos e filhas.

Esse mesmo espírito de otimismo e determinação com vistas à superação deverá guiar-nos, agora, capitalizando as vitórias que conseguimos, para nos engajarmos no que parece ser claramente uma luta titânica para concretizar o Renascimento Africano.

O desfecho não será motivado pela força de nossos oponentes, mas pela nossa própria determinação de vencer.

Estendendo-se entre as brumas, durante mil anos, nossa história comum através de toda a África está plena de grandes feitos corajosos, demonstrados através dos seus heróis e heroínas e de seus povos heróicos, sem cujo leal sentimento de esperança e visão

seu povo já teria sucumbido há muito tempo.

Este é o momento em que devemos lançar mão desse profundo sentimento de nobreza humana para lançar esta declaração em ação – o tempo da África chegou!

Todos os milhões de nós, africanos, inclusive aqueles que fazem parte da diáspora, faremos com que não seja negado à África aquilo que lhe é devido!

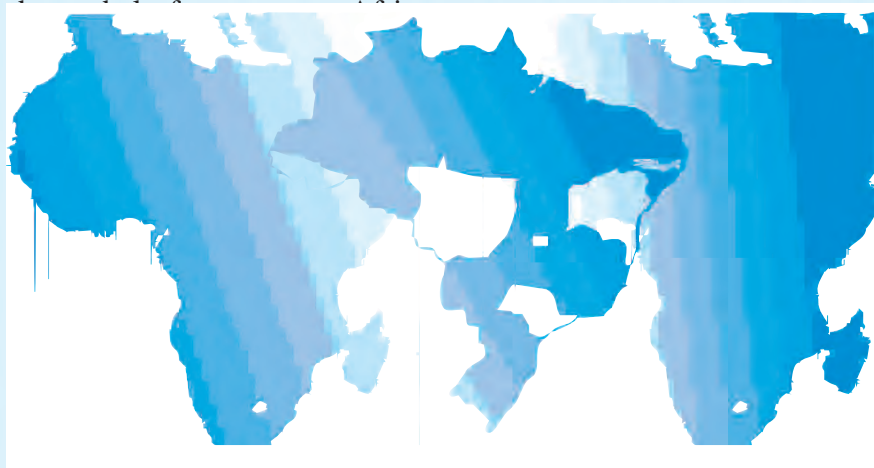
O século africano não será proclamado! Ele se concretizará pela luta!

A luta continua! A vitória é certa!

Desejamos sucesso ao Instituto de Renascimento Africano em sua histórica missão para a qual somos convocados para pôr fim a uma longa e tenebrosa noite, sem cujo término nenhum indivíduo, onde quer que se encontre, poderá declara-se realizado como ser humano.

O único mal que não tem remédio é a raiz do mal nela mesmo.

Obrigado por sua atenção.



Apresentação

A Antologia de textos da literatura e da cultura afro-brasileira - aqui acolhida pela Fundação Cultural Palmares e valorizada em sua revista - começa por ser muito simpática. Isso devido à concepção – um trabalho de estudantes em nível de graduação, professoras jovens que logo assumem o magistério com visão renovada, graças a uma orientação sensível e prática diante da necessidade de atualização face à Lei 10639/2003. Iniciativa marcada pela vontade de servir, ser útil como instrumento de renovação, ajudando, através da literatura, na implantação da lei, e contribuindo para uma parcela de reparação. Arte e cultura, aliadas à História inevitavelmente chamando atenção e apontando para esse horizonte tão sonhado que é o da vinculação África-Brasil, com as relações decorrentes.

A literatura há muito se oferece como ponte para aproximação entre o nosso país e o continente africano. Poetas e contistas africanos de expressão portuguesa, de João Alves das Neves, 1963; No reino de Caliban, de Manuel Ferreira, 1976; as séries das editoras Ática e Nova Fronteira; e mais recentemente as teses acadêmicas de Elisalva Madruga, Nas trilhas da descoberta – A repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana, 1998, e, mesmo, The golden cage, sobre literatura de Angola e Moçambique, do nigeriano Niyi Afolábi, radicado nos Estados Unidos (Tulane University, New Orleans), 2001. Nos anos 1980, os poetas Éle Semog (Brasil) e Adriano Botelho de Vasconcellos (Angola) organizaram uma antologia poética que não pôde ser editada, Teto de aurora nos punhos.

Não se pode cobrar critérios mais rigorosos deste trabalho – ele representa uma iniciação. Promissora, por sinal. A Dra. Elisalva Madruga ressalta esse caráter na seleção feita. E como não saudar presenças tão decisivas quais sejam, pelo lado africano, as do nosso conhecido e apreciado Agostinho Neto de “Criar”, Viriato da Cruz do antológico “Mamã Negra”, Noémia de Sousa de “Negra”, o José Craveirinha que visitou a Feira do Livro de Porto Alegre e que participa com o famoso “Quero ser tambor”, ou Mia Couto, Alda do Espírito Santo e os demais nomes, todos referenciais? Se o grupo brasileiro não reúne todos os seus nomes basilares, eles estão contemplados por escolhas bem representativas e fundamentais como, para citar, Geni Guimarães e Cuti. A mostra nacional deve ser vista como portão de entrada para uma trilha de tesouros, graúdos e acessíveis. E, além de outros autores e autoras desta feita, ainda não incluídos, a Antologia é convite à obra individual de cada nome africano ou brasileiro nela inserido.

Brasil, país em que o histórico das lutas negras conquista e é finalmente contemplado com um processo novo envolvendo participação negra no poder político, este que pela primeira vez ataca de frente a questão étnico-racial e das procedências nacionais internamente, buscando, no plano externo, maior aproximação com o continente africano. África, povos com história e tradições milenares, superação heróica da dominação e conquista de autonomia bem recentes, ainda em processo de libertação. Laços, vínculos, interfaces. Língua e literatura – canais. Culturas como potencial. Oportuna e bem-vinda a iniciativa paraibana, aqui acolhida pela Fundação Cultural Palmares e valorizada em sua revista.

Oliveira Silveira

Poeta, gaúcho, responsável pelo Grupo Palmares, idealizador do Dia Nacional da Consciência Negra. Autor de inúmeros poemas e textos literários. Seu primeiro trabalho foi o poema Germinou (1962). A ele seguem Poemas Regionais, 1968; Banzo, saudade negra, 1970; décima do negro peão, 1974; Praça da Palavra, 1976; Pêlo escuro, 1977, Roteiro dos Tantãs, 1981.



Negra

Gentes estranhas com seus
olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para eles só de mistérios
profundos,
de delírios e feitiçarias...
Teus encantos profundos de
África.

Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados
cantos,
ausentes de emoção e
sinceridade,
quedaste-te longínqua,
inatingível,
virgem de contactos mais
fundos.

E te mascararam de esfinge de
ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo
tropical,
demência, atração, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras
palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos
rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a
nós,
Do mesmo sangue, mesmos
nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te
cantar
com emoção verdadeira e
radical,
a glória comovida de cantar,
toda amassada,
moldada, vazada, nesta sílaba
imensa e luminosa: MÃE

Noémia de Sousa

(Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares). Nasceu em Catembe, Moçambique (1926). Poetisa. Teve destaque em sua geração por buscar formular uma poesia radicalmente moçambicana, além de influenciar os jovens poetas da década de 1950. A partir de 1951, já em Lisboa, trabalha como tradutora. Colaborou em várias revistas e jornais moçambicanos.

Choro

*Ai barco que me levasse
a um rio que me engolisse
donde eu não mais regressasse
p'ra que mais ninguém me visse!*

*Ai barco que me levasse
sem vela ou remos, nem leme
p'ra dentro de todo olvido
onde não se ama nem teme.*

*Ai barco que me levasse
aos tesouros conquistados
por entre esquinas de perigos
dois mil caminhos trilhados.*

*Ai – onde? – que me levasse
bem dentre de um vendaval...
barco berço, barco esquife
onde tudo fosse igual:*

*Ai barco que me levasse
toda estendida em seu fundo!
nesga de céu a bastar-me
toda a saudade do mundo!*

**Ermelinda Pereira
Xavier**

(Ermelinda dos Santos Pereira Xavier), nasceu em Lobito, Angola, em 12.06.1931. Poetisa e feminista, pertenceu ao Movimento do Novos Intelectuais de Angola. Colaborou com publicações angolanas (cadernos Mensagem, Itinerário Cultural II) e em algumas publicações portuguesas.



Criar

Criar criar

criar no espírito criar no músculo criar no nervo
criar no homem criar na massa

Criar criar com os olhos secos

Criar criar sobre a profanação da floresta
sobre a fortaleza impúdica do chicote
criar sobre o perfume dos troncos serrados

Criar criar com olhos secos

Criar criar com gargalhadas sobre o escárnio da palmatória
coragem nas pontas das botas do roceiro
força no esfrangalhado das portas violentadas
firmeza no vermelho sangue de insegurança

Criar criar com os olhos secos

Criar criar estrela sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o choro das crianças
paz sobre o suor a lágrima do contato
paz sobre o ódio

Criar criar paz com olhos secos

Criar criar

criar liberdade nas estradas escravas
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
sons efetivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
simuladas

Criar criar amor com olhos secos

Agostinho Neto

(António Agostinho Neto), nasceu em Catete, Angola em 17.09.1922. Poeta negro, militante em Portugal, participou do Movimento dos Novos intelectuais de Angola (1948); colaborou com a organização dos cadernos: Momento – antologia de Literatura e arte (Coimbra 1950); Cadernos Momento, Mensagem (Luanda), Mensagem (CEI), entre outras obras. Foi presidente de Angola de 1975 a 1979.



Mamã Negra

(Canto de esperança)

Tua presença, minha mãe - drama vivo de uma
Raça
drama de carne e sangue
que a vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos
cafezais dos
[seringais dos algodoads...
Vozes das plantações da Virgínia
dos campos das Carolinas
Alabama
Cuba
Brasil...
Vozes dos engenhos dos banguês das tongas
[dos eitos da pampas das usinas
Vozes do Harlem District South
vozes das senzalas
vozes gemendo blues, subindo dos
Mississipi,
[ecoando dos vagões
vozes chorando na voz de
Corrothers:
“Lordd God, what will have we
done”
vozes de toda a América. Vozes de
toda África.
Voz de todas as vozes, na voz
ativa de Langston
na bela voz de Guillén...

Pelo teu dorso
antes dorsos aos sóis mais
tes do
undo
antes dorsos, fecundando
sangue,
[com suor
undo as mais
[ricas terras do
mundo
ilhantes dorsos (ai a cor desses
dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no
“tronco”,
[pendentes (da
foca caída por Lynch.
Rebrilhantes dorsos (ah, como
brilham esses

[dorsos),

Ressuscitados com Zumbi, em
Toussaint ale-

[vantados.
Rebrilhantes dorsos...

brilhem, brilhem, batedores de
jazz
rebentem, rebentem, grilhetas de
Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da
Música!
...do brilho do Sol, do sol fecundo
imortal
e belo

Pelo teu regaço, minha Mãe

outras gentes embaladas
á vos da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça
santos poetas e sábios...

Outras gentes... não teus filhos,
que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é seu brinquedo
trabalho escravo – folgado...

Pelos teus olhos, minha Mãe

Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens
dramas de Cam e Jafé...
Mas vejo também (oh, se vejo...)

mas vejo também que a luz roubada as
teus

[olhos, ora
esplende
demoniacamente tentadora – como a
Certeza...
cintilante firme – como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
- o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE...

Viriato Da Cruz

(Viriato Clemente da Cruz), nasceu em Porto Amboim, Angola, em 25.03.1928 e faleceu em 1973, em Pequim, China. Poeta, mestiço, pioneiro de uma poesia genuinamente angolana. Um dos precursores do Movimento dos novos intelectuais de Angola.

Amor Libertador

Meu anjo negro protetor.
Aqui fala a sua pretinha.
Quero que todos ouçam. Eu morri!
Quando eu encontrei você
Meu espelho estava distorcido. Lembra?
Minhas madeixas eram alisadas e a minha alma,
branca.
Ninguém havia ensinado aos meus olhos
a verdadeira beleza.
Renasci, qual fênix, carapinha trançada,
dignidade em punho.
De frente para o mundo.
Hoje caminhamos pelas ruas do nosso país
cheios de orgulho negro.
Colorindo esse nosso amor libertador
nas paredes do mundo inteiro.
Vivendo a nossa juventude,
o poder de romper barreiras...
Tua coragem agora também é minha.
Eu, tua sacerdotisa negra. Livre!

***Cristiane
Sobral***

natural do Rio de Janeiro, ,
além de poeta, Cristina
dedica-se também às
atividades teatrais. Nessa
área criou em Brasília o
grupo teatral Acorda Brasil.
Participou entre outras
peças de Uma Boneca no
Lixo e Dra. Sida.

Quero Ser Tambor

Tambor está velho de gritar
Ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra

Eu
Só tambor rebentando o silêncio da Mafalala
Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ó velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.
Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até a consumação da grande festa do batuque!
Ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor

José Craveirinha

(José João Craveirinha)
nasceu em 1922, na cidade
de Maputo, Moçambique.
Poeta e contista. Sob o
pseudônimo de Mário Vieira,
teve colaboração dispersa na
imprensa de seu país. Obras
publicadas: *Chigubo* (1964);
Cantico a um dio di catrame
(ed. bilingüe italiana) (1966);
Karingana Ua Karingana
(1974); *Cela 1* (1980); *Maria*
(1988); *Hamina e outros*
contos (1997).



Naturalidade

*Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
européias
e europeu me chamam.*

*Não sei se o que escrevo tem a raiz de
algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou.
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
desta luz e deste quebranto.
Trago no sangue uma amplidão
de coordenadas geográficas e mar
Índico.*

*Rosas não me dizem nada,
Caso-me mais à agrura das micaias
e ao silêncio longo e roxo das tardes
com gritos de aves estranhas.*

*Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
Mas dentro de mim há savanas de
aridez
e planuras sem fim
com longos rios languês e sinuosos,
uma fita de fumo vertical,
um negro e uma viola estalando.*

Rui Knopfli

(Rui Manuel Correia Knopfli). Nasceu em Inhambene, Moçambique (1932) e faleceu em Londres, Inglaterra (1998). Além da atividade poética, atuou como jornalista, crítico de cinema e literário. Foi considerado um dos elementos mais ativos da vida cultural de Lourenço Marques, atual Maputo, capital moçambicana. Obras publicadas: O país dos outros (1959); Reino submarino (1962); Máquina de areia (1964); Mangas verdes com sal (1969) entre outras.



Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
sou o vento que desgasta
sou pólen sem insecto
e areia sustentando
o sexo das árvores

Existo, assim, onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
receando a esperança do futuro

No mundo que combato
morro
no mundo porque luto
nasço

Mia Couto

Nasceu em Beira, Moçambique, em 1951. A partir de 1974 ingressa no jornalismo, deixando os estudos de medicina. Trabalhou na Agência de Informação de Moçambique. Foi diretor da revista Tempo, onde teve colaboração poética.



Eu, o Povo

Eu, o Povo

*Conheço a força da terra que rebenta a granada do grão
Fiz desta força um amigo fiel.*

*O vento sopra com força
A água corre com força
O fogo arde com força*

Nos meus braços que vão crescer vou estender panos de vela

*Para agarrar o vento e levar a força do vento à Produção.
As minhas mãos vão crescer até fazerem pás de roda
Para agarrar a força da água e pó-la na Produção.
Os meus pulmões vão crescer soprando na forja do coração
Para agarrar a força do fogo na Produção.*

Eu, o Povo

*Vou aprender a lutar do lado da Natureza
Vou ser camarada de armas dos quatro elementos.*

*A táctica colonialista é deixar o Povo ao natural
Fazendo do Povo um inimigo da Natureza.*

Eu, o Povo Moçambicano

Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas.

Mutimati Barnabé João

(Heterônimo de António Quadros). Poeta, nasceu em Viseu (Portugal), em 1933. Mutimati é compreendido como a voz individual que dá corpo a voz coletiva. Obra publicada: Eu, o povo, poemas da revolução (1975).

Crioulo

*Há em ti a chama que arde com inquietação
e o lume íntimo, escondido, dos restolhos,
– que é o calor que tem mais duração.
A terra onde nasceste deu-te a coragem e a resignação.
Deu-te a fome nas estiagens dolorosas.
Deu-te a dor para nela
sofrendo, fosses mais humano.
Deu-te a provar da sua taça o agri-doce da compreensão,
e a humildade que nasce do desengano...
E deu-te esta esperança desenganada
em cada um dos dias que virão
e esta alegria guardada
para a manhã esperada
em vão...*

Manuel Lopes

*(Manuel dos Santos Lopes) –
Nasceu na Ilha de Santo
Antão, Cabo Verde, em 1907.
Poeta, romancista, contista,
ensaísta, conferencista. Foi
um dos principais
colaboradores da revista
Claridade. Obras
publicadas: Paul (1932);
Poemas de quem ficou
(1949); Chuva brada (1956);
Galo cantou na baía (1959);
Os flagelados do vento leste
(1960); Crioulo e outros
poemas (1964).*

Ritmo de Pilão

*Bate, pilão, bate,
que o teu som é o mesmo
desde o tempo dos navios negreiros,
de morgados,
das casas grandes,
e meninos ouvindo a negra escrava
contando histórias de florestas, de bichos, de encantadas...*

*Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
e a casa-grande perdeu-se,
o branco deu aos negros cartas de alforria
mas eles ficaram presos à terra por raízes de suor...*

*Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
desde o tempo antigo
dos navios negreiros...*

*(Ai os sonhos perdidos lá longe!
Ai o grito saído do fundo de nós todos
Ecoando nos vales e nos montes,
transpondo tudo...
Grito que nos ficou de traços de chicote,
da luta dia a dia,
e que em canções se reflecte, tristes...)*

*Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
e em nosso músculo está
nossa vida de hoje
feita de revoltas!...
Bate, pilão, bate!...*

António Nunes

Nasceu na Ilha de Santiago, Cabo Verde (1917) e faleceu em Lisboa (1951). Poeta. Em Lisboa conviveu com o grupo neo-realista, transitando assim de uma fase romântica para uma fase realista. Colaborou na Mensagem (CEI), Certeza, entre outras revistas e jornais da época. Obras publicadas: Devaneios (1938); Poemas de longe (1945).



Aguinaldo Fonseca

(Aguinaldo Brito Fonseca) – Nasceu em Mindelo, Ilha de São Vicente, Cabo Verde, 1922. Poeta. Colaborou na Seara Nova, Mundo Literário, Suplemento Cultural, entre outros. Ficou conhecido ao ganhar o prêmio de poesia em concurso realizado pelo Diário Popular de Portugal, sem que ter livro publicado. Obra publicada: Linha de horizonte (1951).

Revolta

*Revolta dentro do peito
Por aquilo que não fiz
E que eu devia ter feito.*

*Revolta dentro de mim
Por tropeçar em mim mesmo,
Por não saber onde estou...
Por caminhar tanto a esmo
Que trago os passos perdidos
Nos próprios passos que dou.*

*Revolta desde menino
Por tantas horas perdidas
A procurar o Destino
nas sombras doutros destinos.*

*Revolta crua e sem fim...
Tantos pedaços de mim
Que destrocei sem saber!...
Revolta sempre revolta,
Por um pedaço de céu
Que não me dão... e era meu...*

*Revolta, funda revolta,
Dentes rangendo na sombra.*

*No fundo de um corredor
Crescem gemidos de dor
Dos escravos meus avós...
Grilhetas prendendo os pés,
Prendendo também a voz...
E o sangue formou um rio
E o rio correu para o mar
E foi chorar noite e dia,
Nas praias de todo o mundo.*

*Revolta dentro de nós,
Revolta arrastando os passos...
Vozes mancharam-se a voz,
Braços prenderam os braços...
Vão despeito no berço...*

*Revolta crua e sem fim,
Revolta triste e infeliz,
Por trazer esta revolta
Fechada dentro de mim,
Num verso que nunca fiz.*



Negros

*Mistério de sangues e gerações
cores
mistério eterno*

*Terras sem fim longes ardentes
terras de sol
mundo distante*

*Sangue cor
sol terra e vida
formando modificando
as linhas as raças humanas
a concepção do homem*

Negros:

*escuto a grita do vosso entusiasmo
nas noites de orgia
nos prelúdios das danças pagãs*

Negros:

*Também vem até mim
o clamor dos vossos tormentos
a confusão dos mercados de carne
que o homem fabricou injustamente*

Negros:

*— união do sol do ar da terra do sangue —
ao contemplar vosso mundo imenso
vossos segredos e maravilhas
quedo-me a cismar...*

*—
porque na verdade
ser negro é tam natural*

Luis Romano

(Luís Romano Madeira de Melo) – Nasceu na Vila da Ponta do Sol, Cabo Verde, 1922. Foi amigo pessoal de Câmara Cascudo. Sua produção literária é diversa: ficção, poesia, estudo etnológico; preso às raízes cabo-verdianas, é um dos poucos escritores verdadeiramente empenhados na utilização literária do dialeto crioulo, tanto na poesia como na ficção. Obras publicadas: Famintos (1962); Clima (1963); Cabo Verde – elo antropológico entre a África e o Brasil (conferência); Evocação de Portugal e presença no Brasil na literatura cabo-verdiana (Conf.) (1966); Literatura Cabo-verdiana (1966); Cabo Verde – renascença de uma civilização do Atlântico Médio (1967); Negrume – Lzimparim (histórias e poemas, bilíngüe) (1973).

Alzira Cabra

*Nasceu em Bissau, 1955.
Poetisa. A obra da autora
encontra-se dispersa em
revistas; uma seleção de seus
poemas foi publicada na
antologia Mirabilis de veias
ao sol (1991).*

Mantenha

Filha do teu adultério
existo
queiras ou não com a mesma pele.

Exilada
sobrevivo contente
na terra dos sem cor.
Com a boa vontade que ganhei
das gentes daqui,
sem ressentimentos nem vergonha
cultivo a mentira da tua grandeza
no existir dos meus descendentes.

E mando mantinhas, oh terra
através dos meus poemas vermelhos:

A cor que me deste!



Amargura

*Meu coração chora.
Saio da cidade e vagueio
Pelos campos, na planura,
Por arrozais e florestas.
Um vento brusco e potente
Sacode as árvores.*

*As aves cantam,
Rugem leões,
Urram elefantes.*

*Sinto odores nauseantes
De folhas apodrecidas.
Vence-me cada vez mais a amargura.
Só estou, só e perdido
Na floresta africana.
Os animais selváticos
não entendem a minha voz.
Falo com o vento,
As flores
Os montes.*

*Vence-me fatal melancolia.
Só o vento me acaricia.
Estou longe dos homens,
Longe dos meus semelhantes,
Dos amigos,
Muito longe,
Longe do gênero humano:*

Só

Só

Só.

António Boticã Ferreira

Nasceu em Canchungo, Guiné, 1939; faleceu em Portugal 1989. Poeta. Começou a escrever poesia aos dezesseis em língua francesa. Não tem livro publicado, mas possui vasta produção poética tanto em francês como em português, visto que residiu e trabalhou como médico em Lisboa. Sua obra está presente em várias antologias.

Canção de Criança

Vento forte
vento forte
lá vem a criança
na sua esp'rança.

Vento forte
vento norte
lá vem a criança
na sua pujança.

Da tabanca erguida
toda ela de vida
lá vem a criança
na sua embança.

Lá vem a criança
na sua bonança
lá vem lá vem
saudar alguém.

Lá vem a criança
na sua esp'rança
lá vem a criança
na sua pujança.

Lá vem a criança
na sua bonança
lá vem lá vem
beijar a mãe.



Pascoal D'artagnan Aurigemma

Nasceu em Farim, 1937;
faleceu em Bissau, 1994.
Poeta, contista. Obras
publicadas: *Ressaca* (1956);
Djamara (1978); *Amor e
esperança* (1995); *Djamara e
outros contos* (1997).



Anti – Delação

Vasco Cabral

Nasceu em Farim, 1926.
Poeta. Obra publicada: A
luta é a minha primavera
(1981)

A noite veio,
disfarçada em dia,
e ofereceu-se a luz,
diáfana como a Aurora.

Mas eu disse que não.

Depois veio a serpente
disfarçada em virgem
e ofereceu-me os seios e os braços nus.

Mas eu disse que não.

Por fim veio Pilatos,
disfarçado em Cristo,
e numa voz humana e doce
disse: “se quiseres eu dou-te o paraíso
mas conta a tua história...”

Mas eu disse que não,
que não, não não!

E eu continuei um Homem
E eles continuaram
os abutres do medo e do silêncio



Aurora

Tu tens horror de mim, bem sei, Aurora,
 Tu és o dia, eu sou a noite espessa,
 Onde eu acabo é que o teu ser começa.
 Não amas!... flor, que esta minha alma adora.

És a luz, eu a sombra pavorosa,
 Eu sou a tua antítese frisante,
 Mas não estranhes que te aspire formosa,
 Do carvão sai o brilho do diamante.

Olha que esta paixão cruel, ardente,
 Na resistência cresce, qual torrente;
 É a paixão selvática da fera,
 É a paixão do peito da pantera,
 Que me obriga a dizer-te << amor ou morte >>!

Costa Alegre

(Caetano da Costa Alegre) –
 Nasceu em São Tomé, 1864;
 faleceu em Alcobaça, 1890.
 Poeta. Foi um dos primeiros
 poetas africanos de
 expressão portuguesa a
 colocar sua condição de
 africano como signficante na
 poesia. Revela a dolorosa
 angustia de quem teve a cor
 como estigma. Obra
 póstuma: Versos (1916).

Canção do Mestiço

Mestiço

**Nasci do negro e do branco
e quem olhar para mim
é como que se olhasse
para um tabuleiro de xadrez:
a vista passando depressa
fica baralhando cor
no olho alumbrado de quem me vê.**

Mestiço!

**E tenho no peito uma alma grande
uma alma feita de adição.**

**Foi por isso que um dia
o branco cheio de raiva
contou os dedos das mãos
fez uma tabuada e falou grosso:
– mestiço! a tua conta está errada.
Teu lugar é ao pé do negro.**

Ah!

**Mas eu não me danei...
E muito calminho
arrepanhei o meu cabelo para trás
fiz saltar fumo do meu cigarro
cantei alto
a minha gargalhada livre que encheu o branco
de calor!...**

Mestiço!

**Quando amo a branca
sou branco...**

**Quando amo a negra
sou negro.**

Pois é...

Francisco José Tenreiro

(Francisco José de Vasques Tenreiro), nasceu em Rio do Outro, São Tomé, 1921; faleceu em Lisboa, 1963. Autor das obras Ilha de Nome Santo (1942). Outras obras: Obra poética de Francisco José Tenreiro (1967); Coração em África (1977); Poesia negra de expressão portuguesa (1953) (caderno organizado com Mário Pinto de Andrade)

Roça

A noite sangra
no mato,
ferida por uma aguda lança
de cólera.
A madrugada sangra
de outro modo:
é o sino da alvorada
que desperta o terreiro.
É o feito que começa
a destinar as tarefas
para mais um dia de trabalho.

A manhã sangra ainda:
salsas a bananeira
com um machim de pratas;

capinas o mato
com um machim de raiva;
abres o coco
com um machim de esperança;
cortas o cacho de andim
com um machim de certeza.

E à tarde regressas
à senzala;
a noite esculpe
os seus lábios frios
na tua pele
E sonhas na distância
uma vida mais livre,
que o teu gesto
há-de realizar.

Manuela Margarido

(Maria Manuela da
Conceição Carvalho
Margarido) – Nasceu em
Roca, Ilha do Príncipe, 1925.
Poetisa. Obra publicada:
Alto como o silêncio (1957).
Também está presente em
muitas antologias.



Em Torno da Minha Baía

**Alda do Espírito
Santo**

Nasceu na Ilha de São Tomé,
1926. Poetisa.. Obra
publicada: É nosso o solo
sagrado da terra (1978).

*Aqui, na areia,
Sentada à beira do cais simbólico, dos fardos,
Das malas a da chuva
Caindo em torrente
Sobre o cais desmantelado,
Caindo em ruínas
]Eu queria ver à volta de mim,
Nesta hora morna do entardecer
No mormaço tropical
Desta terra de África
À beira do cais a desfazer-se em ruínas,
Abrigados por um toldo movediço
Uma legião de cabecinhas pequenas,
À roda de mim,
Num vôo magistral em torno do mundo
Desenhando na areia
A senda de todos os destinos
Pintando na grande tela da vida
Uma história bela
Para os homens de todas as terras
Ciciando em coro, canções melodiosas
Numa toada universal
Num cortejo gigante de humana poesia
Na mais bela de todas as lições:
HUMANIDADE.*

Meu Canto Europa

Agora,
agora que todos os contactos foram feitos,
as linhas dos telefones sintonizadas,
as linhas dos morses ensurdecidas,
os mares dos barcos violados,
os lábios dos risos esfrangalhados,
os filhos incógnitos germinados,
os frutos do solo encarcerados,
os músculos definhados
e o símbolo da escravidão determinado.

Agora,
agora que todos os contactos estão feitos,
com a coreografia do meu sangue coagulada,
no do meu tambor silenciado,
meu cabelo embranquecidos,
iado e o esperma esterilizado,
filhos de fome engravidados,
ia e meu querer amordaçados,
státuas de heróis dinamitadas,
paz com os chicotes abafados,
guiados como passos de besta,
cínio em botado e manietado,

Agora,
a que me estampaste no rosto
os primores da tua civilização,
eu te pergunto, Europa,
eu te pergunto: AGORA?



Tomaz Medeiros

(António Alves Tomaz Medeiros) – Nasceu em São Tomé, 1931. Poeta. Após os estudos universitários em Lisboa, doutorou-se em medicina no Instituto de medicina do Estado da Crimeia (antiga URSS). Participou ativamente da CEI, sendo um dos dirigentes. Sua obra é inédita em livro; está dispersa em várias antologias.



Mãe

Mundo, terra, chão, água, barro e lama
Presença sensorial, atos inconseqüentes
Raízes brotando das sagradas entranhas
Oxalá eu entenda agora minha mente.

Grande berço negro com fitas coloridas
Minha memória solidifica-se em pedra...
Preciosa jóia rara nunca esquecida
Apesar da segregação de era em era.

Meu sangue ferve, ouço o retumbar:
Atabaques, tambores, batuques
Sinto o calor de um povo a cantar

E ao mesmo tempo uma negra mãe grávida
Não deixa minha memória morrer
Na luz que nasce de minha mãe África.



Atiely Santos

Afro-brasileira, nascida em 1975 na cidade de São Paulo/SP. É educadora popular da CUT. Atiely integra a equipe de projetos da Aliança Negra Posse. Ela também é vocalista do grupo de rap Fator Ético e atua nas áreas de cinema, teatro e dança.

São Paulo Fashion Weeks

Negros no desfile só nossos olhos de platéia
espectadores da própria exclusão
no vestibular da moda, preferem brancuras
e suas reservas de vagas

Por aqui sempre houve
por escrito, áudio ou vídeo
blábláblá sobre chances da mistura
aquele engodo antigo pra gringo ver

Negro na passarela, às vezes
no singular
a exceção da regra pra que não se atrevam
a ser mais que um

Brasil fashion years and years
vagas para negro servir, guiar, vigiar, limpar
distribuídas as migalhas
cenário garantido pra celebração das regras
a superfesta dos privilégios da branquice.

Jamu Minka

(José Carlos Andrade). Afro-brasileiro, nascido em Varginha, MG. É jornalista formado pela ECA – USP, Teclas de Ébano é o título de sua principal obra. Mas ele também participou de várias antologias, como os Cadernos Negros 1, 3, 5 (org. Cuti), 7, 9, 11, 17, 19 (org. Quilombhoje), 23 (orgs. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa); entre outros.

Conceito

Negritude
uma negra
atitude
uma forte
atitude
decidida
atitude
de ser negro

Negritude
...realidade (sendo)
uma escolha
não-neutra
de vida
do ser...(Bete)

Negritude
uma...poesia
uma sensibi-(li)
dade
de se sentir

Sebastião J. S.

Nasceu na Ilha de Santiago, Cabo Verde (1917) e faleceu em Lisboa (1951). Poeta. Em Lisboa conviveu com o grupo neo-realista, transitando assim de uma fase romântica para uma fase realista. Colaborou na Mensagem (CEI), Certeza, entre outras revistas e jornais da época. Obras publicadas: Devaneios (1938); Poemas de longe (1945).

Pare

*Limpa menino
O vidro do carro.
Ensaboa, enxágua
A visão embaçada.*

*Na sinaleira da vida,
Válvula de alívio,
Filtro da sociedade (cidade).*

*Assim que o sinal abrir
Horizonte mais limpo aparecerá;
Pra você, só depois de molhar,
Com lágrimas,
O pára-brisas do seu olhar.*

**Luis Carlos
Oliveira**

Afro-brasileiro, nasceu em 1965, na cidade de Senhora dos Remédios/MG. Escreveu Calo ou Falo em 1999 e participou das seguintes antologias: De Corpo Inteiro, Art – Poesia, Poesias, Frases e Desenhos; Grandes Escritores da Bahia e Terceira Antologia Literária.





Afrodite

Deusa
se for afro, dite!



Sidney de Paula Oliveira.

Afro-brasileiro, nasceu em São Paulo/SP. Sidney é bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo, além de advogado formado pela F. D. da Universidade Mackenzie em 1966. Participou das antologias dos Cadernos Negros volume 23 – poemas afro-brasileiros (orgs. Esmeralda Ribeiro e Marcio Barbosa).

Vozes Mulheres

*A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
Ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias*

*Debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue e fome.*

*A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si*

*As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
Recolhe em si
a fala e o ato.*

*O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Conceição Evaristo

Nasceu em 1946 na cidade de Belo Horizonte/ MG, mas reside no Rio de Janeiro desde 1973. Formada em Letras (Português-Literatura) pela UFRJ. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC e doutorada em literatura comparada pela UFF. Participou de várias antologias, dentre elas estão Vozes- mulheres mural de poesias, Niterói, Edição coletiva, 1991; Cadernos Negros 13 a 16 (org. Quilombhoje) São Paulo: Ed. dos Autores, 1990 a 1993.



Integridade

Ser negra
Na integridade
Calma e morna dos dias

Ser negra de carapinhas,
De dorso brilhante,
De pés soltos nos caminhos.

Ser negra,
De negras mãos,
De negras mamas,
De negra alma.

Ser negra
Nos traços,
Nos passos,
Na sensibilidade negra.

Ser negra,
No verso e no reverso,
De choro e riso,
De verdades e de mentiras,
Como todos os seres que habitam a terra.

Negra
Puro afro sangue negro,
Saindo aos jorros,
Por todos os poros.

Geni Mariano Guimarães

Afro-brasileira, nasceu em São Manuel/SP. Professora e escritora, possui, entre outras, as obras: "Terceiro Filho", "Da Flor o Afeto", "Leite de Peito" e "A Cor da Ternura".

Ser Negro

*éramos os que o silêncio encapuçou de branco
e o riso esparadrapou as feridas*

*os que nos sonhos perderam o sentido de ir
em meio a poças de maio
cheias de pinga e desprezo
abraços à miséria*

*aqueles cujos desejos são diariamente estuprados
pela oratória
alucinada apologiando delirium tremens à farta*

*...vendem-se orelhas em restaurantes políticos
para banquete de lobos
que se lambuzam do sofrimento alheio*

*cercados de armadilhas
formamos uma ilha minada por diamantes*

*ante o incêndio
quando perguntarem o que houve
diga apenas que estamos vomitando o acúmulo dos
séculos
sobre a mesa farta de indiferença e escárnio*

*diga também que não suportamos mais
esta anestesia de ser bom
para cumprir a maldição de Cam*

*no cerne do que fomos
o que seremos
nesta erupção de vida que nos tornamos*

Cuti

(É o pseudônimo de Luiz da Silva). Afro-brasileiro, nasceu em 31 de outubro de 1951 na cidade de Ourinhos – São Paulo. Algumas de suas obras são: Poemas da carapinha. São Paulo: Ed. do Autor, 1978. Batuque de tocaia. São Paulo: Ed. do Autor, 1982 (poemas). Entre outros.

Cabelos que Negros

*Cabelo carapinha,
engruvinhado, de molinha,
que sem monotonia de lisura
mostra-esconde a surpresa de mil
espertas espirais,
cabelo puro que dizem que é duro,
cabelo belo que eu não corto a zero,
não nego, não anulo, assumo,
assino pixaim,
cabelo bom que dizem que é ruim
e que normal ao natural
fica bem em mim,
fica até o fim
porque eu quero,
porque eu gosto,
porque sim,
porque eu sou
pessoa, porque sou
pessoa negra e vou
ser mais eu, mais neguim
e ser mais ser
assim.*

Oliveira Silveira

Poeta, gaúcho.

Jornada

Vinhas só,
o olhar poeirento
e um oásis de esperança
nas mãos desertas.

Vinhas só,
As carnes acesas em sangue,
os cabelos de sombra estendidos
pela terra imensa mordida de dor;
e na areia solta dos teus pés
eu vi as raízes da África.

Chegaste
com passos velhos de ecos
que soaram
batuque e conquista
nas noites tumultuosas da Impis.

Chegaste
e cresceste em mim
no grito dos tempos.
Descansa à sombra da minha Vontade,
Mãe,
Eu continuarei a Jornada.

Mulheres

“Remonto o fio de Ariana de nossas raízes africanas com o intuito de captar o nobre, o belo e o Essencial. Ventre que perpetua a raça, mulheres que acalentam nos braços e nas costas as histórias e tradições deste vasto continente: África. Fotografei mulheres de várias etnias entre Senegal, Mali, Burkina-Faso e Niger (oeste africano). São mulheres do povo, cenas do dia a dia. Com algumas delas a cumplicidade se passou no olhar, com outras no furtivo instante de um “clic” clandestino, e outras, através da amizade que se consolidou nestes meus muitos anos de África. Allandullilah! São mulheres, são negras, negras e sólidas como o ébano. Mães, meninas. Mãe África.”

Lucy Barbosa

Nascida em São Paulo, Lucy Barbosa é formada em História da Arte pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris onde morou por 12 anos. Na França foi diretora da Associação Cultural Franco-Brasileira. Junto ao serviço Cultural da Embaixada do Brasil em Paris se ocupava de divulgar a arte e a cultura brasileira.

Fotógrafa especializada em foto documental, já expos em museus e galerias no Brasil e no exterior. Sua última exposição foi em Salvador no quadro do II CIAD - (Conferência Internacional da África e Diáspora) à convite da Fundação Cultural Palmares.

Já fazem 17 anos que a fotógrafa tem uma ligação estreita com África do Oeste (Senegal, Mauritânia, Mali, Nigéria). A maioria de seus ensaios fotográficos (autorais) “Mulheres de Ébano”, “Filhos do Vento”, “Terra dos Longos Olhares” e outros decorreram deste convívio próximo com as culturas e religiosidades africanas, Islã e Vodú. Ainda hoje presente no seu cotidiano por viver entre estes dois continentes (Brasil e Mauritânia).



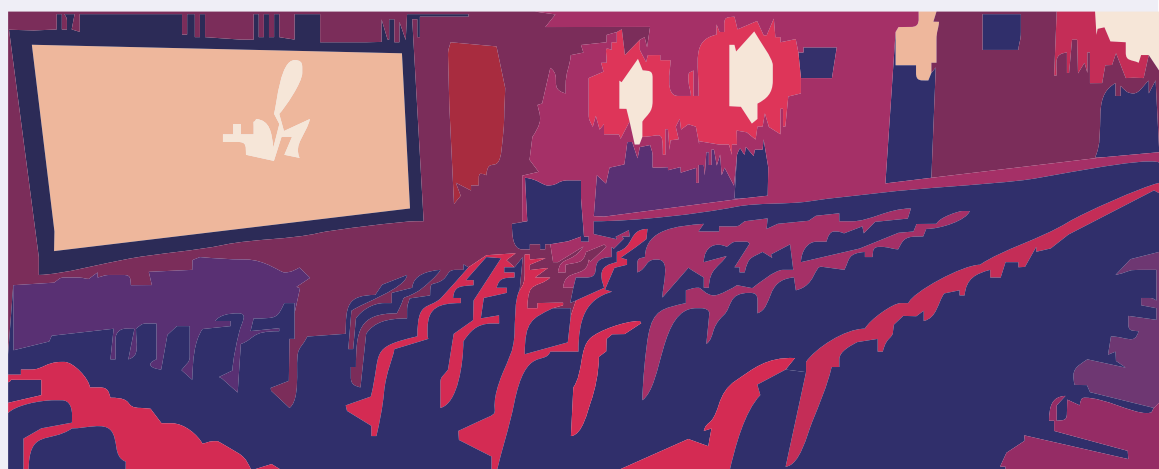
de Ébano

Ensaio Visual



CINEMA NEGRO:

Pontos reflexivos para a compreensão da importância da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora



I

Celso Prudente

*Antropólogo e cineasta. Doutor em Cultura e Organização pela FEUSP. Pesquisador do NEINB/USP-Núcleo de Estudos e pesquisas sobre o negro brasileiro da Universidade de São Paulo. Curador da Mostra Internacional de Cinema Negro.

**Colaboraram:

Télia Lopes – Geógrafa e professora, com aperfeiçoamento em História das Culturas Africana e Afrodescendentes pela Secretaria Estadual da Cultura/Assessoria para Gêneros e Etnia/ NUPE/UNESP e aperfeiçoamento em Africanidade pela UnB, Museu Afro-Brasil e pesquisadora-estagiária da Mostra Internacional de Cinema Negro. Márcia Danielli - Estudante de Letras (UNIBAN/SP), pesquisadora-estagiária da Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Mostra Internacional de Cinema Negro.

Com a ascensão internacional do movimento de massas, a luta dos negros pelos direitos civis nos EUA, liderada por Martin Luther King, foi um marco da década de 60. Isso somado ao processo revolucionário de descolonização dos países africanos, nos idos dos anos 70, formam um conjunto de fatores conjunturais significativos que concorreu para o surgimento do Movimento Negro Unificado, em meados dessa década. Esse movimento, se notabilizou pela desmitificação do Brasil, como paraíso da democracia racial e, também, na mobilização pelo fim do bonapartismo, configurado no regime de autoritarismo militar.

Nesse espectro, surgiu no Brasil o cinema negro, como uma tendência que deita raízes no cinema novo.

Aliás, cumpre observar, que o

termo cinema negro nasce com Glauber Rocha, ideólogo do cinema novo. No filme “Leão de sete cabeças”, o autor Glauber Rocha mostra uma hermenêutica, na qual a africanidade se traduz em um terreno fértil, para a visão revolucionária do socialismo internacional. Percebe-se nesse projeto cinematográfico glauberiano um sentimento Afro-Latino-América.

O “Leão” de Rocha, rodado no Congo de Brazaville, narra a luta pela descolonização e as dificuldades, que se dão na trajetória consubstancial da libertação.

A ambiência do filme, caracterizando a cosmovisão africana, se configura ganhando intensidade do sonsigno, no canto afro-brasileiro de Clementina de Jesus. Ainda assim, Glauber Rocha insistia em desenhar uma espécie de africanidade, valendo-se de signos que

dimensionavam o universo africano, usando do primeiro plano tão presente na fílmica do cinema negro e sugerindo ser um elemento indicador para o debate em favor de uma possível sintaxe dessa tendência étnico-cinematográfica.

Constata-se que o cinema negro é uma postura conceitual para expressar o discernimento da nova posição sócio-cultural do afro-descendente, na construção da imagem afirmativa do negro e de sua cultura.

Em um país poliétnico, de economia dependente, provavelmente o modo de produção social elege um modelo racial, tendo em vista a matriz da força hegemônica e imperialista, portanto anglo-saxônica. Com isso, outros traços raciais e étnicos diferentes do hegemônico são expostos a toda sorte de marginalização e do estereótipo da inferioridade racial.

II

Furtar a um grupo a

condição de conhecimento significa anulá-lo da possibilidade das relações de plenitude existencial. A marginalização de uma força étnico-racial se caracteriza no processo do cerceamento desse vetor ao acesso à produção de conhecimento.

Parece existir relação estreita entre a condição de subordinação e o processamento da expressão da ausência do saber. O nível de conhecimento dos segmentos subalternos é determinado pelo grau de necessidade tecnológica, do modo de produção em voga.

A reificação do afro-descendente tem sido uma espécie de tentativa, com vista a fragmentar o ser do negro, a partir da violência em forma de subtração da relação epistemológica no curso da sua história.

Isso indica para uma ação excessiva da apropriação cultural da axiologia africana pelas forças eurodominantes, que por meio do mito da superioridade ariana estabelece uma desepistemologização a do universo negro, com o

propósito de ferir a auto-estima do negro enquanto ser.

Nas lições de Heidegger¹, entende-se que o ser é um lócus da epistemologia. E no âmbito das relações ontológicas, percebe-se a iniciativa como componente essencial das relações de plenitude, em que se dá a construção dimensionadora das relações do fazer, como fonte de humanidade.

É sensato supor, que no sistema da iniciativa privada, no qual o ensino se localiza, no campo de mercado; o oprimido encontra-se privado de iniciativa. Estágio sócio-cultural próprio da imagem de subordinação.

Desse modo, nas relações de poder a força dominante usa a ideologia no propósito de impor sua feição como referência para o mundo. - Marx e Engels ensinam, em “A Ideologia Alemã”, que a burguesia faz da sociedade sua imagem e semelhança. Nessa linha de compreensão, provavelmente, o eurocentrismo é uma patologia, cujo vírus é infecto-contagioso, resultando na tentativa de deformação do tecido do saber negro africano.

Com efeito, o cinema negro no Brasil e no mundo, enquanto postura conceitual, em favor de uma imagética que reconstitui o ser do afro-descendente, em meio ao dinamismo da cosmovisão africana.

Exercício de uma práxis que se constitui no esforço da construção das matrizes do conhecimento negro, para por fim a nefasta iconografia da orfandade do afro-saber, que a imagem do negro tem sido vítima na África e na Diáspora.

Contata-se que no



Cineasta afro-brasileiro Zózimo Bulbul

1-HEIDEGGER, Martin. “Ser e Tempo”. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes. 1986. (p.184/230).

imagem afirmativa do negro no sonho de recriação de um imaginário com base no saber e na ontologia do negro no mundo.

Merleau Ponty chama atenção do imaginário como complexidade do olhar do artista:

“(...) O quadro, como a mímica do ator, pertence ao imaginário (...) O olhar do pintor vê o mundo e o que falta no mundo para ser quadro e o que falta ao quadro para ser ele mesmo”.²

O olhar mágico próprio de relações idílicas e fantásticas,

elevado estágio da revolução tecnológica, na qual a máquina foi superada pela informação cibernética, fenômeno que parece indicar uma nova mundialização, denominada sociedade global, na qual o meio de produção é caracterizado na comunicação. Esse espectro revela, ainda mais, a importância da representação da imagem na era da informação.

De tal sorte, o cinema negro torna-se, com isso, um importante instrumento na luta libertária, na construção da

peculiares do cinema, permite a realização de filmes, no qual a história objetiva é redimensionada em uma impregnação de subjetividade. Edgar Morin lembra:

“(...) todos os fenômenos do cinema tendem a conferir subjetividade à imagem objetiva”.³

De tal modo, que o autor transforma o objeto em um espaço utópico marcado de nuances indicativas da inversão de ordens, uma espécie de

carnavalização onírica no fazer cinematográfico.

Na estrutura do pensamento do cinema negro localizam-se componentes de subjetividades de natureza fantático-telúrico. Pois na tendência em questão, nota-se, quase que constantemente, uma magia para dar relevância a afro-epistemologia, ao mesmo tempo, em que a afirmação deste saber restaura a importância humana do continente, ora, negado.

O diretor no cinema negro tem o papel de reconstituir um imaginário positivo para a imagem do negro, na terra mãe africana e na diáspora. Fenômeno observado, com a Mostra de Cinema da África e da Diáspora, ocorrida na II CIAD, que reuniu filmes de realizadores comprometidos com a africanidade, tais como: Zezé Gamboa “O Herói” (Angola/ França/ Portugal, 2003); Clóvis Bueno e Paulo Betti, “Cafundó” (Brasil, 2006); Caito Ortis e João Dornelles “O dia em que o Brasil esteve aqui” (Brasil, 2006); Idrissa Quédraogo, “Samba Traoré” (Burkina Fasso/França, 1992); Rigoberto López “Roble de Olor” (Cuba, 2003); Flora Gomes, “Nhá Fala” (Guiné Bissau/Portugal/França, 2002); Ali Zoua, “As ruas de Casablanca” (Marrocos/França, 2000) e Abderrahmane Sissako, “À espera da felicidade” (Mauritânia/França, 2002). Alguns desses cineastas participaram da mesa redonda sob o

2- MARX, Karl; ENGELS, Friederich “A ideologia alemã”. Trad.: Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo, Martins Pena. 1998. (p.33/51).

3 - CHAUI, Marilena. “Merleau-Ponty: obra de arte e filosofia”. In: NOVAES, Adalto. “Arte e pensamento”. São Paulo. Companhia das Letras. 1994. (p.483/485).

4-MORIN, Edgar. “A alma do cinema” (p.150). In: XAVIER, Ismail (org). “A experiência do cinema”. Rio de Janeiro, Graal. 1983.

A crisálida do teatro negro no Brasil

Petrônio Domingues

Doutor em História/USP
Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Autor do livro *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Ed. Senac, 2004.
petronio@usp.br

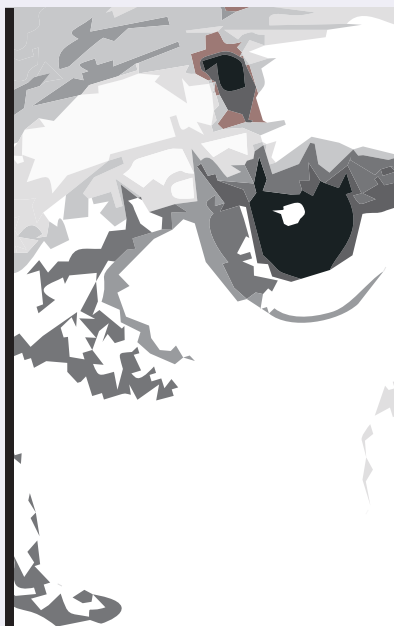
No livro *Corações de Chocolate: a história da Companhia Negra de Revistas* (1926-27), o historiador Orlando de Barros afirma: “No curto período de sua existência, de julho de 1926 a julho do ano seguinte, a Companhia Negra de Revista traçou uma das histórias mais interessantes dos palcos brasileiros”. Barros tem razão. Todavia, além de interessante, a história dessa Companhia é pouco conhecida, seja do meio acadêmico, seja do público em geral.

Na década de 1920, o teatro musical, principalmente o gênero “revista”, era uma das modalidades de diversão das mais populares nas grandes cidades brasileiras. No entanto, o que imperava no meio teatral naquele período era uma crise, com a diminuição de público e investimento no setor. Para reagir a essa situação, o teatro de revista passou por um processo de mudanças, com a introdução de novo tipo de cenário, figurino, coreografia, iluminação. A busca pelo experimental, espetaculoso, pitoresco, estava na ordem do dia. Foi nesse contexto que surgiu a Companhia Negra de Revistas no Rio de Janeiro, agitando o público e a crítica, encenando peças também em São Paulo, Minas Gerais e em outros estados, como Pernambuco e Rio Grande do Sul. Por todos os lugares em que excursionou, a trupe de “pretos”

causou polêmicas e reações as mais diversas.

A Companhia Negra de Revistas foi influenciada pela visita ao Brasil da companhia francesa Ba-Ta-Clan, dirigida por Madame Rasimi, no ano de 1922. Outro fator que influenciou o aparecimento da companhia brasileira foi a introdução dos elementos do teatro norte-americano: desde os recursos técnicos até os gêneros de música (como o jazz nascente) e dança (como o sapateado, o black-botton, o shimmy, o charleston). Contudo, a maior influência decorreu da repercussão internacional do espetáculo da *Revue Nègre* em Paris, em 1925.

No começo dos anos 1920 um artista “mulato”, João Cândido Ferreira, o De Chocolate, esteve em Paris, apresentando-se em espetáculos de variedades. Ao retornar ao Brasil, introduziu no teatro musicado muito do que aprendera na Europa. Nesse intervalo de tempo, fez grande sucesso em Paris o espetáculo da *Revue Nègre*. Companhia teatral estilizada, tinha como principal estrela Josephine Baker, uma negra que viria fazer um sucesso meteórico no mundo artístico internacional. A repercussão da *Revue Nègre* no Brasil foi vultosa, a ponto de De Chocolate resolver criar uma versão brasileira do “teatro negro”. Ao idealizar a proposta, ele associou-se ao cenógrafo português



Jaime Silva para montar a Companhia Negra de Revistas.

A Companhia era constituída só por negros e mulatos, exceto Jaime Silva, alguns artistas e técnicos, materializando, pois, não apenas uma presença isolada do artista negro nos palcos brasileiros, mas uma manifestação artística coletiva. Tratava-se de uma grande novidade, visto que o negro costumava aparecer em posições subalternas nos espetáculos teatrais, quase sempre em papéis de personagens ingênuos e/ou infantilizados.

O espetáculo de estréia, Tudo preto, foi o maior sucesso da temporada carioca. Somente no teatro Rialto a Companhia fez cerca de cem apresentações entre 31 de julho e 1 de setembro. Muito raramente uma revista alcançava essa marca. Devido ao sucesso, a “trupe chocolatina” passou a ser imitada. Surgiram outros grupos com a proposta de um “teatro negro”.

Vale enfatizar que o advento da Companhia Negra de Revistas selou o início do “teatro negro” no Brasil. Embora não mudando a estrutura das revistas e burletas, a Companhia forjou um novo estilo, com números de danças e canções inspirados na cultura afro-brasileira ou afro-americana. Daí a celebração das “coisas da raça negra” nos espetáculos, mas sempre inseridas num projeto de cultura brasileira. Uma das características da Companhia foi a permanente alusão à cor. Os títulos dos espetáculos eram sugestivos: Tudo preto, Preto e branco, Carvão nacional, Na penumbra, Café torrado. Isso permite afirmar que a Companhia desencadeou de forma embrionária o debate sobre a questão

racial no país. Ela se engajou na campanha em prol da construção do monumento à Mãe Preta. E quando esteve em São Paulo, foi homenageada por algumas associações dos “homens de cor”, como foi o caso do Centro Cívico Palmares e do Centro Humanista 13 de Maio.

A Companhia era composta por dezenas de artistas e profissionais de apoio técnico. Dos atores, Oswaldo Viana - “o elegante ator negro” - era quem mais tinha notoriedade. Já entre as atrizes, Rosa Negra, Dalva e Jandira eram as principais estrelas. A performance delas no palco costumava arrancar elogios do público e da crítica especializada. A Companhia ainda possuía uma orquestra, que ficava sob a batuta de Pixinguinha, e foi capaz de revelar um menino de 11 anos, o Pequeno Otelô, que no futuro se transformaria no Grande Otelô.

A Companhia foi alvo de ataques preconceituosos por parte do público, da imprensa, enfim, da opinião pública, numa época em que discriminar o negro não era considerado politicamente incorreto. O idealizador (e fundador) do “teatro negro” no Brasil, De Chocolat, chegou a ser acusado por um jornalista carioca como o responsável por aquela “coisa indecorosa, [...] tão deprimente para os nossos foros de cidade civilizada”. Em função de desentendimentos, De Chocolat rompeu a sociedade com Jaime Silva e criou uma nova companhia teatral, a Ba-Ta-Clan Preta. Sua principal estrela era Deo Costa, a “Vênus de Jambo”. A nova trupe de artistas negros, porém, não prosperou como sua congênere e, após algumas apresentações, foi extinta.

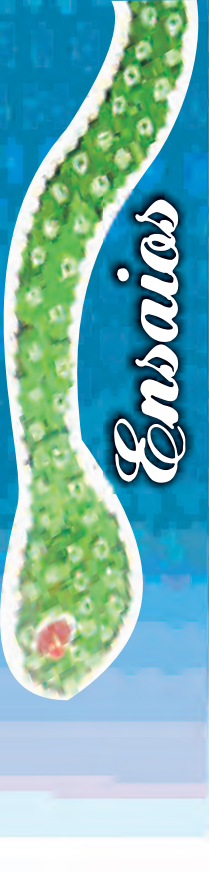
A Companhia Negra de Revistas cumpriu uma intensa

agenda de espetáculos e compromissos sociais. Foram por volta de 400 apresentações, quase sempre com sucesso. Sua experiência artística inovou em alguns aspectos o meio teatral e permitiu que os negros fossem elevados de papéis secundários ao estrelato, tendo, assim, oportunidade de demonstrar seu talento nos palcos brasileiros. Em virtude de tudo isso, a Companhia Negra de Revistas não pode cair no esquecimento. Sua importância pode ser mensurada pelo o que aconteceu em Itajubá, uma cidade do interior mineiro. Quando a trupe chegou à estação ferroviária, havia uma comitiva para recepcioná-la. Fazia parte dessa comitiva Venceslau Brás, o ex-presidente da República.

O desaparecimento da Companhia ocorreu após aproximadamente um ano de existência. Tudo indica que ela cumpriu seu ciclo “natural” de vida, na medida em que esgotou a novidade e saturou o público. A saturação teria sido provocada pela exposição em excesso das revistas com artistas negros nos palcos sobretudo do Rio de Janeiro e São Paulo. Com efeito, outros fatores também concorreram para a dissolução da Companhia, como os problemas financeiros e os decorrentes do preconceito racial.

Referências bibliográficas:


- BARROS, Orlando de. *Corações de Chocolat: a história da Companhia Negra de Revistas (1926-27)*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2005.
- GOMES, Tiago de Melo. “Negros contando (e fazendo) sua história: alguns significados da trajetória da Companhia Negra de Revistas (1926)”. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, 2001, pp. 53-83.



As Marcas da Matriz Africana Na Atualidade

Jurema José de Oliveira

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Professora Substituta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro.



O tempo é de lembrar e narrar histórias que recuperem as marcas da *africanidade*. Segundo Benjamin, traçar o perfil de um narrador não significa aproximá-lo do ouvinte, mas distanciá-lo deste. Os elementos que definem o narrador podem surgir de diversas formas, tais como: um rosto humano ou um corpo de animal presente num rochedo. Esse afastamento é consequência da impossibilidade de o homem moderno narrar fatos passados, acontecimentos, ou situações vividas ao longo de sua vida, sendo assim, a "arte de narrar está em vias de extinção" (Benjamin, Walter, p.197).

O narrador tem como matéria-prima trabalhar a experiência que passa de pessoa a pessoa e, para continuar passando-a, ele necessita de uma distância tanto temporal como espacial. Assim, os representantes arcaicos dos verdadeiros narradores são os camponeses sedentários (histórias do próprio país) e os marinheiros comerciantes (histórias de outras terras). Os

contadores de histórias trazem à tona dilemas humanos com o intuito de construir uma imagem positiva do negro. Os personagens das histórias que serão estudados aqui são dotados de habilidades que lhes permitem pensar e refletir acerca de diferentes conteúdos. Eles conhecem suas origens, logo podem dar seu testemunho e trazer à tona a memória passada "como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e inovadora" (Bosi, Ecléa, p.9) para recuperar ficcionalmente uma visibilidade dos agentes que perpetuam no plano imaginário as histórias de homens e mulheres que contribuíram para a formação da narrativa nacional.

Se a verdadeira narrativa tem, em linhas gerais, uma função utilitária, imbuída de uma reflexão crítica, de uma vivência, de uma norma de vida para tecer na substância viva da existência toda a sabedoria decorrente da ancestralidade, não se pode mais respaldar uma visão estereotipada produzida pela tese da 'cordialidade racial', pregada por Gilberto Freire em *Casa grande e senzala*. Pressupõe-se, hoje, que o contador saiba desmitificar e abordar positivamente o personagem negro no universo literário.

A *performance* discursiva de autores comprometidos

com a "arte de narrar" possibilita ao leitor estabelecer relações entre o livro e as observações da vida cotidiana. Essa junção pode conduzir a modificação de estereótipos sobre pessoas negras, pois põe em movimento interpretações dialógicas que convida o leitor à reflexão. As crianças e os adolescentes são levados a conviver imaginariamente com perfis negros, alegres, bonitos e inteligentes, o que aumenta sua auto-estima. De acordo com Paul Zumthor, todas as sensações boas ou ruins são sentidas pelo corpo conjunto de elementos que compõem a vida psíquica

O corpo de que fala Zumthor enquanto imagem humana sofre as mais variadas pressões e enquanto corpo/texto passou por um processo de metamorfose na era contemporânea, pois a voz enunciativa do mesmo deixou de ser um conselheiro, como bem definiu Benjamin, para partilhar com seus leitores as dúvidas, as mazelas humanas, mas principalmente as experiências da vida diária. Algumas narrativas contemporâneas valorizam o imaginário de uma tradição distinta daquela inaugurada por Monteiro Lobato, que eternizou um estereótipo marcante da história literária brasileira.

Esta imagem estereotipada da contadora de histórias por muitos anos foi recuperada por escritores e escritoras que, na impossibilidade de visualizar o Outro sem a aversão proveniente de um falso julgamento, reforçam com suas narrativas o racismo reinante no ideário coletivo, mas nesse cenário de falsa "democracia racial", surge uma produção literária negra que busca ligar o ontem e o hoje, as experiências antigas e as novas, unindo o fio de histórias que dão visibilidade à "arte de



narrar". Num diálogo vigoroso, essas produções recuperam a matriz afro-brasileira do contador de histórias, que vem enriquecendo o imaginário coletivo de forma positiva. As vozes do passado, aquelas mitificadas por natureza que fundamentam imagisticamente o imaginário cultural, são recuperadas pelo narrador/contador que realimenta, permanentemente, via discurso literário as origens de nossa sociedade numa releitura crítica e agradável como forma de resistência aos parâmetros do mundo contemporâneo.

Os narradores de *Favela minha morada* (1985) de Carlos Jorge, *Contos ao redor da fogueira* (1990), *Dingono, o pigmeu* (1994) ambos de Rogério Andrade Barbosa, *A cor da ternura* (1991) de Geni Guimarães e *Felicidade não tem cor* (1994) de Júlio Emílio Braz não sabem aconselhar, mas sabem falar dos sentimentos humanos mais íntimos e as transformações da vida contemporânea por meio das configurações inventivas da ficção, pois, se o centro da narrativa épica está na "moral da história", o centro em torno do qual

se movimenta a enunciação infantil e juvenil da atualidade é o "sentido da vida", num mundo em que não há mais espaço para conselhos. O autor expõe a unidade da vida, ultrapassando os dualismos interiores e exteriores. O homem perdeu a harmonia com a natureza primordial, mas o escritor devolve a totalidade perdida, por intermédio de uma arte viva, entusiástica, apaixonada. Só conta uma história quem está disposto a viver uma vibração explosiva, transmitindo-a ao ouvinte ou ao auditório. Constata-se na atualidade um resgate do modelo invisível presente na memória, na evocação da tradição. Carlos Jorge dinamiza sua narrativa com fatos que se aproximam de relatos vivificantes, ligados às experiências particulares mas, também, a uma coletividade que se reconhece em *Favela minha morada*. Essa história alimenta os sonhos do menino que vive no interior de cada membro da favela imaginária.

Favela minha morada é um texto autobiográfico e traz à tona um narrador conhecedor das histórias de sua comunidade que retira da memória o tom

certo para rememorar um tempo festivo de fuga para um mundo de fantasia.

Numa linha discursiva semelhante de experiências vividas e imaginadas, destacam-se, também *Contos ao redor da fogueira* de Rogério Andrade Barbosa. De acordo com Camara Cascudo, o conto revela informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais. Ele é um documento vivo que divulga costumes, idéias, mentalidades, decisões, julgamentos e experiências. O escritor Rogério Andrade Barbosa, a partir de suas viagens imaginárias e da sua experiência como professor na Guiné-Bissau, evoca da memória a entonação certa para construir suas narrativas.

Em *Dingono, o pigmeu*, do mesmo autor, a voz da enunciação conta os feitos de pequenos grandes homens, que vivem em comunhão com a selva, falam com as árvores e entendem os animais. Num trabalho cooperativo, os caçadores são capazes de abater um elefante, sem que isto represente um crime contra a natureza. A narrativa nos mostra o equilíbrio entre o homem e a natureza, recupera a visão mítica de "uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada [por meio] de perspectivas múltiplas e complementares" (Eliade, Mircea, p.11). O personagem central da narrativa é um adolescente que conhece a história de seus ancestrais.

Se a narrativa tradicional era desenvolvida num ambiente escolhido, com hora pré-determinada, os narradores contemporâneos criam novos ambientes e novas formas de promover as experiências comunicáveis, como aquelas

vivenciadas por Geni, personagem de *A cor da ternura*. Este livro narra a história de afetividades, de experiências compartilhadas por uma família que encontra na esperança forças para conquistar dias melhores. O livro de cunho autobiográfico recupera as primeiras lembranças de Geni, as vozes do passado e do presente, as viagens imaginárias da pequena Geni e o vôo libertário da mesma após romper com as amarras de um mundo que diferencia os homens pela cor da pele. O espaço privado, o familiar, constitui-se para Geni o alicerce para enfrentar as dificuldades encontradas no espaço público, nas relações escolares, na vida profissional, repleta de dúvidas e perguntas.

A perspectiva discursiva que corrobora a visão de mundo desenvolvida pela escritora Geni Guimarães intensifica a idéia de *performance* teorizada por Zumthor. Um acontecimento oral e gestual, que adquire na escrita literária o movimento necessário ao preenchimento das fissuras produzidas pela "memória-hábito", da vida diária, dos gestos repetitivos e sem emoção. Os fenômenos da vida adquirem um novo significado na encenação textual desta autora.

A encenação da memória-hábito pode ser percebida, também, em *Felicidade não tem cor* de Júlio Emílio Braz. Num discurso dialógico com o fundador da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato, Júlio Emílio Braz dinamiza sua narrativa de forma intertextual. Se a personagem Emília de Monteiro Lobato é uma boneca questionadora, irônica e debochada que menospreza a vivência, a sabedoria de Tia Nastácia, a narradora de



Felicidade não tem cor, uma boneca preta, numa postura crítica reatualiza de forma positiva a matriz africana presente em nossa tradição cultural. Nesta obra, a voz da sabedoria em um ambiente cultural dicotômico denuncia a falsa "cordialidade racial" num contexto social heterogêneo que precisa reescrever a *narrativa da nação*.

Conclui-se, desta forma, que os sentidos num só, de que fala Carlos Drummond de Andrade no livro *A rosa do Povo*, podem ser apreendidos nas enunciações contemporâneas marcadas pelo desejo de restabelecer a unidade perdida para restituir a plenitude da vida e os *sentidos* da existência.

Referências bibliográficas:

- 1-BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, 1989.
- 2-BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos. São Paulo: EDUSP, 1994.
- 3-ELIADE, Mircea. Mito e realidade. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- 4-ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: EDUC, 2000.
- 5-OLIVEIRA, Jurema José de. "Como a narrativa africana tece o presente recuperando o passado". In: Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, nº 1, p.89-93, agosto 1999.

Reflexões Sobre a Literatura Angolana

**Manuel dos Santos
Lima**

Manuel dos Santos Lima, angolano, é escritor, poeta, romancista e reitor da Universidade Lusfada de Angola. É autor das obras *Poetas Angolanos*, Lisboa, 1959; *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*, Argel, 1968, entre outras.

Instrumento quotidiano de dominação cultural, as línguas europeias acabaram por se impor às elites africanas ao ponto de se tornarem maioritariamente as línguas oficiais dos Estados da África independente.

A repartição linguística resultante do recorte geográfico arbitrário, tendo criado situações de ruptura de natureza cultural, levou a maior parte dos países africanos a adoptar a língua da sua afiliação colonial. E é assim que hoje, mais de quarenta de entre eles, comunicam, oficialmente, em línguas europeias, contra apenas seis países, que, beneficiários de circunstâncias particulares, puderam optar pelas suas línguas de origem.

Decorridas que são mais de três décadas sobre as descolonizações dos antigos territórios sob dominação portuguesa, a questão da língua continua a não ser pacífica. Não em relação às populações africanas para as quais esse terreno foi de resistência espontânea no entrechoque de culturas, mas para os estudiosos e especuladores da africanidade.

Com efeito, em regime colonial, o Indígena, refugiando-se na sua língua nativa não caía no aviltamento do “pretuguês” e até podia desfrutar do colono, enquanto que o “Assimilado”, porque imigrante cultural, ao exprimir-se



correctamente em língua europeia era crucificado pelos seus “civilizadores”, pois para estes constituía uma contradição aberrante ser-se Africano e possuir a língua do outro, em pé de igualdade. Deste modo, a língua europeia tornava-se uma ambiguidade para o colonizado: ou se riam dele quando não a dominava ou lamentavam-no por falar demasiado bem, sinónimo de perda da sua identidade cultural e autenticidade, levantando até suspeitas...

Esta ambiguidade parece não ter sido prevista pelos nossos bisavós, divididos entre reivindicações de igualdade de direitos e o estatuto de portugueses “de cor” por um lado e por outro por uma certa tentação libertária, resultante das transformações da sociedade

indígena. Pela colonização e miscigenação, eles abraçam com fervor a língua portuguesa. Dá-se então o advento da lusografia de expressão angolana como resultado do encontro de duas solidões de ordem sócio-cultural: a dos civis e militares lusitanos isolados na colónia e a dos primeiros intelectuais locais de cuja pena sairá o discurso poético-social e nacionalista, entrelaçando o português e o quimbundo.

Uma língua, além de instrumento de unidade e de identificação, é também um fenómeno de comportamento sócio-psicológico e em Angola, tal como nas outras colónias, a língua só ganhou valor cultural e político com o surto das respectivas burguesias, “os filhos da terra”, quando em número significa-

Indígena

tivo, os “filhos da terra”, se puseram a escrever em português.

Essas literaturas nasceram sob o signo do jornalismo de opinião reflectindo a ordem social, económica e política da vida colonial, dentro do quadro do liberalismo oitocentista português vigente.

A aculturação provocada pela colonização traduziu-se, por parte das elites africanas lusófonas, num esforço de semelhança pela adopção dos modelos estéticos propostos pelo outro.

Nessa perspectiva, o santomense Costa Alegre e o angolano Maia Ferreira, são dois exemplos elucidativos de assimilação cultural nas letras africanas de expressão portuguesa.

Costa Alegre, na sua poesia, consagra o amor do

outro pelo auto-desprezo da sua cor, numa longa choradeira romântica onde o homem negro aparece como vítima de uma fatalidade mística.

Maia Ferreira, por sua vez, dedica o seu primeiro livro de poemas “às senhoras africanas” mas neles exalta o “nível seio”, a “alta brancura” e os “cabelos de ouro”, o que nos parece pelo menos desconcertante...

Apesar disso há um cosmopolitismo que se instala imediatamente, traduzindo-se em fascínios pluridireccionais.

E se obviamente o mais entranhado se orienta no sentido da lusitanidade, há também modelos e referências de origem diversa, nomeadamente francesa.

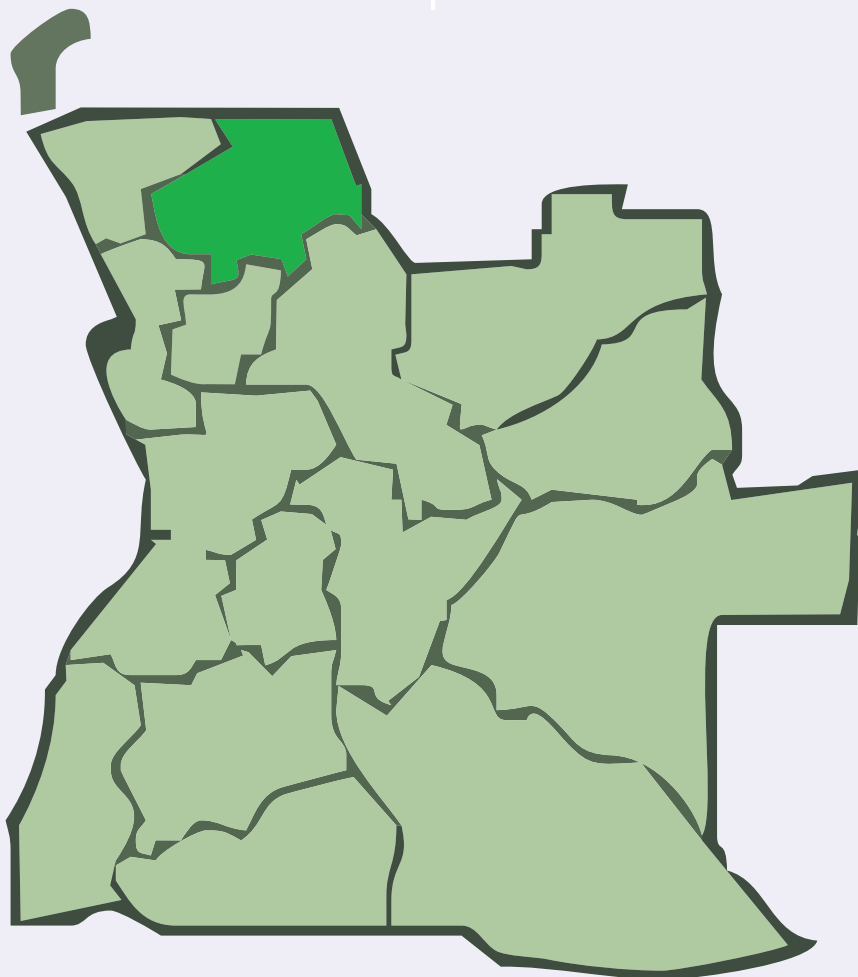
Será por essa via que os lusógrafos angolanos entrarão na tradição ocidental do texto, em oposição à sua tradição oral.

Segue-se-lhe um fascínio político-literário na direcção do Brasil, de que Angola se tornara, praticamente, colónia. Concomitantemente abre-se uma via nacional que irá consagrar um bilinguismo textual que se manterá até ao panafricanismo da militância poética anticolonial, com laivos folclóricos e regionalistas. Se tomarmos como referência “Espontaneidades da minha alma” obra do já citado Maia Ferreira, dada à estampa em 1849, contamos quase século e meio de literatura angolana escrita em português.

Tendo aprendido a tocar a lira europeia, também abraçáramos sonhos do seu século, embora buscando ao mesmo tempo a sua identidade e forjando uma consciência protonacionalista enquanto que os poetas europeus radicados nas colónias consagravam a Vénus negra e em guisa de compensação pela negrura da pele lhe atribuíam uma soma irresistível de predados físicos. Ela é corpo, é negra-Desejo. Os escritores africanistas farão dela (e da mulata) a mulher-Amante; os intelectuais africanos verão nela a negra-Mãe, identificada à terra-berço.

Como consequência da Conferência de Berlim (1885), Portugal dá início a uma nova política colonial que vai favorecer tanto a imigração portuguesa como desencadear uma cerrada competição entre metropolitanos e africanos.

A incipiente sociedade euro-africana desfaz-se, instalando-se a crise na cohabitação racial, o mesmo tempo que ganha corpo uma nova estratificação social em que a pele, antes de ser um alvo será um uniforme que determina o estatuto social daquele que o enverga. Daí que a literatura vindoura terá expressão epidérmica, como



reflexo directo das oportunidades económicas, escolares e culturais concedidas pela sociedade colonial.

Consequência disso igualmente, igualmente, a escrita produzida em Angola, terá em 1975, ano da independência, uma participação de 62% de autores brancos, 34% de mestiços e 4% de negros, constituindo estes 98% da população global.

Com o movimento da *Négritude*, em que a revolta é considerada um acto iminente, cultural, o escritor africano rebela-se, deixa de ser um consumidor cultural para se tornar um agente da sua própria cultura e sujeito da História, embora com um atraso considerável em relação aos literatos afro-americanos dos Estados Unidos, Cuba, Haiti e Martinica, que já no último quarto do século XIX são panafricanistas convictos e orgulhosos da sua herança africana.

A *Négritude* nos lusógrafos africanos significará, quase unicamente, uma recusa da Assimilação, isto é assassínio da cultura autóctone, que foi um dos pilares maiores da política colonial praticada por Portugal.

Será no pós-guerra que se assistirá ao salto qualitativo da poesia africana lusógrafa. Falo de poesia, unicamente, porque o teatro e o ensaio não têm expressão, e o conto e o romance escasseiam. Recorde-se contudo para Angola os nomes de Assis Júnior, autor de “O Segredo da Morta”, Castro Soromenho com “Terra Morta”, “Viragem” e “A Chaga” e também Óscar Ribas com a sua prosa étnica. Luandino Vieira escreveu “Luuanda”, que lhe valeu doze anos de Tarrafal;

Pepetela revelar-se-á contista nos concursos literários da Casa dos Estudantes do Império (Lisboa) e eu próprio publiquei dois romances antes da independência: “As Sementes da Liberdade” e “As Lágrimas e o Vento”.

Em Moçambique merece destaque Luís Bernardo Honwana com a sua obra “Nós matámos o cão tinhoso”, um conjunto de contos neo-realistas. Na mesma linha, Orlando Mendes publicou “Portagem”, considerado o primeiro romance inequivocamente moçambicano.

Em Cabo Verde o movimento Claridade assinala desde 1936 a modernidade literária das ilhas e representa a intenção de divórcio de uma temática inspirada dos padrões portugueses, em proveito de uma autenticidade nacional, telúrica e de raízes afro-europeias, a Caboverdianidade, de que Baltasar Lopes é o patriarca. O seu romance “Chiquinho” é um marco incontornável.

Espião infiltrado na cidadela, o escritor é perigoso porque maneja uma arma terrível: a Palavra! Como dizia Sartre, “as palavras são como pistolas carregadas...”

A colonização tendo sido, como dissemos, uma das causas directas da moderna literatura africana de expressão portuguesa, esta tornou-se facilmente uma literatura engajada, anticolonial. A sua poesia é messiânica; ela desenha a memória do passado e exprime a vontade de Futuro.

O Contratado estabelecerá a ponte entre o Escravo e o

Colonizado; os caminhos por eles percorridos – itinerário da Dor – identificar-se-ão ao longo Calvário de todo o povo subjugado.

Genericamente a poesia africana do pós-guerra é um acto de liberdade. O poema antes de ser texto é uma intenção de luta, terreno de denúncia e confronto, um espaço iminentemente social.

Naturalmente que qualquer intenção de sociedade alternativa mergulha as suas raízes numa matriz colectiva de revolta e de esperança e que o messianismo é o projecto da imaginação e a atitude de ruptura do silêncio, exprimindo a recusa colectiva face a uma situação histórica insustentável. Por outro lado, sendo toda a expectativa messiânica moldada por um mito director – no caso das colónias portuguesas, a independência – o Poeta será, consequentemente, um militante da Causa, porta-voz dos povos que a colonização tornou afónicos.

O poeta militante é, no dizer de Aimé Césaire, um remuniador de almas, aquele que com a palavra acende rastilhos...

Ao seu lado está o político, o outro porta-bandeira dos oprimidos. Revolta literária e discurso político amparam-se mutuamente: o homem político reivindica a liberdade em nome da dignidade do seu povo, o homem de letras anuncia a madrugada, apela ao combate, inventa a Nação.

***O moçambicano José Craveirinha,
anuncia-nos a sua determinação
no poema “Primavera de Balas”:***

*Na minha última humilhação
E sem ir embora da minha terra
Emigro para o Norte de Moçambique
Com uma primavera de balas ao ombro.*

*E lá
No Norte almoço raízes
Bebo restos de chuva onde bebem os bichos.
No descanso em vez da minha primavera de balas
Pego no cabo da minha primavera de milhos
E faço machamba ou se for preciso
Rastejar sobre os cotovelos
E os joelhos
Rastejo.*

*Depois
Escondido em posição no meio do mato
Com a minha primavera de balas apontada
Faço desabrochar no dólman do sr. Capitão
As mais vermelhas flores florindo
O duro preço da nossa bela
Liberdade reconquistada
Aos tiros!*

***E Noémia de Sousa,
sua compatriota, proclama:***

*Escreverei, escreverei,
Com Robeson e Marian gritando comigo:
“ Let my people go”
OH, DEIXA PASSAR O MEU POVO.*

Agostinho Neto (1922-1979) reuniu em si as duas facetas: o poeta cantor de “A Sagrada Esperança”, foi o 1º Presidente da República Popular de Angola e nessa qualidade passaria do messianismo à construção utópica do Estado.

Em 1975, na sequência do golpe de Estado do 25 de Abril de 1974, fechava-se o ciclo do Império. Portugal deixa de ter colónias.

Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, S.Tomé e Príncipe passam a ter assento no concerto das nações como senhores e donos do nosso próprio Destino.

Passaram-se trinta anos! Em Setembro, conto estar em Paris com os sobreviventes de um evento que marcou a minha juventude: O “1º Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros”, convocado por Alioune Diop, director da revista “Présence Africaine” e que teve lugar no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, há 50 anos.

Rejuvenesce-me reviver aqui a mesma atmosfera de estudo, debate, entusiasmo e esperança; entristece-me pensar que muitas das questões tratadas nessa altura, continuam dolorosamente actuais.

Que pena que a vida seja um rolo que se vai encurtando tão depressa!

O escritor é um malabarista de sonhos e uma testemunha do imaginário. Mesmo se cada época tem o seu perfil de escritor, a literatura é sempre um exílio e pátria só de homens livres.

Não me perguntem quem sou: venho da outra margem, da margem de Ontem, em busca do Amanhã Ainda adolescente já andava nisto. Cresci, envelheci e continuo à espera. Porquê, santo Deus?

Ainda trago no corpo as marcas das cadeias e grilhetas. Sou boat-people, candidato voluntário à Diáspora. A bússola da sobrevivência é o meu instrumento instintivo de navegação: troco os meus braços por uma fatia de pão com algum conduto de dignidade para dividir com os meus que ficaram à espera, em contagem decrescente para a morte.

Tenho muita paciência e resignação, certificadas com diploma carimbado pela Universidade Internacional da Escravidão, Colonização e Cidadania adiada. Continuo à espera. Ensinaram-me que Deus deu o relógio aos Brancos e o tempo aos Africanos. Deve ser por isso que eles começaram já ontem a caminhar na via do Progresso.

Se hoje calhar ser o dia de eu comer, logo à tarde, se entretanto eu não ficar doente e se já não for muito tarde para mim, sou capaz de perguntar à História onde fica essa tal via do Progresso; parece que é ao pé da via da Democracia. É o que dizem. Não sei se ainda haverá lugar para nós. Somos uns 500 milhões e somos maioritariamente sucata humana, subalimentada, de mão estendida à caridade internacional.

Mas sabem, sou capaz de correr à frente de todos, de driblar com qualquer bola ou de dançar sem parar... E também vos digo que muita gente da

minha família é jovem: menos de 18 anos!

Sem corrupção endémica, com comida, medicamentos, muita educação e um pouco de solidariedade entre nós, o meu país, o teu país, os nossos países, teriam pernas para andar, como os outros. Se vocês os ricos não quiserem os meus braços por não trabalharem depressa e bem, eu, tu, ele, nós vendemos a nossa cabeça, a nossa massa cinzenta, que nos nossos países se despreza. Só na Europa comunitária, há uns oitenta mil engenheiros, médicos, professores, advogados e não sei que mais. Os números não são precisos porque são confidenciais ou não existem; e ainda por cima a maior parte desses quadros africanos mudou de nacionalidade. É como no futebol. Vocês não viram nos relvados, os Portugueses, os Franceses e os Ingleses ... de cor?

De tanto esperar vou reflectindo e interrogando-me sobre coisas a que ninguém responde: dos 53 países africanos existentes, 28 encontram-se no pelotão dos 35 mais pobres do mundo e 20 deles têm a lanterna vermelha do alerta, acesa: eles estão em risco de desaparecimento por inviabilidade; a fome habita a casa de 43% da população de África. Ora se o cérebro de uma criança subalimentada até aos quatro anos de idade dará depois um rendimento de menos 30% da sua capacidade normal, isso significa que se a África não mudar depressa, depressa, a África está a auto-condenar-se a ser um continente de sub-homens?

SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!



Cada tridente em seu lugar e outras crônicas, de Cidinha da Silva

por Rosane Borges

Camaradas e companheiros versados e letrados nesta lida! A crônica estava falida, mas agora está morta... Morreu daquela generosidade torta com que tratou o esquisito e o deplorável, tentando aprisioná-los em conceitos palatáveis para os abomináveis leitores de domingo. A crônica morreu por omissão, ao circunscrever os fatos ocorridos em textos suaves, coloridos, doces e digeridos. Assim, morreu de indigestão na contramão desses tempos em que todos os sentidos são possíveis, especialmente os indecifráveis, indefiníveis ou condenáveis...

Fernando Bonassi

CADA TRIDENTE
EM SEU LUGAR E
OUTRAS CRÔNICAS

Cidinha da Silva



Título:

Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas.

Autora:

Cidinha da Silva.

Edição:

São Paulo: Instituto Kuanza, 2006

Não raro, nos deparamos com declarações desencantadas que atestam a morte de determinado gênero literário. É certo que, sufocados pela profusão de dizeres e escritas, pelas condições de produção, alguns modos de expressão tradicionais se vêm ameaçados em meio à vertiginosa gama de textos. Mas não só. Bonassi, com o excerto acima, chama a atenção para o fato de a crônica ter se acovardado, se acomodado às previsíveis colunas esportivas, com seus igualmente previsíveis textos. A copa do mundo, pródiga em produzir crônicas e cronistas, é um exemplo que aquilata as inquietações de Bonassi.

Nesse universo quase desolador, nem tudo está perdido. O recém lançado *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas*, de Cidinha da Silva, editado pelo Instituto Kuanza, é uma renovada possibilidade para se cultivar esperanças com o gênero. Cidinha não se acovarda, não acomoda o seu texto às fórmulas usuais, aceita o desafio de habitar o terreno das questões do “núcleo duro”, desertadas que foram pelas crônicas costumeiras que povoam as páginas dos nossos jornais. Mas, atenção: quem acha que vai encontrar um livro panfletário, engana-se! Com 30 crônicas, inicialmente foram selecionadas 39, o livreto (a alusão nesses temos refere-se tão-somente ao tamanho) é manufaturado com acontecimentos do mundo prosaico, produzido por arranjos e rearranjos das coisas simples que fazem parte de nosso viver rotineiro. Se a

Rosane Borges

Jornalista doutoranda em comunicação e linguagem pela ECA / USP, integrante do instituto KUANZA.

construção do sentido das coisas e da vida é a eterna busca que nos reúne, que nos irmana, nos humaniza. Cada tridente tem valor inestimável: ele nos dá a dimensão da relevância do dia a dia na construção do sentido e do valor. Nessas condições se entreabrem novas possibilidades de se pensar a nós mesmas(os) e aos outros. São relatos de uma mulher negra que atravessa, ao mesmo tempo em que compõe, a paisagem a ser olhada; paisagem marcada pelas subjetividades, pela orientação sexual, pelo racismo e sexismo...

Como ela mesma nos ensina, o livro está estruturado, pelo menos, em três perspectivas parcialmente diferentes: a primeira é destinada a “um pedido de licença”, é o terreno em que ela finca suas raízes, sua relação com o transcendente; a segunda diz respeito às subjetividades, à relação de gênero, à sexualidade; e a terceira e última ocupa-se das relações raciais. Para Cidinha, a terceira parte foi a mais desafiadora.

Se não há linguagem escrita sem alarde, as crônicas de Cidinha fazem barulho, mas é um barulho interno, que nos provoca, nos motiva a partilhar com ela acontecimentos e situações dos quais foi protagonista ou telespectadora. Na espessura de suas crônicas, a solidão de uma escrita busca, e encontra, pares concordantes e discordantes. O que apresento aqui é um texto-entrevista, entretecido pelas declarações literais da escritora e por comentários meus.

Indagada sobre os temas do seu livro, Cidinha revela: procurei escrever crônicas em que pudesse falar de mulheres negras, orientação sexual, lésbicas, gays, racismo, sexismo. A minha preocupação foi não produzir algo panfletário, mas politicamente posicionado. Quis escrever coisas sobre o cotidiano com frugalidade. As formas de expressão foram cuidadas para se ter um produto que não se equivoque quanto à sua natureza literária.

Mas, em se tratando de uma escritora que escreve de um lugar de fala posicionado, Cidinha se acercou de escritoras negras brasileiras e de outros países, filiando-se também a elas: Lêda Martins, (para ela, uma das nossas melhores:

"cada frase de Leda é escrita com tanto esmero"), Mirian Alves, uma grande divulgadora da "literatura feita pela mulher negra", Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Audre Lorde (não traduzida no Brasil), Toni Morrison, Bell Hooks, Alice Walker e Paulina Chiziane.

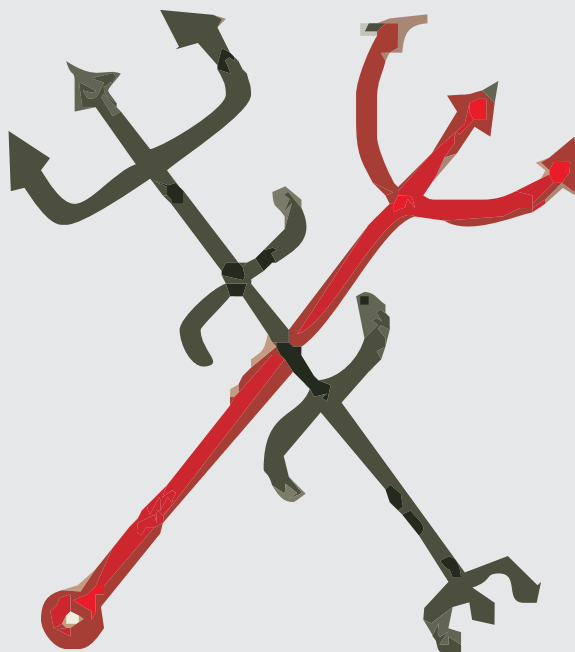
Para Cidinha, essas referências são o que a faz escrever “a partir do que a gente é, falar do lugar de mulher negra”. “Essa já é uma perspectiva afrocentrada”, assevera ela. Quando inquirida sobre as dificuldades que as mulheres tiveram de ser inscrever nos seus próprios escritos, vide os poemas e romances de escritoras que foram enunciados na voz masculina, como os de Cecília Meireles, Cidinha avalia que as mulheres negras têm encontrado espaços onde conseguem articular o feminino-negro de sua linguagem. Para ela,

os Cadernos Negros foram produções importantes para o nosso crescimento no campo literário, para que a nossa própria voz torne viável a travessia dos desejos.

Mulher-negra-que-escreve, Cidinha não se furta em seu labor prático-discursivo em trazer à superfície as sutilezas do racismo, do sexismo, das subjetividades, mas opera sempre no registro da leveza, do cômico, da singeleza. Talvez seja por isso que, tranqüi-

lamente, Cidinha ajuíza: “com as idiossincrasias a gente brinca, com o racismo a gente briga, enfrenta, combate”. Ao assim fazer, nossa escritora nos oferece um livro maduro e fiel às suas intenções.

Se, como disse Antonio Candido, na crônica, "tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida..." Certamente, da janela em que se vê o mundo, Cada tridente em seu lugar e outras crônicas nos torna mais maduras(os) e fortalecidas(os) para voltar ao mundo como ele é, aventando possibilidades de como deve ser. Valeu Cidinha!



ALAPINI ÌPÉKUN ÒJÈ (ALAPINI, o absoluto detentor do título)



Título:

A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi

Autora:

Jaime Sodré

Edição:

Salvador/BA: EDUFBA, 2006

Apoio:

Fundação Cultural Palmares / MinC

Datam da década de oitenta do século vinte, as primeiras intervenções da militância negra no âmbito da academia brasileira. Sem bairrismo e sem querer ser exaustivo, registro três exemplos destas intervenções: os trabalhos acadêmicos, de Mestrado, de: Ana Célia da Silva (Faculdade de Educação/UFBA), Arnaldo Lima e Luiza Bairros (ambos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA). Foi uma década, a de oitenta, muito feliz para o Movimento Negro. Estávamos mais ocupando ruas e praças deste Brasil do que na trincheira acadêmica.

Na década de noventa, começa-se a falar mais, não com certo incômodo para aqueles acadêmicos que escreviam sobre a história negra mas, que não mexiam nem a pena nem a boca para denunciar o racismo brasileiro, que negros/negras militantes estavam ocupando o espaço da academia para escrever sobre a sua própria história. Este testemunho dos militantes desta década, em meio a onda negra dos trezentos anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares (1995) e seus guerreiros e guerreiras, deixou um acúmulo de saber extraordinário para a educação brasileira. Chegamos ao século vinte e um, e a sociedade brasileira teve de aprovar a Lei 10693/2003, que preconiza o ensino do patrimônio dos africanos e afro-brasileiros em nossas escolas, em todos os níveis e em todas as redes de ensino.

Esta rápida história que faço do percurso dos negros na academia é para chegar ao livro do educador, poeta, escritor, músico, compositor e designer Jaime Sodré. A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi é fruto da sua dissertação de Mestrado em Teoria e

Jônatas Conceição

Jônatas Conceição é professor, escritor e diretor do Bloco Afro Ilê Aiyê. Publicou Vozes Quilombolas - Uma Poética Brasileira (EDUFBA/Ilê Aiyê), Salvador, 2004.

História da Arte pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, defendida em 1996. Para Sodré, “o estudo da influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi é um 'estudo de caso', como método de procedimento, que leva em conta as circunstâncias históricas, socioculturais, da contribuição africana, através do Candomblé, e sua inter-relação com o Mestre, na qualidade de indivíduo e integrante do universo afro-brasileiro, em um dos seus mais elevados graus hierárquicos, refletindo, sua obra, uma visão de mundo particular, reveladora da nossa identidade afro-brasileira” (p.17).

Jaime Sodré esculpe a obra escultórica do Mestre Didi em nove preciosos capítulos: 1. África – “Ibi sunt leones”, 2. A arte africana – “Arte Negra”; 3. Civilizações e estética africana; 4. Expressão estética religiosa africana; 5. O negro no Brasil – escravidão e religiosidade; 6. Religião afro-brasileira – o Candomblé; 7. Mestre Didi, o artista do sagrado ou o sacerdote-artista; 8. As esculturas do Mestre Didi, o arco-íris do olhar; 9. Contribuição artística e histórica da obra do Mestre Didi.

Em cada um destes capítulos se observa o esforço realizado pelo pesquisador-artista “para vencer as barreiras do preconceito, do etnocentrismo e, até mesmo, das construções teóricas reveladoras do despreparo e inadequações de determinados pontos de vista” (p.15) que nunca quiseram relacionar a produção estética africana na categoria de arte. Jaime Sodré refuta estas construções teóricas racistas na medida em que analisando a obra de Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, a coloca como referencial que põe em evidência a arte tradicional africana vinculada à religião afro-brasileira, reivindicando o espaço devido no panorama mundial das artes plásticas.

Mas quem é este Mestre que eu só tive contato pessoal apenas uma vez, numa reunião que ele teve a generosidade de comparecer, mas nada falou, com poucos militantes do Movimento Negro Unificado, na década de oitenta? Na página 128 do livro, Sodré diz que Mestre Didi é: . OJÉ KORIKOWÊ OLUKOTUN, iniciado, em 1925, no culto dos ancestrais Egun, no Ilê Agboulá, situado na Ilha de Itaparica. . ALAPINI – Posto elevado da hierarquia sacerdotal no culto dos ancestrais Egun, desde 1975.

. ASOGBÁ – Supremo Sacerdote do culto de Obàlúaiyé, conferido em 1936, no Terreiro do Asé Opó Àfonjá, em Salvador.

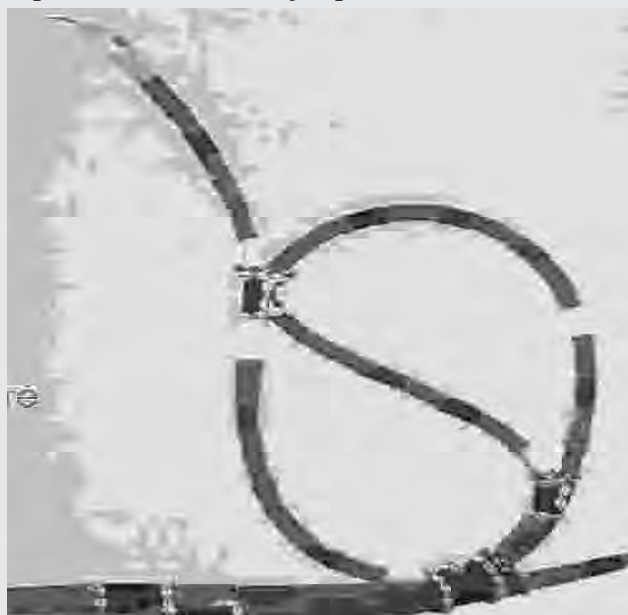
. BABA L'OSSANYIN, conferido em 1938, também no Terreiro do Asé Opó Àfonjá.

. BALÉ XANGÔ, do tradicional Asé Sàngó, linhagem dos Asipá, conferido e instalado no templo de Sàngó, em Oyó, na Nigéria, África, em 1968.

. BABA MOGBÁ ONI XANGÔ, conferido pelo Alaketu, no Palácio de Ketu, República do Benin, África Ocidental, março de 1983.

É este conjunto de “cargos” descrito por Jaime Sodré do Mestre Didi, que aos dezoito anos, como resultado de um precoce (sic) aprendizado, é designado BOPÊ OIÁ, da Casa de Oyá pelas mãos da Ìyálàsè Aninha, que autoriza o Mestre, enquanto artista, “a conhecer e exercer os conteúdos simbólicos do seu trabalho artístico, como também coloca em sua absoluta responsabilidade as dimensões dos sigilos litúrgicos, preservados, ocultos e agentes de força e Àse” (p.128). Foi este reconhecer, este rememorar da vida imaterial do Mestre Didi que levou Sodré à sábia conclusão de que este Saber o autoriza a uma produção plástica que veicula elementos acessíveis à contemplação dos espectadores, na medida exata do que pode ser manipulado, produzido e visto (p. 128).

A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi, de Jaime Sodré, é um marco importante na literatura brasileira. Tanto pela obra dos dois artistas: Mestre Didi e Jaime Sodré, como também pela primorosa edição da EDUFBA. A Fundação Palmares/MINC apoiando publicações deste porte cumpre bem o papel que os descendentes de Zumbi sempre esperam de uma fundação pública.



Angélique Africana

Não foi a toa que uma das figuras mais marcantes da II CIAD foi a da eletrizante cantora africana Angélique Kidjo. Natural do Benin e vivendo entre Paris e Nova York, ela é de origem fon – povo que contribuiu para a história política e social do seu país, cujas tradições são mantidas no antigo Reino do Daomé, ou na religiosidade ainda presentes em vários países da diáspora, a exemplo do Brasil e Haiti. É também, neta de uma baiana retornada à África, uma Agoudá.

Apesar da agenda apertada durante a II CIAD, Angélique não se furtou de conversar com o presidente da Fundação Cultural

Palmares, Ubiratan Castro de Araújo. Na oportunidade ela falou de suas tradições, da sua família, da sua visão de mundo, da importância do papel da mulher para a sociedade e do seu trabalho musical.

Angélique, embaixadora da Unicef, é a daquelas pessoas que chegam em qualquer lugar irradiando energia positiva e muito carisma por todos os poros. Sua elegante presença e ânimo contagiaram a todos, seja no palco, onde o

**Por Ubiratan
Castro de Araújo**

Presidente da Fundação Cultural Palmares e editor-chefe da Revista Palmares. Cultura afro-brasileira.

Angélique Kidjo: na Universal

Entrevista



microfone é a sua arma, seja em uma mesa de debates, onde sua fala brilha.

Ela construiu uma sólida carreira musical, internacional, na qual mostra um pouco de sua personalidade, do seu desejo de conhecer as culturas negras presentes no continente africano e na diáspora. Ela, filha de pai fon e mãe ioruba começou a cantar aos seis anos e em sua trajetória profissional busca o equilíbrio entre as raízes, gravando músicas em fon e ioruba, e suas novas descobertas, seja em Cuba, EUA ou Brasil. Em cada um dos seus nove discos ela reforça esse desejo.

Além de participar da II CIAD, Angélique foi uma das palestrantes do Fórum de Diálogos África Diáspora na mesa que tratou sobre juventude. Para ela, a juventude brasileira tem um compromisso com o futuro. “Os negros e negras brasileiros devem esquecer o lamento e a dor e construir um Brasil justo, onde os negros possam ter acesso à educação, saúde e cultura. Não somos inferiores, somos iguais. Temos o nosso tempo para trabalhar e também temos defeitos, pois somos seres humanos que temos o poder de vencer ou fracassar.”

Durante a Conferência de Intelectuais da África e da

“Os negros e negras brasileiros devem esquecer o lamento e a dor e construir um Brasil justo, onde os negros possam ter acesso à educação, saúde e cultura. Não somos inferiores, somos iguais. Temos o nosso tempo para trabalhar e também temos defeitos, pois somos seres humanos que temos o poder de vencer ou fracassar.”

Diáspora, Angélique Kidjo afirmou-se como a intelectual africana universal.

Revista Palmares: Angélique Kidjo, mulher Fon, beninense, quem você é? Como você quer ser apresentada ao povo negro do Brasil?

Angélique Kidjo: Eu sou uma filha Fon, nascida dentro de uma família com um pai Fon e uma mãe Iorubá. Cresci em uma família de nove filhos, seis meninos e três meninas. Eu sou a última filha. Minha mãe era diretora de teatro e coreógrafa. Foi com minha mãe que comecei a cantar aos seis anos. Meu pai tocava banjo. Meus irmãos montaram uma banda de música que existiu no Benin. Um dos meus irmãos era campeão e capitão da equipe de tênis de mesa. Treinou um ano com os chineses. Cresci numa casa onde tinha todos os idiomas, todas as culturas e todas as músicas. É isso que minha música representa hoje. É o que me representa mais, esse internacionalismo que meus pais me trouxeram. Meu pai sempre dizia que se um dia você julgar alguém por sua cor, você perderá tudo. Porque essa pessoa poderia, talvez, ter sido muito importante na sua vida. Pelo fato de você não ter dado a ela a chance de lhe conhecer, você fechou as portas para você mesmo. Isso é a pessoa que eu sou.

Revista Palmares: Isto é, porque o estereótipo divulgado sobre nós, africanos e afro-brasileiros, é que nós somos tribos, com uma visão restrita, familiar fechada, e não universal. Então, você é uma artista e uma intelectual universal e ao mesmo tempo você guarda sua identidade africana.



"nenhuma cultura é melhor que outra. Temos que aceitar a diversidade cultural para podermos viver juntos. Não se pode impor uma única visão do mundo."

Angélique: Com certeza. Se eu não guardasse minha identidade africana, não poderia conhecer os outros. Precisa-se ser alguém, para poder se posicionar e entender os outros. O estereótipo que as pessoas têm a meu respeito, eu acho que é o medo que o cria, na maioria dos casos. O que as pessoas não entendem, o que elas não podem controlar, é sempre algo ignorado. Eu digo que nenhuma cultura é melhor que outra. Temos que aceitar a diversidade cultural para poder-

mos viver juntos. Não se pode impor uma única visão do mundo. As visões do mundo são diferentes, ligadas a nossa própria história. Primeiro a história da nossa família, e a história intelectual: aonde vamos com a vida? Qual é a nossa filosofia de vida? Eu falo sempre para as pessoas que querem me colocar numa caixinha... – porque as pessoas têm tendência a fazer isso – que minha imagem, que a pessoa que eu sou as deixa desconfortáveis. Eu não as julgo, então elas não podem me julgar.

**"Eu digo sempre:
"Tenham orgulho!"
Cada ser humano é
importante. Nós
somos todos inter-
dependentes."**

Eu não as coloco numa caixinha, então elas também não podem fazer isso. Assim, obrigatoriamente se cria um problema para elas, não para mim! Eu as aceito como seres humanos. Para mim o caminho para lutar contra o racismo e a discriminação é esse. Não podemos aceitar sermos colocados em uma caixa. Sou um ser humano. Por baixo da minha cor, meu sangue é da mesma cor que o seu. Um dia, quem sabe, se eu fizer uma doação de órgão, meu coração pode salvar sua vida; o coração não tem cor. Esse é meu princípio. Muitas vezes, eu falo para as pessoas: de que vocês têm medo? Por que nós lhes assustamos? E, muitas vezes, as pessoas respondem: "Mas não tenho medo!". Então quero a prova! Por que eu deveria ter uma concepção estreita da vida? Para mim, a idéia da vida é muito mais ampla. Se eu aceito o outro, o outro pode me aceitar. É a partir daí que as pessoas começam a pensar, a se questionar. Nunca podemos nos deixar sermos acudados pela estreiteza de espírito das pessoas.

Revista Palmares: Você acredita que seu canto, sua expressão artística carregam essa reflexão crítica contra o racismo e, ao mesmo tempo, divulgam as culturas negras? Você acha que conseguiu?

Angélique: Eu acho que consegui, quando as pessoas ficam felizes em escutar minha música. Recebi tantos testemunhos de

pessoas diferentes, em diferentes lugares do mundo, que acho que não posso estar errada, pois eu não canto o ódio. Eu não digo às pessoas: "Não tenham orgulho de vocês". Eu digo sempre: "Tenham orgulho!" Cada ser humano é importante. Nós somos todos interdependentes. Nós somos as argolas de uma corrente, nós estamos ligados para poder criar um mundo onde o ser humano seja a coisa a mais importante. Recebi, há uns meses atrás, um e-mail de uma menina australiana que me disse: "Te escolhi como assunto de uma tarefa na minha escola, porque gosto muito da sua música. Eu a escutava quando estava na barriga da minha mãe, cresci com ela. Um dia quero ser como você. Gosto do fato de que você me faça me sentir importante". Foi uma menina de oito anos que escreveu isso. Se, aos oito anos, uma criança pode entender isso, então, por que não nós adultos? A estupidez é universal, nós somos irmãs e irmãos, não tem nem cor, nem nacionalidade. Eu recebi testemunhos do mundo inteiro. Às vezes, digo que o Senhor me ajuda a carregar essa carga e esse talento que ele me deu, para que eu possa trazer essa luz até as pessoas. Houve em Houston uma mulher que subiu no palco (a convidei), ela dançou comigo e de repente começou a chorar. Fui falar com ela, fiquei com medo de ela ter se machucado. Ela me disse que alguém tinha falado para ela – depois dela ter sido diagnosticada com câncer de mama e o médico deu pouca esperança de vida - que ela iria me ver, me tocar, ficar do meu lado, ela não tinha acreditado. Foi minha música que a ajudou a lutar e vencer o círculo da doença mortal. Eu aprendi uma coisa com ela: o espírito é mais forte que o corpo.

Revista Palmares: Então a música é mágica?

Angélique: Acho que ela traz a magia da verdade, da cultura negra que acredita profundamente na força da vida. Acredito na vida mais que em qualquer outra coisa. Acredito que cada ser humano nasce com uma dose de felicidade na sua alma. A sociedade na qual vivemos consegue pôr uma tampa em cima dessa felicidade, porque com a felicidade podemos ser criativos, positivos, lutar contra tudo. Isso é o contrário da sociedade de consumo, que usa o medo como um motor para que não possamos ter o tempo de parar, de nos posicionar e de questionar.



"A estupidez é universal, nós somos irmãs e irmãos, não tem nem cor, nem nacionalidade."



"Desde criança, comecei a raciocinar. Meus pais me diziam que só tinha uma raça humana e que nós todos somos interdependentes. Então, se nós somos "um", como pode existir escravidão?"

Revista Palmares: Há muita diversidade na sua música. Vi alguns vídeos, tenho seus cds; você convive o tempo todo com a dança, as artes visuais. Você acha que isso é uma característica da África, ou pelo menos, da África que você representa? A África que não separa as artes em pequenos quadrados, mas junta tudo como uma arte completa.

Angélique: As artes na África se completam. Durante muito tempo, os colonizadores e os que vieram para praticar o escravismo não admitiam a existência da inteligência e das formas artísticas. E, hoje, o estranho é que a arte africana está presente nos museus. Hoje o presidente Chirac inaugurou em Paris o museu Quai Branly, Musée des Arts Premiers. A arte africana

influenciou muito Picasso. Levou anos, até séculos, para que as pessoas viessem a entender que nós somos seres humanos. Na minha família, meu pai e minha mãe sempre diziam: "Não é uma camiseta ou uma roupa de dois mil dólares que faz a elegância. É no seu corpo que você encontra sua elegância. Você pode estar vestida com uma roupa de dois reais e parecer uma rainha. É a maneira como você a veste, como você caminha com a cabeça erguida." Orgulho não tem preço e elegância não tem

"fazer entender ao mundo que nós existimos e, que através da nossa existência influenciaremos muitas formas de arte no mundo."

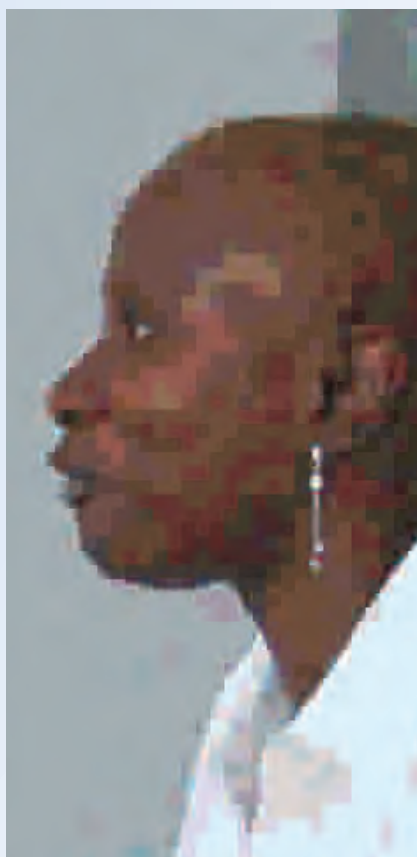
nacionalidade. Para eu me mostrar ao mundo, não é por ser africana que preciso andar com uma tanga e os seios ao ar livre, para tranquilizar as pessoas. Eu não estou aqui para tranquilizar as pessoas, nem para satisfazer as suas fantasias. A mulher africana, o ser humano africano é complexo, como qualquer ser humano. Reivindico minha imagem. Tenho o controle total sobre minha imagem porque não quero ser vista como uma boneca exótica. Sou um ser humano, digno desse nome e com inteligência, não uma boneca. E isso incomoda muito. Não posso fazer nada. Fui à escola, eu posso e sei falar várias línguas. Se o fato de eu ser bem articulada incomoda as pessoas, o problema é delas. Chegou a hora para nós africanos e descendentes de africanos fazer entender ao mundo que nós existimos e, que

"Um homem que for o suficiente inteligente para entender que ter uma mulher igual a ele é uma força, esse é o homem mais rico do mundo."

através da nossa existência influenciaremos muitas formas de arte no mundo. Quando comecei essa trilogia em 1987 foi quando aprendi sobre a escravidão. Foi uma coisa difícil de aceitar para mim, porque era totalmente contrária ao que meus pais me diziam. Desde criança, comecei a raciocinar. Meus pais me diziam que só tinha uma raça humana e que nós todos somos interdependentes. Então, se nós somos "um", como pode existir escravidão? Uma parte dessa unidade tem o poder de decidir de maneira unilateral, porque há dentro dessa unidade uma parte menos respeitável. Queria ser advogada dos direitos humanos. Fiz o primeiro trimestre do curso de direito penal e entendi que as leis são escritas pelos homens. Meu sentimento de justiça não poderia usar essas leis para defender o indivíduo. No momento em que se pode interpretar as leis do jeito que se quiser – e quem tem dinheiro pode prolongar um processo, ad vitam eternam – é quando uma pessoa inocente pode ir para cadeia, ainda mais se essa pessoa que for para cadeia for pobre. Então, pensei que seria muito mais útil cantando. Meu microfone é minha arma de felicidade total. Para trazer o entendimento que se precisa fazer uma ponte para que cada um, de onde quer que seja, se reencontre e comece a refletir. Eu decidi começar uma trilogia, seguindo a rota da diáspora negra. A primeira parte aconteceu nos Estados Unidos. Quando levei esse projeto para lá, falei: o projeto não é só direcionado para

a diáspora negra, ele é direcionado para esse país de múltiplas facetas: os brancos, os anglosaxões, os italianos, todo mundo é bem-vindo, porque essa música da diáspora negra influenciou suas músicas. Sem a música advinda do exterior, não haveria todas as músicas de hoje. Os americanos não querem reconhecer o fato de que Elvis Presley só poderia ser Elvis Presley porque cresceu numa comunidade de negros americanos e que se alimentou dessa abundância de talentos negros, a canção, a dança, para ser quem ele foi. Eu não reivindico somente isso. Lembro às pessoas para que elas venham a entender que não somos tão diferentes uns dos outros. Segui a rota e voltei aqui, porque para mim a Bahia é importante. Isso porque o primeiro navio negreiro que deixou a costa da África saiu do Benin e chegou aqui. A Bahia para mim é a face gêmea da África e principalmente do Benin, porque é o único lugar no mundo – fora do meu país – onde encontro mais negros que brancos. Não me incomoda estar só com brancos, mas isso é um fato que não se pode contestar. A nível musical, trabalhei pensando que um dia ou outro iremos nos reencontrar com esse destino. Então, para fazer esse álbum vim para Bahia pela primeira vez. Antes de chegar pesquisei; eu não queria ficar em hotel, queria ficar com meus similares. Queria fazer esse álbum com as pessoas desse país do jeito que o sinto. Tenho um amigo que mora perto daqui e que me acolheu na sua casa. Eu disse para ele: "Não me leve para

lugares turísticos. Não sou turista, sou baiana". Então, ele me levou para ver as crianças de rua, porque eu queria brincar com elas. Fui ver as crianças. Trabalhamos juntos. Voltei várias vezes, encontrei Carlinhos Brown, trabalhei com Daniela Mercury; Gilberto Gil tocou no álbum e para mim era tudo o que eu queria para me sentir completa. Quis encontrar o elo para que o círculo da minha vida fosse completado. Depois fui para Cuba, Jamaica, Santa Lucia, diferentes lugares onde entendi que a memória dos negros nesses lugares é muito forte. Isso faz com que a África viva de uma maneira diferente, com uma outra diversidade. A música africana que chega ao Brasil encontra a música dos índios da Amazônia, os mestres dos escravos. Isso faz com que a música brasileira de hoje seja absolutamente genial.



"Meu microfone é minha arma de felicidade total."

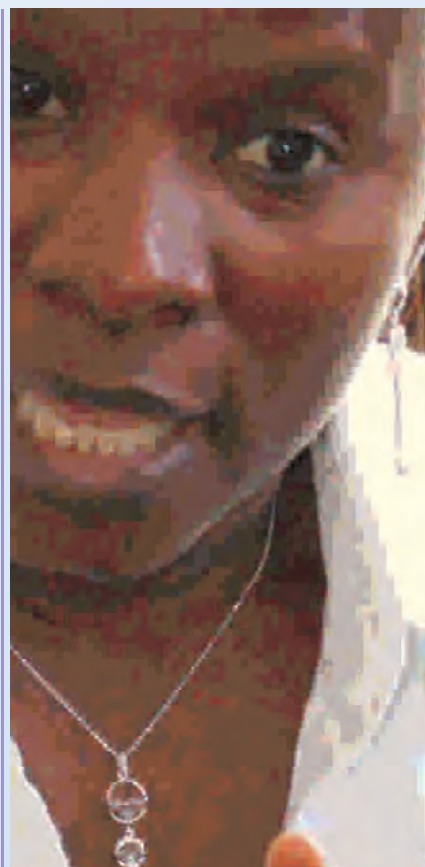
"A pobreza não justifica todos os maus atos que podemos fazer."

Revista Palmares: Sempre se mostra a mulher africana como a avó, com os seios nus, alimentando todo mundo, passiva, etc. Então, uma mulher intelectual, militante, política e artista como você, como reage a tudo isso?

Angélique: Eu digo não. Não fui criada por mulheres submissas. Fui criada por minha avó e minha mãe. Venho de um país onde tem matriarcado. As mulheres têm muito mais dinheiro que os homens, elas controlam os comércios. Elas reconhecem o lugar do homem, porém não permitem que sejam manipuladas. Eu digo sempre que a mulher é a parceira do homem, não é seu objeto, sua coisa. A mulher tem inteligência e fala. Tem que ter o lugar que ela merece nesse mundo. Um homem que for o suficiente inteligente para entender que ter uma mulher igual a ele é uma força, esse é o homem mais rico do mundo. Mas o homem que vai servir-se de uma mulher para seu próprio ego, ou para satisfazer a ele próprio, é um homem que perde tudo. Porque uma mulher é parceira em casa, isso é uma força de titã. Porque quando o homem não está, pode ter a certeza que ela cuida da casa, cria as crianças perfeitamente, e ela o preza. Quando o homem sai com essa mulher, ele tem orgulho em sair com ela, uma mulher que não seja submissa. Mas, infelizmente, alguns homens têm tendência a acreditar que por ser do sexo masculino têm o direito de maltratar suas mulheres.

Podemos fazer uma análise muito interessante a respeito disso: o que assusta os homens? Isso é a pergunta que faço, em particular, para os homens que acham que a mulher é um objeto descartável, que pode ser tocada sem pedir autorização – não! É meu corpo! Se eu não quero dá-lo é porque é meu corpo. Isso eu aprendi com minhas duas avós. Elas me disseram para nunca aceitar nada de um homem se eu não for capaz de dar algo de volta. Porque se você começa a aceitar os presentes de um homem, um dia você vai ter que pagar. Nunca aceitei nada de ninguém. Elas me falaram para trabalhar, estudar. No momento que você é independente, você pode se segurar firme, e assim se um dia algo acontecer ao seu marido você pode segurá-lo firmemente. Não é uma questão de vaidade, é uma questão de complementaridade. É assim que meu casamento funciona há 19 anos. Nós nos completamos. Ensino a mesma coisa a minha filha. Quando alguém lhe diz: "Eu te amo" e não lhe respeita, tem que rejeitar esse amor. Amor é respeito. Para mim a imagem da mulher negra é isso. Há muitas mulheres negras muito dignas, mas as pessoas não querem vê-las, porque isso incomoda. Elas vão ter que aprender a viver conosco porque nós temos nosso lugar nesse mundo. Além disso, como embaixadora da UNICEF, em

"Quero que as mulheres desse país, sejam negras, brancas, amarelas ou vermelhas, tenham orgulho de ser, antes de tudo, mulheres."



"É possível ser pobre e digno. A pobreza não pode tirar nossa dignidade. Nossa dignidade é a única coisa que fica no final,"

todo o trabalho de campo que faço em África, quem eu vejo em primeiro plano? Quem cuida das crianças? As mulheres! Encontrei uma mulher fantástica em um dos raros hospitais que temos em África que trata da transmissão do vírus HIV da mãe para o filho. É um pequeno hospital, recebendo uma quantidade incrível de mulheres; são tantas! Elas se sentam no chão. Quando elas chegam para fazer admissão não tem cadeiras. Mulheres grávidas de sete, oito meses sentadas no chão. Perguntei quanto custaria para fazer bancos. Disseram-me "50 dólares". Perguntei: "Quanto tempo vai levar?", e me respon-

deram: “No máximo dois – é que as circunstâncias nas meses”. Eu dei o dinheiro e pedi quais alguém nasce não são para fazer esses bancos para desvantagens. A pobreza não essas mulheres. Só tem uma justifica todos os maus atos que parteira, uma única para todo o podemos fazer. Amar-se além de hospital. Tem seis mesas de tudo, amar seu próprio corpo parto. Um dia, cheguei lá e havia acima de tudo, amar a pessoa que quatro mulheres em trabalho de cada um é apesar de tudo e exigir parto. A parteira tinha um certo respeito. É possível ser pobre e sorriso! Pensei: “Isso que é a digno. A pobreza não pode tirar mulher africana”. Falei para ela: nossa dignidade. Nossa dignidade é a única coisa que fica no “Mas você não tem medo, você é de é a única coisa que fica no sozinha aqui”. Ela disse: “Mas final, podermos olhar para os hoje é um paraíso!! Só tem outros nos olhos. Não podemos quatro mulheres! Em geral, tem deixar que a sociedade use o até no chão!” Achei isso incrível, medo para nos manipular. Há a coragem que ela tinha... Ela muitas jovens mulheres que se estava sorrindo e falou: “Está entregam às drogas e à prostituição bem, só são quatro, consigo ção porque acham que não valem administrar isso”. Voltei para os nada e que suas vidas não tem E.U., mais forte que nunca. Esta solução. Soluções sempre é a imagem da África que quero existem. A vida é feita de escolhas. Algumas são difíceis, mas é preciso ter coragem para adotá-las. Não somos todas similares, não somos todas fortes, mas tenho a certeza que há nessa cidade pessoas prontas a ajudá-las. É necessário escolher as pessoas certas. Se você de – e que posso transmitir para elas repente vê que a pessoa em quem

Revista Palmares: Você tem uma mensagem para as jovens mulheres brasileiras?

Angélique: Para mim, o importante que aprendi com meus pais – e que posso transmitir para elas

você entregou sua confiança não é boa para você, tem que ter a

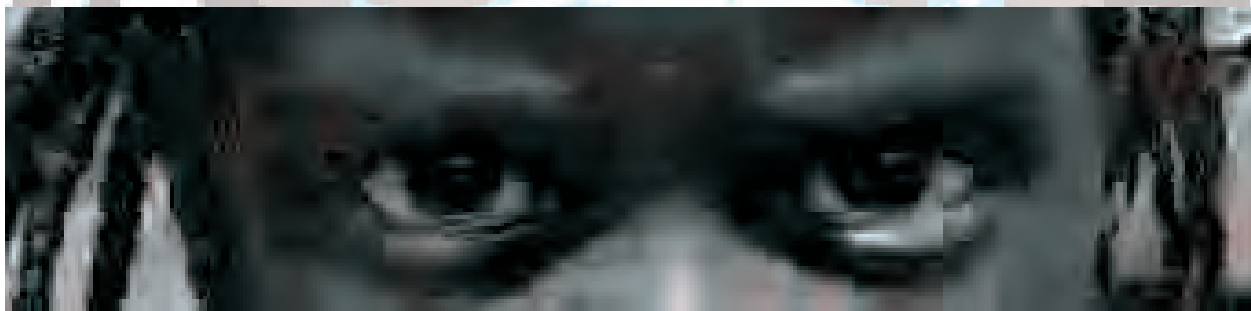
Entrevista



“Não sou turista, sou baiana”



Os prós e os contras



Há anos vimos discutindo com as principais organizações da sociedade civil brasileira o fato de que, ao contrário do que ocorreu em outros países marcados por diferenças e conflitos raciais, no Brasil nunca emergiu um posicionamento político efetivo de lideranças brancas contra as práticas racistas de nossa sociedade.

Para citar apenas dois casos emblemáticos, lembremos a presença histórica de Marlon Brando na memorável Marcha pelos Direitos Cívicos liderada por Martin Luther King, ou o papel extraordinário do jornalista Donald Woods contra o regime do apartheid sul-africano. Personalidades brancas, simbolizando com suas presenças nessas lutas outros anônimos brancos que se recusaram a aceitar o racismo como estratégia de obtenção de privilégios às custas da opressão de outros grupos raciais.

No Brasil, ao contrário, mesmo o abolicionismo brasileiro, com as exceções de praxe, não alcançou exprimir vontade política de inclusão da massa de escravos. Esgotou-se nos desejos e interesses das elites brancas de modernização do país (sendo um dos quesitos para isso a adoção do trabalho livre) e em assegurar entre si o rodízio no poder. No pós-abolição, o decantado mito da democracia racial encarregou-se de

aplar a consciência branca de qualquer responsabilidade em relação à marginalização histórica dos negros.

A primeira e mais consistente iniciativa nessa direção é a bem-vinda campanha Onde você guarda o seu racismo, desencadeada por um conjunto de organizações da sociedade civil de maioria branca que se posiciona publicamente como uma força política anti-racista.

Porém, foi o manifesto de parcela de intelectuais contra os projetos de lei que reservam as cotas nas universidades para negros e indígenas e o Estatuto de Igualdade Racial que criou as condições políticas para que a consciência anti-racista nacional, para além da, em geral, solitária militância negra, viesse a se manifestar com a contundência que a iniciativa dos proponentes do manifesto contra os projetos de lei exigia. Esses signatários, tratados como "notáveis da vida pública brasileira", deram com seu manifesto uma carteirada no Congresso e na sociedade civil, que defendem as ações afirmativas para negros e índios. Demasiadamente convencidos de sua importância pública, esperavam com esse gesto que os defensores das políticas inclusivas voltassem para o seu "devido lugar", intimidados pela notabilidade que se lhes atribuem e pela cobertura midiática que lhes foi assegurada.

Sueli Carneiro

Doutora em Educação pela USP e diretora do Instituto da Mulher Negra (Geledés). Artigo produzido e veiculado no Site Afropress, edição de 30 de julho de 2006.



No entanto, ao se arvorarem em arautos de uma República em que a igualdade para negros e índios vem se constituindo numa abstração que não encontra contrapartida no real, estimularam que viesse à luz o amplo e diversificado apoio que essas políticas têm hoje em nossa sociedade. Convocaram a consciência cidadã para o inevitável repúdio à prepotência daqueles que se sentem investidos do direito de decretar o que deve ser a nação brasileira, à margem ou de costas para a sua dinâmica real. Obrigaram-na a se diferenciar em relação a um manifesto que se compraz em reconhecer as desigualdades raciais sem ofertar uma única idéia factível para a sua reversão.

Distinguiu aqueles que se tornaram "especialistas" em negro por diletantismo acadêmico, daqueles que consideram que "trabalhar com questões inerentes à condição humana é assumir um compromisso, e, em especial, no caso da pesquisa educacional, estabelecer premissas metodológicas claras: a melhoria das condições básicas de vida do sujeito da pesquisa é a finalidade da busca do conhecimento, não só como indivíduo, mas também como partícipe de uma coletividade social" (Roseli Fischmann, 1994).

Fizeram emergir, assim, em tempo recorde de reação, outro manifesto agregando as de fato notáveis vozes anti-racistas da sociedade brasileira, irmanando acadêmicos, juristas, movimentos sociais, organizações não-governamentais em defesa dessas políticas que conformam hoje um anti-racismo inédito, ativo, de negros, brancos, indígenas, pessoas de toda origem étnica e religiosa que não se satisfazem mais com condenações retóricas às práticas discriminatórias; ao contrário, exigem ações efetivas para o seu combate e para a inclusão racial. Encastelados em seus privilégios, nas suas torres de marfim, habituados a enxergar o país a partir de teorias e de princípios abstratos, não perceberam o movimento atual da sociedade e não previram a reação digna e superior dos segmentos anti-racistas.

Contam com parcelas da mídia que os apoiam — cujas posições alguns representam — para esconder os milhares de nomes, notáveis e anônimos, que se posicionam a favor das políticas de inclusão racial. Contam com ela também para garantir a veiculação privilegiada de suas posições.

Esperam, com isso, sufocar a emergência desse outro país que está sendo forjado nas lutas cidadãs, por novos sujeitos políticos e por renovadas posições acadêmicas. É essa nova dinâmica social que os signatários do manifesto contrário às políticas racialmente inclusivas pretendem conter e, como estão na contramão da história, terminam por acirrar.



A mesa “Repensando as estratégias de desenvolvimento econômico e social”, realizada durante a II CIAD. Reuniu intelectuais do Brasil, EUA, Angola, Mali, Nigéria, Burkina Faso e do Congo. Abaixo, o artigo apresentado por Passos.

O uso do termo repensar significa que os caminhos e/ou as leituras efetuadas, até então, sobre o desenvolvimento econômico têm sido insuficientes para responder aos novos desafios, cabendo então perguntar se o que temos a enfrentar de fato são novos desafios ou são os velhos desafios não resolvidos que se tornaram crônicos. Isto se aplica, principalmente, quando o cenário envolve as questões relativas à pobreza e às desigualdades em África e em suas diásporas, particularmente, nas sociedades herdeiras da escravidão racial de maioria negra e minorizada politicamente.

O PROBLEMA reside na concepção sobre desenvolvimento econômico e social que atribui centralidade exclusiva ao econômico, impactando diretamente sobre a efetividade das alternativas propostas para a superação dos desafios. Questionar essa concepção é assumir a centralidade de outras dimensões da vida social que não apenas aquelas vinculadas à vida material tanto no diagnóstico como nas alternativas.

No Brasil, a pobreza tem cor, idade e gênero: negra, jovem e feminina. Podemos, então, ainda pensar na superação das desigualdades brasileiras sem trazer o racismo como uma das centralidades explicativas dessas desigualdades? Repensar essa centralidade exclusiva do econômico torna-se fundamental para termos um desenvolvimento econômico e social inclusivo nas sociedades herdeiras da escravidão, similares ao Brasil.

Um dos objetivos da II CIAD é a redução das distancias, porém cabe indagar se as diásporas se conhecem bem ou se as diásporas conhecem bem as Áfricas. Quando conhecem, quem são esses interlocutores? A mídia, os governos. O fato é que nos conhecemos pouco e bem pouco através das organizações da

sociedade civil. As relações entre as Áfricas e suas diásporas precisam ser libertadas das amarras dos governos, precisam ir além das relações entre estados. Assim, a busca de alternativas econômicas e sociais perpassa também por mais diálogos com as organizações da sociedade civil como, também, entre as organizações das sociedades civis africanas e das diásporas, significa promover o exercício da cidadania ativa/participativa fundamental para pensar o sentido do desenvolvimento para além dos ditames da economia de mercado.

A questão que se impõe é: como trazer para a prática o exercício desse diálogo ativo? Entendemos que, para que isso ocorra, é importante que os formuladores e os influenciadores de políticas públicas admitam que, de fato, eles não são os detentores do monopólio dos saberes do desenvolvimento que envolve a diagnose, a concepção e a implantação das ações que objetivam o crescimento econômico, a redução da desigualdade e da pobreza.

Não se trata aqui de negar o conhecimento técnico-formal, mas de reconhecer a produção intelectual e a prática sistematizada e não sistematizada de diferentes atores sociais proporcionada pela convivência e superação das adversidades cotidianas e estruturais geradas por uma longa história de exclusão social. Há muito que aprender e compartilhar em termos de produção do conhecimento.

As organizações negras brasileiras desenvolveram diversas tecnologias sociais, principalmente, nas áreas de educação, saúde, juventude, equidade, direitos humanos e anti-racismo que já demonstraram, apesar das resistências, seu potencial enquanto política pública para gerar desenvolvimento econômico com diversidade. Na maioria das vezes, soluções simples sem serem simplórias porque para essas organizações, parafraseando Steve Biko, os nossos projetos sociais são verdadeiras declarações políticas em prol do desenvolvimento das nossas comunidades.

Silvio Humberto

Silvio Humberto Passos, Dr. em Economia, diretor da primeira organização voltada para a inclusão de estudantes negros/as no Ensino Superior, o Instituto Cultural Steve Biko e professor na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Uma das mesas do Fórum de Diálogos África-Diáspora debateu sobre “Mídia negra e novas tecnologias de comunicação” reuniu o cineasta Joelzito Araújo, as jornalistas Fernanda Felisberto (RJ), Jeanice Ramos (RS) e Eliane Borges (RJ), e foi coordenada pela jornalista Cêres Santos. Ao final das discussões ficou evidenciada a necessidade de um evento nacional para tratar de questões que envolvem a mídia negra brasileira.

Durante as discussões Felisberto discorreu sobre “O cyber espaço: uma ferramenta para construção do protagonismo da população afro-brasileira”. Leia abaixo o artigo apresentado por Felisberto.

As reflexões que nortearam a produção deste texto, sobre mídia e novas tecnologias são frutos da minha experiência como usuária, na Revista Negra Online Afirma e, mais recentemente, no Jornal Irohin em sua versão online.

Contextualizando um pouco o cenário da minha intervenção, a Revista Negra Online Afirma, nasceu em 2000 exerceu um protagonismo em termos de proposta editorial, naquele momento político do país, além de ser o veículo de comunicação que cobriu diretamente a III Conferência da ONU. Várias agências de comunicação realizavam diariamente o envio de material para as listas de discussão, mas uma revista com uma edição especial para Durban, fomos nós que produzimos. Temos em nossos arquivos, não só inúmeras entrevistas realizadas ao longo do processo Durban, como também, arquivos sonoros. Por questões de financiamento, a revista está temporariamente fora do ar.

Outra experiência que agora, também, está iniciando é o Irohin online, que a partir do sucesso realizado com o jornal impresso, se estruturou a versão online. Porém, é importante frisar que não é objetivo do jornal online, sobrepor, neste caso, a versão impressa, apenas como a periodicidade do jornal é a cada dois meses, a alternativa de também existir

online, é manter este leitor atualizado sobre alguns temas que não apareceram no jornal impresso. Além da possibilidade dos debates e fóruns, que estão na mídia em relação aos afro-descendentes.

De maneira desproporcional, as relações inter-raciais no Brasil são fortemente influenciadas e mesmo definidas através de uma imagética do negro brasileiro. Por imagética, um termo de uso freqüente na Psicologia, refiro-me à forma como imagens são desenvolvidas e retidas no sub-consciente e catalisam respostas, muitas emitidas de maneira despercebida ou inconsciente, que remetem à forma como tais imagens teriam se desenvolvido socialmente.

A questão mais importante na imagética do negro brasileiro é que esta não é definida pelos próprios negros, mas tem sido apropriada e interpretada por outros setores. E o resultado não traduz de forma realista a experiência de vida dos negros no Brasil. No entanto, tornam-se realistas e socialmente dominantes não apenas devido ao poder hegemônico daqueles que a constroem, mas porque, em grande medida, transmitem a realidade conforme experimentada e interpretada por tais setores. Opor-se a tal construção imagética é uma tarefa enorme e que requer o engajamento, em formas de produção alternativas de



Fernanda Felisberto

Mestre em Estudos Africanos, com especialização em Literaturas Africanas, professora da Pós-Graduação em História da África do Centro de Estudos de Ásia-África da Universidade Cândido Mendes. Coordenadora do Selo Editorial Afirma, membro do conselho editorial da Revista Palmares. Cultura afro-brasileira.



imagens e conteúdos.

O espaço virtual tem se constituído, em uma espécie de processo de empoderamento, que contribui para uma imagética alternativa construída e expressa, por militantes negros. De forma curiosa, embora o acesso à internet seja uma questão fundamental para a sua democratização, a existência de um vibrante espaço onde militantes e intelectuais negros, além de outros associados à luta contra a discriminação racial, contribuem com o debate público e com a produção de idéias, constitui-se em um instrumento importante, ainda que limitado.

A presença dos negros brasileiros na internet é uma demonstração de conteúdo alternativo que contribui para a construção de uma imagética afro-brasileira distinta, na qual a experiência dos negros brasileiros, conforme vivida e contada por estes, é o foco, ao invés daquilo que outros percebem como sendo a nossa experiência.

A criação de um protagonismo negro efetivo e um fortalecimento de uma rede “nossa” de informação, passível de críticas individuais e coletivas, mas é inegável a presença de todas as listas de discussão como veículo propagador de um debate, atualizado e dinâmico, assim como divulgação de uma agenda específica dos afro-brasileiros, além de oportunidades de emprego.

As páginas na internet, hoje, se converteram em cartões de visita das organizações do movimento social e especial, do Movimento Negro, que conseguiram através deste meio, divulgar suas ações, assim como divulgar outras organizações na opção link's de quase todos estes sites. Além da inclusão de material histórico.

Constata-se, também, por exemplo, o uso eficiente dos recursos da internet à produção e



veiculação de manifestos alternativos ao documento contra as cotas e que, a esta altura, já foram assinados por mais do que o dobro de nomes que aparecem naquele documento. Embora o acesso à internet seja restrito, este tem servido para expressar visões e posições que não podem ser plenamente veiculadas em meios de comunicação tradicionais, como a TV e a imprensa escrita.

No contexto das relações inter-raciais brasileiras, é importante notar que a imagética afro-brasileira é um objeto de disputa social, política e intelectual. Nosso lugar na sociedade brasileira, assim como nosso papel e função, estão solidamente determinados e têm importância fundamental para as ordens social e racial vigentes. Daí os debates e reações em torno das cotas raciais e das políticas de Ações Afirmativas. Trata-se de uma luta política pelo direito e primazia de determinarmos a forma como seremos vistos e tratados em nosso próprio país. As novas tecnologias podem ter um papel fundamental para ajudar a determinar um novo conteúdo para uma nova imagem, múltipla, dinâmica, e profundamente humana sobre a experiência do negro no Brasil.



A Imprensa e as cotas, visto por nós, leitores

Fala Negra

O artigo “Meu aprendizado”, do jornalista e editor-chefe de jornalismo da TV Globo, Ali Kamel, publicado em “O Globo”, em 28.07.2006, na coluna Opinião, mostra que o articulista confunde os temas “Estatuto da Igualdade Racial” e “Lei de Cotas para Negros na Universidade”, como tem sido a estratégia dos que assinaram o denominado MANIFESTO DOS 114, contra as cotas.

Parte agora para relembrar a história da imigração, a partir de seu próprio ponto de vista, relatando a vida de seu pai, quitandeiro em fuga da Síria. Lembrou-me a história de outro jornalista de descendência semelhante, Luiz Nassif, da “Folha”, mineiro como se auto declarou à ministra da Igualdade Racial, que tinha um amigão de bar e de infância, negro, chamado Almeidão, com o qual brincava alegremente de ameaçar retornar os navios negreiros para a África, ou coisa parecida.

O artigo de Kamel retorna ao combate das cotas com auxílio de Skrentny, sociólogo americano da UCLA e passeia sobre o que sonhou Luther King, a partir de equivocada citação do sonho de King, no Manifesto dos 114, como demonstrou Élio Gaspari, em artigo também em “O Globo”, publicado nesta mesma semana.

Registro o equilíbrio do jornal na possibilidade de manifestação de opinião para os “contra cotas e os a favor”, em um mínimo, com a cobertura jornalística e a informação aos leitores só tem a ganhar. Kamel não se dá conta que milhões de brasileiros não podem ter essas lembranças ou reminiscências de um passado familiar, pois tinham de passar pela “Árvore do Esquecimento”, em sete voltas, antes do embarque nos tais navios que vinham de África, que Nassif e Almeidão queriam retornar. Isso não incomoda Kamel.

Também não o incomoda a denúncia de alunos de mestrado da UnB, de que seu professor Paulo Kramer, em sala de aula, afirmou que “não se devia dar dinheiro nenhum para essa crioula”. Aguarda-se a abertura de investigação da UnB, que está para ser decidida pelo Reitor e assessoria jurídica.

Também não incomodou a Kamel a agressão a aluno cotista negro da UERJ, também nesta semana, que discutia com sua namorada e que, detido pela

Humberto Adami

Advogado e preside o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental do Rio de Janeiro (IARA)
www.adami.adv.br
humberto@adami.adv.br

segurança da UERJ, foi levado para uma sala da própria universidade e submetido a uma sessão de sopapos, no melhor estilo DOICODI, sob alegação que ele não tinha o perfil de aluno da universidade.

Nada disso incomodou Kamel, até o momento. Deve ser bom ver tantas novelas na televisão com a saga de imigrantes italianos, turcos, judeus, gregos, japoneses, etc., como vemos nas telas das principais redes de televisão brasileiras. Porque será que não incomoda o articulista os negros só aparecerem, em sua grande maioria em novelas de época como escravos? A professora Jeruse Romão, nos debates que ocorreram após a mesa-redonda “Novas inflexões raciais no Brasil”, durante a SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência -, em Florianópolis, semana passada, da qual pude participar, juntamente com os Professores Ivonne Maggie e Antonio Sergio Guimarães, asseverou que já são 22 as leis brasileiras conhecidas, que proibiram o ingresso de escravos, libertos e alforriados, os negros em geral, na escola de qualquer tipo. Qual a repercussão disso para o meu pai e o pai de Kamel?

O que pareceu mesmo ter aborrecido o editor-chefe foi o que considerou acusação de Gaspari, sem provas segundo ele, que “Wood entrou na briga sem um tostão no bolso”, indagando se Gaspari sugere que “os brasileiros que se manifestam contra as cotas são indecentes e que se manifestam por dinheiro?”. Confesso que sempre suspeitei de algo parecido, tal a força, regularidade, profundidade, verdadeiro profissionalismo com que o tema foi tratado, e que isto se

baseasse em alguma contratação profissional não anunciada. Sempre me pareceu que esse profissionalismo no trato dessa questão - cotas para negros na universidade -, independentemente do zelo profissional a que profissionais dessa envergadura estão acostumados, tinha mesmo um cheiro de que alguém estava bancando toda a celeuma, para um lado, dada a força e paixão com que se pronunciava.

Como Kamel mesmo diz, até o momento não há provas em que se possa fazer tal acusação. Mas já que o assunto apareceu, com todas as letras, pode-se perfeitamente suspeitar. Acaso fique provada tal hipótese, o mínimo que se espera é um terremoto, pois acredito que assessoria de imprensa deve ser mesmo declarada, e não oculta. Não seria mal os principais jornais do País darem uma olhada nos números de afrodescendentes em suas redações, que por óbvio, serão pouquíssimos.

Contraditoriamente, Kamel diz que não assinou o Manifesto dos 114 Contra, porque “não cabe como jornalista”. Cabia como jornalista, então, o que ele não fez durante bom tempo, e é só reler seus artigos para se ter certeza disso, de dar voz a ambas as posições favoráveis e contrárias às cotas. Isso, seus artigos jamais fizeram, muito pelo contrário.

Ademais, sua posição, assim como a do Manifesto, peca por um descuido fundamental, apontado em recente e perfeito artigo de Miriam Leitão: ele não propõe nada para solucionar o atual estado de desigualdade racial em que vive o Brasil.



Fala Negra

Literatura da África e da Diáspora

“A literatura negra não é feita só de banzo, para isso o samba existe. O corpo esteve escravo, mas houve e sempre há a esperança de quilombo. Escrevivências negras existem por esse Brasil afora, vozes quilombolas que se fazem ouvir na literatura brasileira”, defende a escritora e Doutora em Literatura Comparada, Conceição Evaristo.

A autora de obras literárias como *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, Conceição Evaristo, participou da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (II CIAD) compondo o painel *Literatura, Artes e o Renascimento africano*, ao lado de especialistas da literatura negra que revelaram a importância das manifestações literárias para a consolidação da identidade cultural africana e dos países que formam a Diáspora negra. O Pannel aconteceu, dia 13 de julho, no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Na mesa moderada pelo historiador Domício Proença Filho, da Academia Brasileira de Letras, Conceição Evaristo foi a única palestrante brasileira, ao lado de nomes internacionais como: Alioune Badara Beye, poeta e romancista do Senegal; Fabiola Ecot-Ayissi, da Universidade Paris VIII, da França; Hamidou Dia, escritor e filósofo da L.S. Senghor, do Senegal; Joseph Diescho, romancista da Namíbia; Kofi Anyidoho, da Universidade de Legon em Gana; R. F. Bestman, da Universidade Ile-Ifé da Nigéria e Tunde Fatunde, escritor da Universidade de Lago, na Nigéria. O relato da mesa ficou sob responsabilidade de Isidore Ndaywell, historiador da República Democrática do Congo.

Renascimento

Conceição Evaristo, uma das precursoras do movimento Quilombhoje, que revelou para o Brasil a série *Cadernos Negros*, discorreu

sobre a necessidade de se refletir sobre qual renascimento queremos nas artes e o papel da literatura neste contexto. Para a escritora, a ambigüidade do termo “renascimento” remota a uma idéia de morte, o que nos faz pensar nas diversas violências contra o continente africano e seu povo. Portanto “esse renascimento deve ser alimentado pelo sangue derramado não só na África, mas por seus descendentes espalhados pelo mundo”. Neste sentido, Conceição destacou o papel libertário dos escritores e escritoras africanas que trazem os ideais de nações livres do colonialismo e da opressão e que efetivem as necessidades básicas do indivíduo e o desenvolvimento intelectual, artístico, político e cidadão. “Creio que as literaturas africanas estão e estarão continuamente a escrever palavras que persistem uma nova vida para o sujeito africano. Arte e vida são faces de uma mesma moeda”, ressaltou Conceição Evaristo.

A escritora também integrou a mesa sobre literatura do Fórum de Diálogos África-Diáspora, realizada na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), dia 15 de julho, evento integrante da II CIAD e organizado pela Fundação Cultural Palmares. Com o tema *Vertentes Contemporâneas das literaturas Africanas e Diaspóricas*, a mesa foi um momento de celebração à produção literária negra, reunindo alguns dos principais representantes da prosa e da poesia afro-descendentes, como Éle Semog (Luis Carlos Amaral Gomes), Esmeralda Ribeiro, Cidinha da Silva, Márcio



Barbosa, o presidente da Fundação Cultural Palmares, Ubiratan Castro de Araújo, e o reitor da Universidade Lusíada de Angola, Manoel Lima. A mesa foi coordenada pelo também poeta e escritor, José Carlos Limeira, representante da UNEB na organização da II CIAD.

Entre versos e contos os palestrantes localizaram o espaço ocupado pela literatura afro-brasileira no contexto da produção diaspórica, fruto de uma ação militante dos seus talentosos autores e das diversas estratégias de circulação destas obras.

Literatura como arma

Em sua participação o escritor Éle Semog fez um resgate histórico da literatura negra brasileira. Segundo ele, a formação de uma identidade literária negra brasileira começou a crescer entre as décadas de 70 e 80. Semog lembrou que, ao se falar em literatura negra brasileira, reportava-se a visões românticas coloniais, onde o negro sempre aparecia de forma submissa e escrava. A produção literária, para o escritor, passou a ser utilizada como arma de denúncia a partir da promoção de encontros, em que escritores produziam após manifestos e as palavras se tornavam ecos de conscientização sobre o racismo e a violência contra a cultura e a religiosidade afro-brasileira.

No continente africano a realidade não foi diferente. Com uma presença dominante européia mais prolongada em relação à realidade do Brasil, o reitor da Universidade Lusíada de Angola, Manoel Lima, contou que países da África Portuguesa, como Angola, absorviam um estilo culto ditado pela Europa. Mais precisamente liam e escreviam aquilo que

Portugal os ditava. Em seu país, onde mais de 90% da população é negra, o reitor declarou que até 1975, 62% dos escritores angolanos eram brancos e 34% eram mestiços.

Em meio a esse quadro, nascia então uma ambigüidade: mesmo aceitando e absorvendo os valores lusitanos, escritores negros angolanos começavam a se manifestar contra tudo o que era ditado pelo espírito português de ser. Leia nesta edição artigo do reitor Manoel Lima acerca deste tema.

Oralidade Negra

Esmeralda Ribeiro frisou que o nosso estilo literário se baseia na continuidade da oralidade negra, a qual os mais velhos contam histórias para os mais novos, com o intuito de propagar a sabedoria para as próximas gerações. Para ela, a II CIAD foi fundamental para garantir uma reaproximação histórica e intelectual entre o Brasil e a África e cita a aplicação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, como instrumento para afirmar o ensino da cultura e da história afro-brasileira em sala de aula. “É um importante recurso para divulgar a literatura negra e seus escritores”.

Já Conceição Evaristo leu para a platéia o poema Voz das Mulheres, cuja interpretação dedicou à Mãe Beata de Iemanjá, presente na platéia. Márcio Barbosa, responsável pelo selo editorial Quilombhoje, citou com satisfação a existência dos Cadernos Negros, que chega a 28 anos de existência sem interrupções. “O Quilombhoje garante a divulgação, de forma independente, de novos escritores negros, dando visibilidade a novas produções”, comemorou.

A mesa motivou a

participação de presentes ao auditório Caetano Veloso, do Campus Cabula da UNEB. O jornalista e psicólogo Severino Lepê Correia, fez uma homenagem ao público, interpretando uma canção que falava da importância dos Orixás e de toda ancestralidade negra. Aplaudida de pé, Mãe Beata de Iemanjá recitou alguns versos de sua autoria, cheios de sensualidade e os dedicou a Zumbi dos Palmares, seu grande inspirador na luta pela igualdade racial e defesa da religiosidade negra.

Lançamentos

Aproveitando o momento de celebração à literatura negra, a escritora Cidinha da Silva lançou o seu mais recente livro Cada Tridente em seu Lugar e Outras Crônicas, primeiro mergulho da autora na área ficcional. Os textos são leves, humorados e fluidos, mas mantém a criticidade em relação a temas polêmicos como o racismo e os diversos tipos de discriminação às pessoas negras, o sexismo, a ancestralidade e a religiosidade de matriz africana. Cidinha brindou o público com a leitura de uma das crônicas do livro.

O Professor Ubiratan Castro de Araújo também anunciou que o segundo número da Revista Palmares. Cultura Afro-Brasileira destaca a trajetória de duas importantes mulheres negras: a educadora e líder religiosa Makota Valdina Pinto e a escritora Carolina de Jesus.

A Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora e o Fórum de Diálogos África-Diáspora foram espaços de reforço da importância das manifestações literárias na autoafirmação do povo negro e na preservação das heranças africanas para o mundo.

Deputada da Costa Rica defende aprovação do Estatuto da Igualdade Racial brasileiro

Economista e consultora internacional, a deputada costa-riquenha Epsy Campbell milita pela igualdade racial desde jovem. A incansável luta pela promoção de Ações Afirmativas levou a deputada federal, mulher e negra, a concorrer à vice-presidência da Costa Rica pelo Partido da Ação Cidadã nas eleições presidenciais realizadas em fevereiro de 2006. Por apenas meio ponto percentual, Epsy perdeu a oportunidade de levar a oposição costa-riquenha ao poder. Conhecida por suas belezas naturais, a Costa Rica possui 4,5 milhões de habitantes. Dados oficiais indicam que apenas 2% da população do país se auto-declara negro e negra.

Em sua participação na 1ª Conferência Regional das Américas, Epsy Campbell fala da condição da Mulher Negra na América Latina e no Caribe, da Conferência de Durban e do desenvolvimento do continente latino-americano, e deixa um recado: “os(as) brasileiros(as) devem acolher o Estatuto da Igualdade Racial”.

Mulher Negra nas Américas e no Caribe

A deputada federal avalia que importantes avanços sociais foram registrados nas Américas e no Caribe. Hoje, as mulheres negras ocupam cargos públicos, são senadoras, deputadas e ministras. Porém, o forte tráfico de mulheres para a Europa, gerado pela baixa escolaridade e falta de políticas públicas para as mulheres negras ainda são um entrave, segundo Epsy Campbell, para a garantia de justiça social no continente. “As mulheres negras em nosso continente ocupam postos informais no mercado de trabalho, recebem baixos salários e não são motivadas a ascender socialmente”, aponta.



Brasil é ponta em avanços raciais

No momento em que as Américas param para revisar os cinco anos pós-Conferência de Durban, Epsy Campbell comemora o fato de o Brasil ser um país referência nos avanços e na implantação de políticas afirmativas e inclusivas para a população negra. Para ela, a realização da Conferência de Durban foi um marco na abordagem do racismo como um problema mundial. “Temos que produzir mais informes, mais dados estatísticos para comprovar aos organismos internacionais que a promoção da igualdade de raça e gênero é uma ação necessária para garantir o desenvolvimento das sociedades em nosso continente”, disse ao apontar como positiva a realização da 1ª Conferência Regional das Américas.





CONFERÊNCIA REGIONAL DAS A

Governos das Américas e do Caribe reafirmam Ações



Dirigentes da sociedade civil e dos governos das Américas e do Caribe pactuaram em Brasília inúmeras ações, ao final da 1ª Conferência Regional das Américas que por três dias (de 26 a 28/7) reuniu representantes de governos das Américas e Caribe, em Brasília. Entre as ações está a criação de mecanismos de controle e monitoramento de políticas governamentais para a área da igualdade racial.

Os relatores também destacaram no texto final, a satisfação pelo avanço do debate em torno do racismo e de todas as formas de discriminação nos países americanos e caribenhos. Um dos exemplos mais ressaltados na região é o do Brasil, a partir da criação, em 2003, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), como o primeiro órgão de Governo (na esfera federal) voltado para o acompanhamento e realização de

mentais.

Ações afirmativas pelo fim das desigualdades:

O documento final, produzido com a participação de representantes de 21 dos 35 países das Américas, reúne as proposições para a promoção da igualdade racial e o combate ao racismo e às desigualdades que atingem com maior prevalência.

Os afro-descendentes, indígenas, ciganos, mulheres, jovens, imigrantes e as diversas manifestações da sexualidade. "A Conferência reconheceu que o momento é propício para compilar as melhores práticas na região e compartilhá-las. Os povos dos países americanos, em conjunto, atribuem à sua constituição multiétnica e multicultural um caráter positivo, de contribuição para a convivência humana, para a promoção dos direitos humanos, construção de culturas de paz e de respeito mútuo bem como de sistemas políticos democráticos", expressa um trecho inicial do documento, lido pela ministra Matilde Ribeiro.



AMÉRICAS CONTRA O RACISMO

s para Fortalecer o Combate à Discriminação Racial

Mosaica

O o resumo do documento final da 1ª Conferência Regional das Américas traz também encaminhamentos importantes como: a necessidade de Ações Afirmativas preventivas nas áreas da educação e do sistema jurídico, eliminando a violação dos direitos, principalmente da juventude negra; ação governamental nas fronteiras e áreas de trânsito na defesa dos direitos dos imigrantes; ratificação da proteção da infância e da juventude; desenvolvimento de metodologias de aferição dos resultados e planos, programas e políticas de promoção da igualdade racial, entre outras ações apresentadas e discutidas durante o encontro.

Plano de Durban na prática:

A Conferência também solicitou aos organismos internacionais, como as Nações Unidas, que continuem subsidiando e acompanhando a implementação do Plano de Ação de Durban, aprovado na III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Intolerâncias Correlatas. Ainda foi registrada a contribuição da diversidade presente à Conferência como as religiões de matriz africana, os indígenas, ciganos, judeus, palestinos, a juventude negra e os grupos GLBTTs, reforçando as demandas levantadas por esses segmentos, de políticas específicas para eliminação dos preconceitos sofridos.

Outro importante encaminhamento expresso no docu-

mento final é a necessidade de consulta aos gestores das Américas e às organizações da sociedade civil sobre os temas debatidos nesta Conferência para a efetivação das propostas aprovadas.

Por fim, o resumo presta uma homenagem às vítimas do colonialismo e da escravidão transatlântica, e repudia todas as formas de racismo atuais. "Que essa memória constitua para cada grupo vulnerável uma fonte de energia inesgotável para persistentes lutas contra as novas modalidades de xenofobia, racismo e discriminação e contra as formas contemporâneas de escravidão. A Conferência convocou os protagonistas da luta contra a discriminação racial (...) a darem novos impulsos aos consensos alcançados para o reconhecimento da diversidade e da igualdade nas Américas, por meio da solidariedade e da cooperação, da paz e da democracia", finaliza o texto.

A arte em prol da Igualdade Racial:

Momentos de emoção marcaram a cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Regional das Américas. A titular

da SEPPIR, ministra Matilde Ribeiro, agradeceu o apoio recebido por artistas, lembrando o momento cultural promovido na noite da última quinta-feira (27/7). Nomes da música popular como Toni Garrido, Netinho de Paula, Leci Brandão, Sandra de Sá, Zezé Motta e Markão II sacudiram a platéia que dançou e cantou em show musical realizado no Espaço da Corte. "Os artistas não ganharam cachê, empenharam-se em somar à Conferência e fizeram da arte uma voz para conclamar a sociedade a lutar pelo fim do racismo e da discriminação", frisou Matilde Ribeiro.

O abraço de Matilde Ribeiro na atriz Zezé Motta, que saiu do Rio de Janeiro, onde grava a novela "Sinhá Moça", da Rede Globo, para acompanhar o final da Conferência Regional das Américas selou a continuidade da luta da sociedade civil e dos governos americanos pelo fim do racismo e por Ações Afirmativas. Em grande estilo, a 1ª Conferência Regional das Américas encerrou com um baile, com boa música black e a animação de todas as pessoas presentes na Conferência.





Juventude lança O Laço Laranja, símbolo do Combate ao Extermínio de Indígenas e Negros

A plenária reservada aos relatos das organizações não governamentais (ONGs) durante a 1ª Conferência das Américas, teve seu momento de emoção quando a universitária gaúcha Thatiane Silva, 22, e o psicólogo paraguaio Martin Marcelo Negrete Larsch, 29, lançaram o Laço Laranja, símbolo que lembra a urgência, o comprometimento e a luta contra o extermínio de jovens indígenas e negros em todo o mundo, em especial, nas Américas. A iniciativa comoveu a platéia.

Thatiane Silva, estudante de Medicina em Cuba, pontuou “que o século 21 é o século das reparações para com a juventude”. Com a voz embargada, ela pediu à plenária que fizesse um ato de solidariedade, de lembrança, reservando um minuto de silêncio, aos milhares jovens indígenas e negros e que diariamente são mortos no mundo.

Entre as múltiplas proposições apresentadas pela Juventude durante a 1ª Conferência das Américas, o destaque ficou para as ações contra o extermínio de jovens negros e negras e indígenas. Os jovens também reivindicaram a implementação dos acordos firmados entre a sociedade civil, Estados e organismos de cooperação internacional na Conferência de Durban, em 2001.

O documento apresentado por Silva ainda enfatiza a participação de jovens negros, homens e mulheres, indígenas, gays, lésbicas, pessoas trans, deficientes, cegos e portadores de HIV/AIDS em todas as conferências e encontros que decidirão as políticas e ações para estes grupos. Ela ainda destacou a importância da adoção de políticas de Ações Afirmativas voltadas para promoção da população negra brasileira.

Cineasta propõe debate permanente sobre mídia e racismo

O cineasta Joel Zito Araújo, diretor dos longas "Negação do Brasil" e "Filhas do Vento", defendeu, durante plenária da 1ª Conferência Regional das Américas, que as práticas racistas perpetuadas pela mídia devem ser temas permanentes em fóruns e debates internacionais de combate ao racismo. Joel Zito falou na plenária do movimento social da Conferência que ocorreu em Brasília de 26 a 28 de julho e reuniu representantes governamentais e da sociedade civil para debater os avanços no Plano de Ação de Durban de vários países das Américas. O cineasta também esteve presente às mesas que discutiram o cinema da África e da diáspora durante a II CIAD e o Fórum de Diálogos África-Diáspora, que ocorreram em Salvador, no mês de julho.

Para Joel Zito Araújo, o processo de embranquecimento da identidade nacional, engendrado no pensamento brasileiro, sempre foi fortalecido pela mídia. Prova disso é que a difusão de idéias como a 'democracia racial', do pensador



Gilberto Freire, coincidem com a expansão dos meios de comunicação de massa, em especial, o cinema, a telenovela, a propaganda e os programas infantis da tevê. "Essas mídias sempre foram utilizadas para fortalecer as práticas raciais e preconceitos que inferiorizam negros e indígenas, através da sub-representação e da manutenção de estereótipos racistas".

Como proposta, Joel Zito Araújo apresentou a urgência da inserção do tema 'Mídia e

Racismo' para o debate permanente em encontros como a Conferência Regional das Américas, para que Governos e movimento social entendam a relevância da comunicação na luta contra as desigualdades raciais.

Por fim, o cineasta destacou a importância do tópico Comunicação no Estatuto da Igualdade Racial, projeto do senador Paulo Paim que tramita no Congresso Nacional, e reforçou a necessidade de incentivo aos veículos de comunicação alternativos à grande mídia que "valorizam as contri-

buições negras e indígenas para o desenvolvimento do Brasil".

Além de dirigir longas premiados como Filhas do Vento, Joel Zito é o responsável pelo curta "Vista a minha pele", produzido pelo Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades - CEERT e que tem sido uma poderosa ferramenta utilizada por educadoras e educadores de todo o país para a implementação da Lei n.º 10.639/03, iniciando as discussões em sala de aula acerca das desigualdades raciais brasileiras.

Mosaico





Rede Palmares de Comunicação: Investimentos na divulgação do patrimônio cultural afro-brasileiro

A atuação da Fundação Cultural Palmares na produção e publicação de audiovisuais, revistas, livros, cartazes, pôsteres e cartilhas tem superado expectativas, contribuindo e incentivando, consistentemente, a difusão da arte, da cultura e do patrimônio afro-brasileiro nos meios de comunicação.

Com esse objetivo, em setembro de 2005, através do projeto - **Prêmio Palmares de Comunicação** – a Fundação contemplou sete videosdocumentários e dez rádiodocumentários. Desde o lançamento das obras, em 2005, a Fundação Cultural Palmares assumiu o compromisso de garantir a exibição dos trabalhos premiados. Uma prova disso foi realizada entre 19 e 26 de novembro último, quando a FCP/MinC, em parceria com a Radiobrás, empresa de Comunicação do Governo Federal, realizou a mostra “Semana da Consciência Negra”. Quatro videosdocumentários premiados no Prêmio Palmares e três produções da coletânea sobre a vida do cineasta Zózimo Bulbul foram apresentadas ao público brasileiro. Também na área da Comunicação Social, a Fundação Cultural Palmares/MinC vem ao longo desses últimos anos, produzindo livros, séries radiofônicas e passou a oferecer aos internautas, desde junho de 2006, o novo Portal FCP. Com linguagem acessível e uma série de serviços, o Portal já recebeu a visita de mais de 100 mil acessos.

No entanto, a Fundação continua incentivando a expressão cultural afro, tendo apoiado também a criação e lançamento de diversos livros, contendo temas raciais ou que tenham como

autores, afro-descendentes; além de patrocinar a gravação de cds de grupos de movimentos culturais de tradição africana, como o Hip-hop.

Entre os mais novos projetos literários lançados pela Rede Palmares de Comunicação encontramos o CD-Rom: **Literatura, História e Cultura Afro-brasileira**. Na verdade, é um multimídia que contém 3 livros, reproduzidos completamente, de capa a capa, que teve um total de 4 mil minicds gravados e distribuídos gratuitamente.

Um destes livros do cd é: **Uma história do negro no Brasil** – de Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho. A obra vem suprir a necessidade de material didático específico para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, tornada obrigatória por meio da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. O volume é um excelente retrato dos obstáculos dos quais os negros tiveram que suportar. Contudo, dessa vez foi diferente, já que nele, a versão da história é contada pelo próprio negro, que aqui se destaca como personagem principal.

O outro trabalho também encontrado no multimídia chama-se **Literatura Afro-Brasileira**, que, no mesmo sentido, busca suprir a demanda por livros didáticos na área da cultura negra. A obra foi organizada e produzida pelas professoras Florentina Souza e Maria Nazaré Lima, também com o apoio da Fundação Palmares. Essa edição traz representantes da literatura negra, exibindo alguns dos maiores autores negros, assim como, algumas das melhores obras sobre o tema racial.





E por fim, encontramos também no minicd, o volume: **De olho na Cultura – Pontos de Vista Afro-brasileiros**, das autoras Andréia Lisboa de Souza, Ana Lúcia Silva Sousa, Heloisa Pires Lima e Márcia Silva. Trabalho este que vem complementar o projeto de valorização da literatura negra. Esta obra reúne o ponto de vista de quatro mulheres negras que apresentam a multiplicidade dos universos culturais afro-brasileiros, apresentando e discutindo a formação da nossa identidade cultural, as memórias corporais afro-brasileiras, a língua e as modalidades culturais de linguagem.

A produção e edição impressa desses três livros é fruto de uma parceria entre CEAO/UFBA e FCP.

Outro livro que merece destaque, também produzido com o apoio da Fundação Palmares, é a belíssima obra de Januário Garcia – **25 anos de movimento negro no Brasil**. Em edição bilíngüe, Januário traz imagens e textos que marcam a trajetória da luta dos negros em nosso país, mostrando as dificuldades e sucessos obtidos ao longo dessa jornada. O livro retrata as marchas, discute as políticas raciais, expressando por fotos e escritos, a cultura negra: na religião, na arte, e na literatura. Nas palavras do Ministro Gil, essa obra é um “registro da memória da luta pela democracia em nosso país”.

Já entre as parcerias musicais, a Fundação viabilizou o lançamento público, agora em dezembro, de dois cds de Hip-hop.

O cd **Rosas**, do grupo **Atitude Feminina**, de São Sebastião/DF, que busca com suas músicas chamar a atenção das pessoas para o lado feminino do movimento Hip-hop, bem como, lutar contra a discriminação que as mulheres de classe baixa sofrem. Com letras fortes, Jane Veneno, Aninha, Hellen e Giza Black - integran-

tes do grupo – estão conseguindo grande destaque entre os jovens da periferia, rádios comunitárias e produtores de eventos. O outro cd lançado foi: **Hoje eu tive um sonho...** **Carolina de Jesus** - que é um resultado do Projeto Dimensões de Gênero e Raça no Movimento Hip-hop, da Ong Criola, apoiado pela Palmares, que visou ampliar a autonomia e o protagonismo sócio-econômico e político da juventude negra envolvida no movimento Hip-hop. Participam do cd os músicos cariocas: Negra Liza, Shelly do Salgueiro, Negra Lu, Flávia Souza, RE.FEM, Negresoul e Dj Cris Soul.

Como último destaque, temos a recém-lançada **Obras Raras – O cinema negro da década de 70**, um compêndio com algumas das melhores obras cinematográficas produzidas por atores e diretores negros nos anos 70. Mais do que arte, a obra que foi organizada por Biza Vianna, tornou-se um arquivo histórico, refletindo parte da história da cultura do cinema brasileiro, assim como, da própria história da cultura afro-brasileira.

Assim, a Fundação Cultural Palmares mostra que está trabalhando da melhor maneira para contribuir com a divulgação e reconhecimento da cultura afro-brasileira. E espera-se com toda essa produção, além de valorizar e viabilizar os autores e autoras afro-brasileiros(as), a cultura afro e negra, é também, levar à nossa sociedade um pouco mais de consciência acerca da realidade sociorracial do nosso país. Minimizando, dessa forma, conflitos e intolerâncias raciais.

Essa é a importância da Rede Palmares de Comunicação, mostrar ao público, à sociedade, os talentos e trabalhos transformados em obras que marcam e caracterizam a história da cultura e do povo afro-brasileiro, ou seja, do próprio povo brasileiro.

A lista com todos os vencedores de vídeo e rádiocumentários pode ser encontrada no portal da Fundação Cultural Palmares - www.palmares.gov.br - no link – **Áudio & Vídeo**. Nele, todos os programas de rádio podem ser acessados e ouvidos diretamente em nosso site. Em breve, também estaremos disponibilizando o conteúdo dos vídeos. Já as publicações literárias podem ser encontradas no link – **Publicações** – e, assim que possível, estaremos disponibilizando também, os arquivos de todas as publicações para cópia.



Leci Brandão mescla música e ação política

Elevador é quase um templo / Exemplo pra minar teu sono / Sai desse compromisso / Não vai no de serviço / Se o social tem dono, não vai... Quem cede a vez não quer vitória / Somos herança da memória / Temos a cor da noite / Filhos de todo açoite / Fato real de nossa história Se o preto de alma branca pra você / É o exemplo da dignidade / Não nos ajuda, só nos faz sofrer / Nem resgata nossa identidade”.

Os versos da música 'Identidade', do compositor Jorge Aragão, foram os escolhidos pela sambista Leci Brandão para expressar a sua mensagem aos participantes da 1ª Conferência Regional das Américas, que aconteceu entre os dias 26 e 28 de julho, em Brasília. Leci chegou na tarde do dia 27/7, ao Hotel Blue Three Tower, depois de fazer um show que terminou às 6h30 da manhã do mesmo dia, em São Paulo, para gravação ao vivo do seu primeiro DVD.

A cantora reuniu vários amigos do samba, da velha guarda e da juventude do pagode, para regravação de músicas com letras políticas que ficaram consagradas na voz da sambista, como Zé do Caroco e Revolta Olodum, entre outras. O nome do projeto, que inclui CD e DVD com depoimentos de colegas de carreira, não poderia ser mais objetivo e revelador da militância política de Leci Brandão: “Canções Afirmativas”.

“Isso eu tenho falado desde o início da minha carreira. Não há um disco meu

que não tenha uma música com letras de protesto e de reivindicação social”, afirma a mangueirense, defensora das cotas “para negros, índios e pobres”, como tem afirmado em diversos encontros da comunidade negra. Integrante do Conselho de Promoção da Igualdade Racial, ligado à SEPPIR, Leci Brandão tem sido a voz mais veemente e de forte diálogo com os anseios da população negra.

Foi assim quando representou a sociedade civil na abertura da 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, em 2005, em Brasília, e se repetiu quando defendeu as cotas e o Estatuto da Igualdade Racial, durante a II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (II CIAD), em Salvador. E Leci estava lá, falando de forma firme e sempre preocupada para que as discussões atinjam as principais vítimas das desigualdades: o povo pobre e negro da periferia.

“Não adianta ficar com esses discursos intelectualizados e sem objetividade. Tem que se preocupar com o povão, com o trabalhador, os

moradores dos guetos. Falar uma linguagem que eles entendam e percebam que é uma luta deles. Senão é perda de tempo”, afirma de forma taxativa a cantora, uma das mais respeitadas do cenário musical brasileiro. Coragem nunca faltou nesta trajetória de 30 anos de Leci Brandão da Silva, nascida em Vila Isabel e primeira mulher da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira.

RESPEITO A LECI BRANDÃO

O respeito e a posição alcançada por Leci Brandão entre seus colegas da música pôde ser presenciado pelos participantes da 1ª Conferência Regional das Américas durante um show que reuniu nomes populares da MPB. Além de Leci Brandão, subiram ao palco as cantoras Zezé Mota e Sandra de Sá e os cantores Netinho de Paula, Tony Garrido e o rapper Marcão. Todos prestaram homenagem à sambista e cantaram juntos o melhor da música negra brasileira, como Isso é fundo de Quintal, É D'Oxum, País Tropical, Olhos Coloridos e Que Bloco é esse?, do bloco afro baiano Ilê Aiyê.

Além de mostrar porque é uma das sambistas mais respeitadas do Brasil, Leci utilizou o microfone para, de forma corajosa, expor seu comprometimento com a luta social. E reclamou da falta de engajamento de outros artistas populares. “Atualmente, no Brasil, quem faz música de protesto são os jovens do movimento Hip Hop. Pois quem fazia música de reivindicações políticas hoje tá na capa da revista Caras, Quem etc. Não percebem que muitos problemas brasileiros continuaram depois do fim da ditadura”, reclamou, sendo aplaudida pelo público.

Em reconhecimento à sua importância como exemplo de luta para a juventude negra, os jovens presentes à Conferência Regional das Américas entregaram a Leci Brandão, durante o show, um 'laço laranja', símbolo da Campanha lançada na Conferência, contra o genocídio da juventude negra das Américas e da emergência de políticas afirmativas, como as cotas e o Estatuto.

Canções Afirmativas

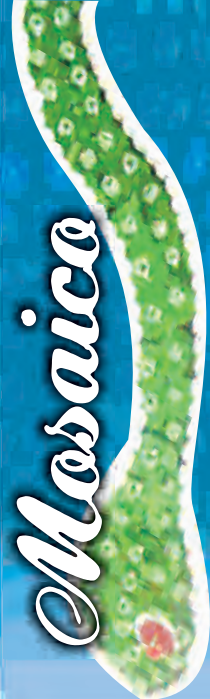
Leci convidou amigos como a cantora Alcione, Jorge Aragão, Paula Lima, Mano Brown e os sambistas Péricles (Exaltasamba) e Marquinhos (Sensação) para registrar em “Canções Afirmativas”, músicas de forte cunho social e político, gravadas pela sambista ao longo dos anos. Temas como a importância da educação, a atenção aos pobres, a discriminação contra os negros, o respeito às religiões afro-brasileiras e a defesa corajosa do samba de raiz, estão em canções como: “O Morro Não Tem Vez”, “PT Saudações”, “A Filha da Dona Leci”, “Anjos da Guarda”, “Identidade”, “Zé do Carão”, “Revolta Olodum”, “Deixa, Deixa”, “Preferência”, “Samba é Samba”, “Afina a Viola”, “Isso é Fundo de Quintal”, “Só Quero Te Namorar”, “Saudação ao Rei das Ervas”, entre outras que integram “o CD/DVD “Canções Afirmativas”, uma contribuição fundamental para a luta contra o racismo e todas as formas de discriminação.



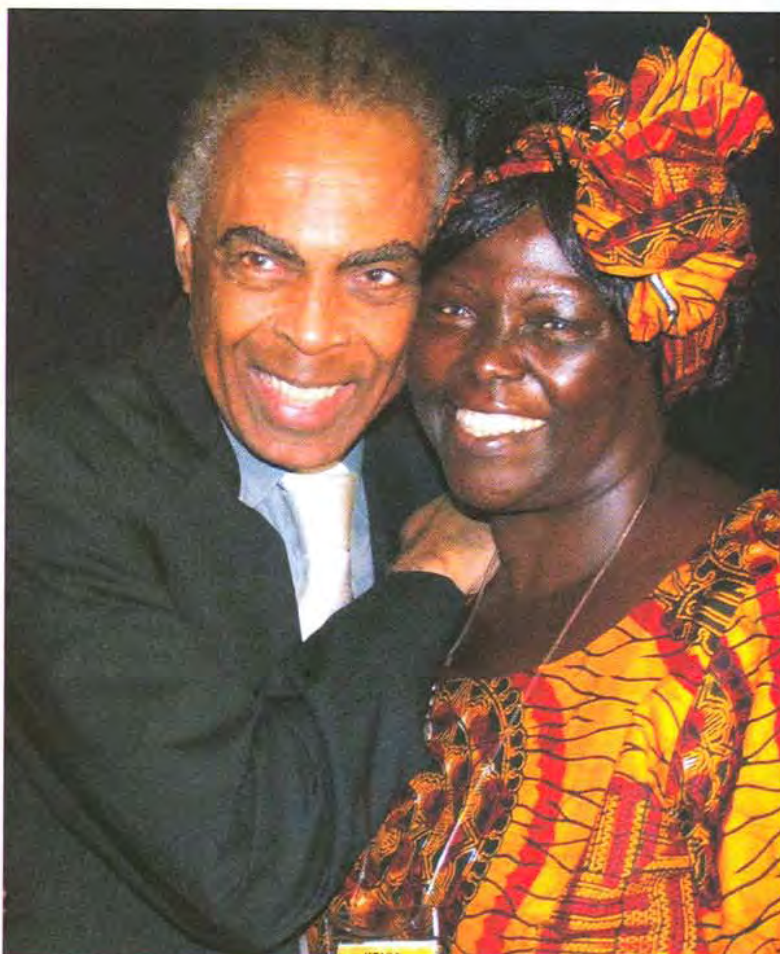
Título:
CD/DVD Canções afirmativas

Artista:
Leci Brandão

Gravadora:
Indie Record, 2006



PRÊMIO NOBEL DA PAZ É OTIMISTA COM O FUTURO DA HUMANIDADE



Um sorriso largo, símbolo de otimismo, já fez morada no pequeno e delicado rosto da ambientalista e ministra do meio-ambiente do Quênia (África), Wangari Maathai, 66 anos, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2004. A primeira mulher africana a receber esse prêmio, também foi a primeira a ter o título de doutora no seu país e Ph.D pela Universidade de Nairobi, onde leciona.

Coragem, determinação, carisma, ativista dos direitos humanos e femininos. Essas são algumas das facetas da personalidade de Wangari, autora do livro, publicado nos EUA, em 2003, *The Green Belt Movement: Sharing the Approach and the Experience*, (O Movimento do Cinturão Verde: Dividindo a Experiência). Wangari liderou esse movimento, iniciado no Quênia em 1977 e que contava, basicamente, com a participação de mulheres.

Ao ganhar o Prêmio Nobel (nunca antes dedicado a uma ambientalista) Wangari deu visibilidade internacional a um dos graves problemas do seu país: o desmatamento, responsável pela destruição da biodiversidade do Quênia, redução de conservação da água pelas florestas e erosão do solo. Para enfrentar o problema Wangari aliou a luta pelo reflorestamento com a das mulheres quenianas.

Wangari liderou campanhas de esclarecimento público destacando a importância do cuidado com o meio ambiente que, para ela, é fundamental para se alcançar a paz. “Quando o meio ambiente é degradado as populações sofrem, passam fome e não têm os recursos mínimos para sobreviverem”, costuma afirmar.

Mas nem sempre seus princípios agradaram os governantes, comprometidos com outros interesses. Conflitos e perseguições políticas também fazem parte do seu currículo.

lo. Mas ela não se intimidou. Na década de 70, por exemplo, foi espancada e perseguida por impedir a construção de um prédio, com mais de 60 andares, bem no Parque Uhuru, considerado o principal espaço público verde de Nairobi, capital do Quênia. Ao final, a vitória, marcada com o sangue de sete companheiros.

Em mais de 30 anos de campanhas ambientalistas, Wangari contribuiu para o plantio de mais de 30 milhões de árvores e geração de emprego para quase 100 mil pessoas. Ao mudar o cenário ambiental de seu país, a ativista também contribuiu para ampliar a participação políticas das mulheres quenianas. Hoje cerca de 30 países africanos, mais o Haiti e os EUA adotam as propostas do Movimento Cinturão Verde. Atualmente Wangari associou mais uma luta: o cancelamento da dívida externa dos países pobres.

A Prêmio Nobel foi uma das participantes da II CIAD com a qual fizemos a entrevista abaixo, na qual Wangari fala da importância da preservação do meio ambiente para a humanidade, do papel da juventude negra no século XXI e da necessidade do intercâmbio entre os negros africanos e da diáspora.

Pergunta: O que significa para você, o fato de uma mulher africana receber o Prêmio Nobel da Paz?

Wangari Maathai: Eu tenho quase a

Pérolas Negras



certeza que o Comitê Nobel norueguês havia decidido, por uma razão bem específica, dar o Prêmio Nobel da Paz, antes de tudo, para alguém que luta pelo meio ambiente e depois para uma mulher africana. A razão era reconhecer primeiro a importância do meio ambiente e o papel central que ele tem para o nosso desenvolvimento e para a nossa capacidade de continuar a conviver em paz uns com os outros. Mas o comitê também queria apoiar a África e, com certeza, a diáspora também, em qualquer lugar que fosse.

A África não é um continente pobre. É um continente muito rico e o fato de que africanos, em qualquer lugar que seja, serem pobres ocorre porque nós temos um sistema de gestão pública que, muitas vezes, não respeita os direitos humanos nem as leis e, que com certeza não promove uma distribuição equitativa dos recursos. Isso é uma verdade na África e também nas diásporas.

Então, para mim, receber o Prêmio Nobel da paz não foi só uma grande honra e um apoio para o trabalho que venho desenvolvendo

do desde os últimos 30 anos e, que se concentra nestas três questões: meio ambiente e administração sustentável dos recursos; gestão pública e respeito aos direitos humanos; e paz. Então, esse prêmio não foi somente um reconhecimento dessas três questões e da maneira como nós as tratamos, mas foi também um esforço deliberado para homenagear os africanos e os

encorajar a ter mais respeito por essas questões e, assim, desenvolver e melhorar a qualidade de vida de todos os africanos em qualquer lugar que eles estejam.

Pergunta: Professora, gostaríamos de saber quem é essa mulher que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 2004. Sua história, sua profissão...

Wangari Maathai: Bem, para responder a isso vamos precisar de um livro! (risos)

Pergunta: Que mensagem a senhora tem para encorajar às jovens mulheres negras brasileiras?

Wangari Maathai: Estou muito feliz de estar aqui no Brasil. É a primeira vez que venho à América do Sul desde que recebi o prêmio, e estou

Estou muito feliz de estar aqui no Brasil. É a primeira vez que venho à América do Sul desde que recebi o prêmio, e estou particularmente feliz que isso aconteceu no contexto dessa II Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora.





particularmente feliz que isso aconteceu no contexto dessa II Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora. Eu sei que através dos apoios que eu recebi, como uma mulher africana vindo do Quênia e trabalhando para o meio ambiente e com as questões de gestão pública e paz, o Comitê Nobel norueguês queria encorajar a todos nós. Quero, em particular, falar para os jovens negros.

Vocês, jovens, eu quero encorajar vocês para que acreditem em si mesmos. Vocês devem entender que eu, antes de receber o Prêmio Nobel, não estava esperando nada em particular. A única coisa foi que eu identifiquei um problema, que nos últimos 30 anos procuro resolver com toda paixão. Nunca foi na intenção de receber um Prêmio Nobel da Paz.

Além disso, foi a primeira vez que o meio ambiente é reconhecido pelo Prêmio Nobel. Eu sigo nessa direção porque a reconheço como uma questão muito importante para o melhoramento da qualidade de vida do nosso povo, para o desenvolvimento, e para nossa capacidade de viver em paz.

“Vocês, jovens, eu quero encorajar vocês para que acreditem em si mesmos. Vocês devem entender que eu, antes de receber o Prêmio Nobel, não estava esperando nada em particular. A única coisa foi que eu identifiquei um problema,”

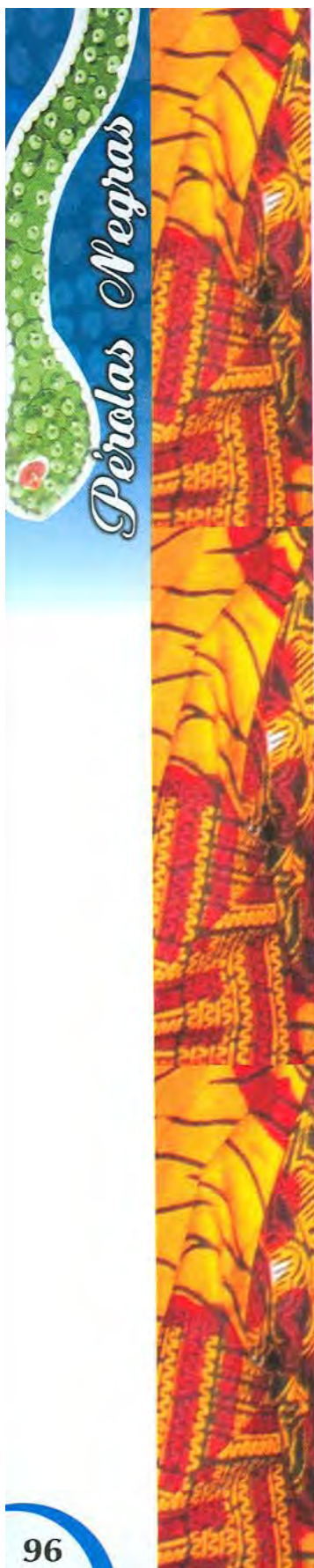
Eu peço a vocês para acreditarem em alguma coisa. Acreditar em você, acreditar em uma idéia, em um objetivo na direção do qual você pode trabalhar; ir à escola e ficar na escola. Porque nessa idade, na nossa época, no século XXI, a educação é a chave do progresso. Vocês, jovens, não só devem receber uma educação, mas também habilidades que vão ajudar vocês a serem competitivos no nosso mundo de hoje.

Eu quero também encorajar vocês a cuidar da saúde e ficar longe de atividades que vão prejudicar sua saúde, porque se vocês não forem saudáveis, vocês não irão poder competir. Eu acho que isso, talvez, seja a única mensagem relevante, agora, para vocês, jovens. Se vocês vão à escola, fiquem na escola e adquiram educação.

Se vocês adquirirem habilidades e forem saudáveis, então vocês serão competitivos e poderão dizer realmente que só o céu é o limite.

Acreditem em vocês! É muito importante para nós, em particular, porque vivemos em um mundo que discrimina, que pratica racismo, então quando fazemos coisas que reduzem nossas capacidades para competir estamos sendo muito





injustos com nós mesmos, muito pouco sábios. Então, vamos ser sábios e perceber que nós vivemos em um mundo muito competitivo, onde tem muitas coisas contra nós. Precisamos usar tudo o que Deus nos deu. Desejo a vocês tudo que há de melhor.

Pergunta: Comenta-se que a II CIAD busca o renascimento da África negra. Qual é, em sua opinião, o laço entre o meio ambiente e esse renascimento?

Wangari Maathai: Eu agradeço muito ao presidente Lula da Silva por ter me convidado para essa conferência e, estou muito feliz de ter tido a possibilidade de vir. Uma das razões é o fato de que o meio ambiente, na verdade, não estava na pauta do dia, não existia um planejamento de oficinas sobre o meio ambiente. Isso é porque muitas pessoas não concebem bem o papel que o meio ambiente tem em nossas vidas. Mas todos nós comemos e a comida vem da terra que precisa receber chuva. Então precisamos da terra, precisamos da água, precisamos de ar puro, precisamos ter o direito a um meio ambiente saudável e limpo.

Agora, tanto para as pessoas negras que vivem na diáspora, assim como às pessoas que vivem na África – um continente ameaçado pela desertificação – é muito importante que nós percebamos isso, a fim de poder continuar a sobreviver, a lutar. Para poder fazer isso, nós precisaremos

de um meio ambiente que possa nos sustentar. Então precisamos aprender a proteger o meio ambiente em qual vivemos e entender que o meio ambiente – seja o ar que respiramos, a água pura que bebemos, a comida limpa e saudável que comemos – é tudo isso.

Assim, poderemos usar fontes de energia melhores e tudo isso fará com que sobrevivamos melhor. Então, nesta conferência, falamos sobre a nossa história, recordamo-la, lembramos de onde viemos, compartilhamos essa experiência através do Atlântico, e percebemos, também, que temos muito trabalho pela frente. Precisamos fazer um pacto para trabalharmos juntos, de nos conhecer uns aos outros, de nos educar uns sobre os outros. Para mim, isso foi o ponto mais importante desta conferência. Eu aprendi que muitas pessoas do outro lado do oceano Atlântico não sabem o suficiente sobre a diáspora, da mesma maneira que muitas pessoas da diáspora não sabem o suficiente sobre a África.

Às vezes, o que sabemos vem de pessoas querendo nos informar de maneira errada. Então, na maioria das vezes, temos concepções errôneas uns sobre os outros. Foi muito importante refletir sobre a consciência da necessidade de nos conhecer, aprender uns com os outros, nos educar uns sobre os outros e aprender a formar uma parceria. Assim, poderemos andar a frente e juntos.

CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Editor-chefe:

Ubiratan Castro de Araújo

Conselho Consultivo:

Dione Moura

Fernanda Felisberto

Leda Maria Martins

Márcio Barbosa

Martha Rosa Figueira Queiroz

Nelson Inocêncio

Severino Lepê Correia

Ubiratan Castro de Araújo

Jornalistas responsáveis - ASSECOM/FCP/MinC

Oscar Henrique Cardoso (FENAJ 5.661)

Marcus Vinícius Bennett Ferreira (DRT/RN 1.116)

Marília Matias de Oliveira

Colaboração Especial:

Laboratório de Mídia Étnica

Ceres Santos

Paulo Rogério

André Santana

Diagramação e Arte:

Wedson Bezerra

Projeto Gráfico:

Kiko Nascimento

Fotos:

Arquivo da FCP e arquivos pessoais

Impressão Gráfica e Acabamento:

Gráfica Artector

Tiragem: 6.000 exemplares

Periodicidade: Trimestral

Distribuição: Fundação Cultural Palmares/MinC

Obs.: A editoria Mosaico foi redigida pelos jornalistas da ASSECOM/FCP/MinC e do Laboratório de Mídia Étnica.

**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
MINISTÉRIO DA CULTURA**

GILBERTO PASSOS GIL MOREIRA
Ministro da Cultura

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
Presidente da Fundação Cultural Palmares

ZULU ARAÚJO

Diretor de Promoção, Estudos,
Pesquisa e Divulgação da
Cultura Afro-Brasileira

MARIA BERNADETE LOPES DA SILVA

Diretora de Proteção do
Patrimônio Afro-Brasileiro

MARTHA ROSA FIGUEIRA QUEIROZ

Chefe de Gabinete

ANA MARIA OLIVEIRA

Procuradora Geral

CLÓVIS MESIANO MUNIZ

Coordenador Geral de Gestão Interna

SANDRA BEATRIZ MORAIS DA SILVEIRA

Chefia da Assessoria de Gestão Estratégica

LINDINALVA AMARO BARBOSA

Representante da FCP Regional Bahia

ELISABETH DO ESPÍRITO SANTO VIANA

Representante FCP Regional Rio de Janeiro

OSCAR HENRIQUE CARDOSO

Assessor de Comunicação Social